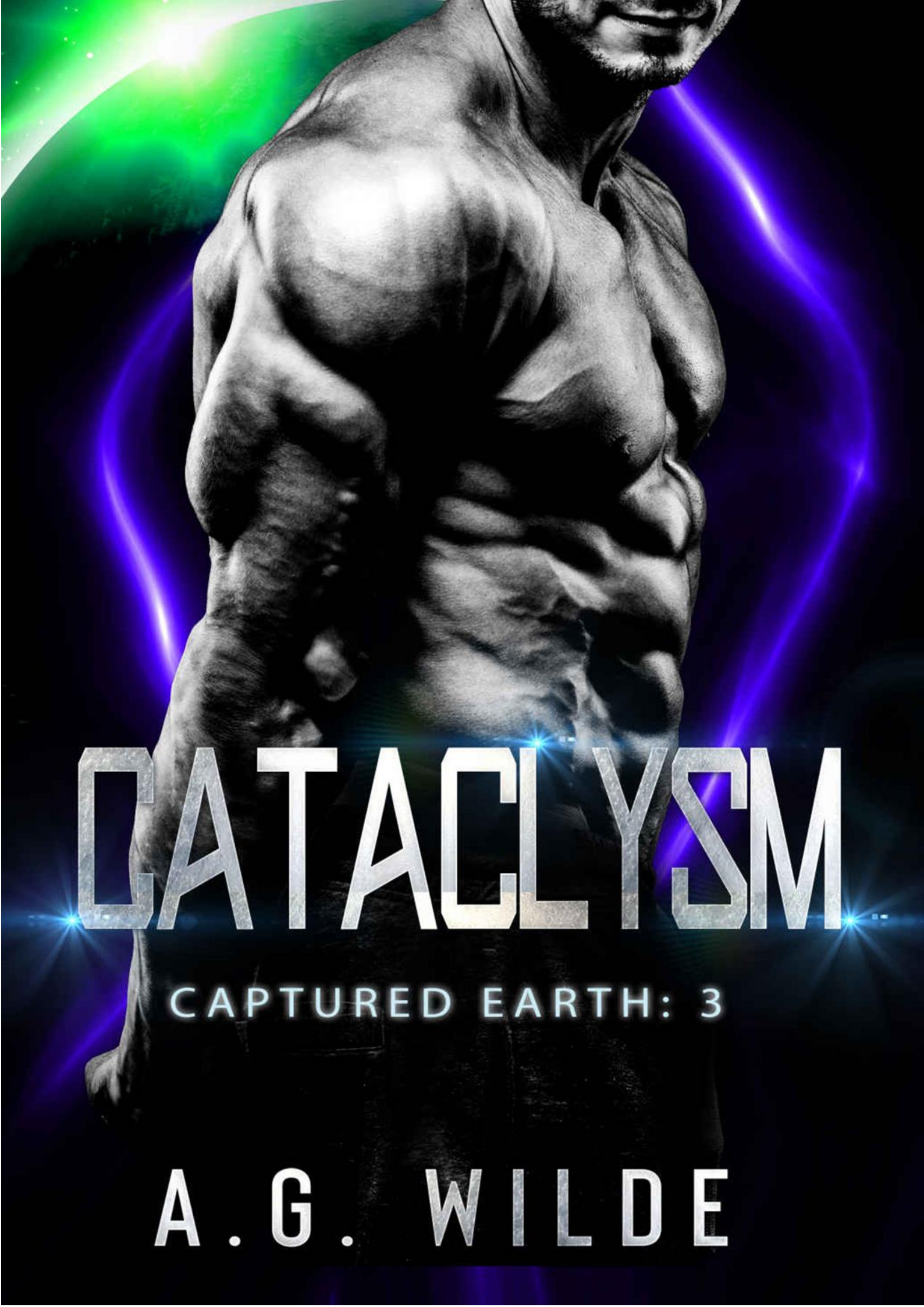




CATAclysm

CAPTURED EARTH: 3

A.G. WILDE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CATACLISMA

CAPTURED EARTH BOOK 3

A.G. WILDE

*Para todos aqueles que estão travando batalhas,
visíveis ou invisíveis.*

Cataclysm

Deja

Estou correndo de novo. Correndo. Correndo.

O perigo nas minhas costas é a única coisa que me estimula
porque meu corpo desistirá em breve.

Porque estou morrendo e o mundo está acabando.

Eu posso não conseguir.

E quando um demônio aparece diante de mim, sei que meu tempo
acabou.

Não vou cair sem lutar.

Mas ninguém me avisou que os demônios não devoram apenas
sua alma... às vezes... eles também consomem seu coração.

Fi'Rox

Nenhuma companheira me chamou, e digo a mim mesmo que não preciso de um.

Enquanto olho para a escuridão, as imagens da queda de Edooria se repetem em minha mente.

É por isso que estou aqui.

Eu falhei em proteger meus parentes. Minha casa.

Eu assisti tudo cair.

E minha punição é fazer tudo o que puder, mesmo que isso signifique desistir da minha vida, para fazer o Gryken pagar.

O prazer de uma fêmea... uma companheira ... está fora dos limites até que eu sirva ao meu melhor e cumpra esta tarefa.

Mas Dey'jah...

Ela me chama. Nenhuma outra mulher ousou chegar tão perto quanto ela, e agora que a toquei, não quero deixá-la ir.

ANTES DE VOCÊ LER

Este livro contém menção à perda de filhos.

Este pode ser um tópico delicado e, embora eu não me debruce sobre isso no romance, entendo totalmente se você decidir pular está leitura por esse motivo. Sem problemas. Tenho muitos outros ótimos livros para você explorar!

AG

ESTÁ TRADUÇÃO FOI FEITA POR FAS E PARA FAS.

Nós realizamos esta atividade **sem fins lucrativos** e temos como objetivo incentivar a leitura de autores cujas obras não são traduzidas para o PORTUGUÊS.

O material a seguir não pertence a nenhuma editora NO BRASIL, e por ser feito por diversão e amor à literatura, pode conter erros.

**ESTE LIVRO É FEITO PARA LEITURA
INDIVIDUAL, NÃO COMPARTILHEM**

**Por favor, não publique nossos arquivos em blogs,
Instagram, Twitter e no DOCERO.**



CAPÍTULO UM

Deja

Corra!

Corra!

Fuja.

Rápido.

Qualquer lugar exceto aqui.

Qualquer lugar exceto aqui!

Há uma floresta ao meu redor, mas eu nem vejo os arbustos, as árvores, enquanto tento fugir do terror que deixei para trás.

Estou correndo, a dor no meu lado, o sangue esquentando meus dedos, tudo um lembrete do monstro do qual estou tentando fugir.

Eu tenho que ir.

De alguma forma, eu tenho que ir embora.

Meus olhos piscam atrás de mim por um segundo e eu meio que espero ver a coisa lá.

Longos membros cinzentos. Olhos escuros como a noite.

Fileiras e fileiras de dentes enquanto abria a boca para me engolir.

Não da Terra.

Uma criatura das estrelas.

Um mundo distante do nosso.

Um pesadelo que se desdobrou em minha realidade.

Eu engasgo com a respiração enquanto meu peito aperta e a dor no meu lado fica pior.

Não sei se sobreviverei a isso.

Ao longe, percebo que estou perdendo muito sangue.

Que mesmo que aquela coisa não venha atrás de mim, estarei em uma situação ruim, de qualquer maneira.

Porque este é o deserto.

O mundo acabou e eu estou sozinha.

Posso morrer.

Breve.

Eu aperto meu braço em torno de mim, minha palma contra o buraco que a criatura fez em meu lado.

A sensação de sua pele contra a minha ainda permanece lá. A memória dele usando seu membro para passar direto por mim...

Eu não sei por que ou como a criatura me deixou ir.

Alguém no acampamento o distraiu de alguma forma.

Tudo o que me lembro é olhar em seus olhos, lutando para fugir, mas ficando impotente.

E então a dor...

Talvez tenha atingido um órgão.

Não sei.

Eu só preciso ir embora.

Ainda há uma chance de eu sobreviver a isso.

Ainda uma chance...

Um grito corta o ar em algum lugar atrás de mim, seguido por um som sobrenatural.

Um guincho tão alto que ecoa pelas árvores, acalmando até a própria floresta. Como se ela soubesse que está no meio de algo que não é deste mundo.

Eu engasgo com minha respiração pesada novamente, as lágrimas nublando tanto meus olhos que eu tropeço.

A terra é áspera e meus joelhos raspam nela enquanto deslizo pela encosta da montanha. Desço alguns metros antes de me levantar com as pernas trêmulas.

Outro grito de gelar o sangue ecoa pela floresta.

Eles estão mortos.

Todas aquelas pessoas no acampamento.

Billy. Jillian. Lily.

Aqueles dois irmãos idiotas que nos mantiveram cativos... e até aquela garota também.

A nova.

Sam.

Estão todos mortos.

Não há como eles matarem aquela coisa.

Eu tenho que continuar .

É a única maneira de sair dessa com vida.

Minha respiração soa alta em meus ouvidos e, ao longo do tilintar das contas em meu cabelo enquanto corro, estremeço ao pensar que o monstro me ouvirá.

Que vai me encontrar antes que eu chegue em segurança.

Mas... eu preciso .

Meu tornozelo torce e eu tropeço mais uma vez, rolando por alguns metros antes de minhas costas colidirem com a base de uma árvore.

A dor queima minha espinha quando um jorro fresco de líquido escorre pelos meus dedos. Reconheço vagamente que é o meu sangue.

Estou perdendo muito.

Enquanto a dor continua a disparar através de mim, olho na direção de onde vim.

Eu tenho que me levantar. Eu não consigo parar de correr.

O mundo enfraquece por um momento e eu agarro o chão abaixo de mim.

Não posso perder a consciência.

Não posso ...

Por alguma misericórdia, tudo volta a ficar claro e eu me empurro para fora da árvore, rastejando sobre minhas mãos e joelhos.

Espinhos e galhos cavam em minha pele enquanto eu trabalho meu caminho para a posição de pé novamente.

Eu tenho que continuar .

E assim eu faço.

De alguma forma, minhas pernas funcionam.

De alguma forma, eu empurro para frente.

O tempo está se arrastando enquanto eu corro.

Eu sei que os minutos passam, mas eles se movem muito devagar e eu não estou me movendo rápido o suficiente.

Não sei por quanto tempo corri, ou a que distância do acampamento fui.

Só sei que não consigo parar de me mover.

Porque essas coisas estão por aí em algum lugar.

E eles estão vindo me pegar.

Aparece do nada.

A floresta simplesmente para e eu tropeço no asfalto.

— Uma estrada — eu sussurro.

Minhas pálpebras estão tão baixas que me pergunto se estou vendo direito e, enquanto cambaleio pela estrada, agarro meu corpo.

Não houve nenhum som na floresta desde que escapei do monstro.

Uma parte de mim deseja que seja porque as criaturas morreram.
Que aquelas pessoas no acampamento os mataram de alguma forma.

Mas eu sei que é uma ilusão.

A floresta estava quieta antes que as criaturas aparecessem de repente.

E agora está quieto de novo.

Eles ainda estão por aí em algum lugar.

Caçando.

E eles vão me encontrar.

Eu tenho que continuar, mas não há como ir muito mais longe assim.

Mesmo com o pensamento, meus joelhos dobram e eu quase caio.

Segurando meu lado com mais força, eu continuo andando.

Vejo as estruturas antes de reconhecer o que estou olhando.

Carros.

Os estacionados.

Abandonados no meio da rodovia.

Um choque de reconhecimento passa por mim.

Carros.

Isso significa que as pessoas estavam aqui.

Talvez eu encontre algo.

Algo para curar está ferida. Um kit de primeiros socorros, se eu tiver sorte.

Eu tento me apressar para frente, mas tudo o que resulta é eu puxando meu lado esquerdo enquanto manco.

As solas de borracha dos meus tênis raspam no asfalto enquanto me movo, quase sem avançar.

Mas não posso parar agora.

O primeiro veículo está com a porta do motorista aberta.

— Olá?

Não sei por que me incomodo.

Eu sei que não há ninguém aqui.

Todo mundo se foi... ou morreu.

Essas enormes máquinas alienígenas destruíram tudo.

— Ai — eu respiro enquanto apoio meu joelho no banco do motorista e a dor no meu lado dispara por todo o meu corpo.

Cerrando os dentes, eu me inclino para dentro do carro, minha mão tremendo enquanto abro o porta-luvas.

Um livro. Alguns papéis. Nada de uso.

Olho para trás, mas não há nada no banco de trás e acho que não consigo abrir o porta-malas. Não no meu estado atual, pelo menos.

Talvez alguém já tenha estado aqui antes. Limpou tudo.

Voltando o olhar para a estrada, conto mais três carros por perto e vários outros cerca de meio quilômetro abaixo.

Eu tenho que continuar procurando.

Eu cambaleio até o próximo veículo e agarro a maçaneta, puxando-a em minha direção.

Não dá.

Eu tento de novo. Nada.

Qualquer energia que eu tinha de repente se esvai e eu me inclino contra o veículo, respiração forte fazendo meu peito subir e descer.

Uma fina camada de suor cobre minha testa e aquela sensação de desmaio retorna.

— Não — eu gemo.

Tenho que lutar contra isso.

Tenho que alcançar a segurança primeiro.

Enquanto descanso minha testa no vidro da porta do motorista, minhas pálpebras se abrem e minha visão clareia um pouco.

O suficiente para eu ver o lenço pousado no banco do carona, embaixo de uma revista e um par de óculos.

O lenço.

Eu poderia usá-lo para amarrar está ferida.

Apoiando-me no veículo, respiro fundo e coloco toda a minha força no braço enquanto puxo a maçaneta da porta.

Mas nada acontece.

— Porra. — Minha respiração sai irregular e a dor no meu lado me faz sibilar.

Não está abrindo.

É um daqueles novos SUVs com portas de travamento automático.

— Caramba.

Mas não tenho tempo a perder, então me afasto e sigo para o próximo veículo.

Estou na porta quando ela se abre de repente.

Não tenho forças nem para demonstrar surpresa quando o cano de um fuzil é empurrado na minha cara.

— Não se aproxime. — A voz é masculina. Bruto, como se ele passasse o tempo todo fumando e bebendo.

Eu congelo. Eu não tenho outra escolha.

Eu posso sentir minha força me deixando a cada segundo que passa.

Posso sentir escorrendo de mim com cada gota de sangue que sai de minhas veias.

— Eu não quero fazer mal. — Eu caio contra o carro, as contas nas pontas das minhas tranças chacoalhando enquanto eu respiro.

Deus sabe que estou em péssimo estado quando uma arma apontada para o meu crânio não me incomoda.

— É melhor você sair daqui, se você sabe o que é melhor para você. Essas máquinas são atraídas por mulheres . É você que eles vão atrás. Já vi isso acontecer com meus próprios olhos. Não quero problemas.

Eu quero responder a ele, mas não tenho forças para isso.

Em vez disso, permito que o carro aguento meu peso e, pela primeira vez, paro para olhar meu ferimento.

Meus dedos tremem quando levanto a palma da mão, vermelha com o fluido que deveria estar dentro do meu corpo, não fora dele.

— Este é o seu carro? — Minha voz soa fraca, muito baixa, enquanto olho para a ferida.

É profundo.

Não sei se fazer um curativo adiantará.

O carro balança e uma cabeça aparece.

Ele está ficando careca e os lados de sua cabeça têm cabelos grisalhos.

Seu olhar percorre meu corpo e pousa na ferida do meu lado.

Seus olhos se estreitam um pouco, mas nem mesmo o alarme passa por seus olhos.

— Eu só preciso de um curativo. Qualquer coisa que você possa ter e eu seguirei meu caminho.

Ele ainda está olhando para o meu lado.

— Eu não tenho nada.

Minhas pernas escolhem aquele momento para ceder e deslizo pela lateral do carro, meu sangue escorregadio pintando o metal de vermelho em uma faixa escura.

Meus olhos ameaçam fechar novamente, e minha respiração fica difícil enquanto luto contra a escuridão.

Estou morrendo.

E o homem ao meu lado observa.

Parece que ele não me ajudará. Eu tenho que me ajudar.

A blusa sem mangas que estou usando vai ter que sair.

Meu corpo dói quando levanto os braços e tiro a blusa pela cabeça.

Posso sentir os olhos do homem em mim, mas ele não diz nada. Ele simplesmente observa. E mesmo que meu sutiã esteja agora em exibição, o topo dos meus seios está à vista, eu não tenho forças para me importar.

Agarro a blusa com os dentes e de alguma forma a rasgo em duas.

Minha cabeça pende e eu luto para recuperar a consciência enquanto me inclino para a frente e enrolo o pano em volta da minha barriga, apertando-o contra a ferida enquanto uma respiração sibila entre meus dentes.

Meu corpo se sente pesado quando eu apoio minhas costas contra o carro mais uma vez.

Então é assim que eu morro?

No meio de uma estrada ao lado de um estranho no fim do mundo?

— Ei — diz o homem. — Ei você!

— Mm? — Eu gemo.

Meus olhos estão se fechando, embora eu esteja lutando muito para mantê-los abertos.

— V...você não pode ficar aqui.

Minha visão escurece e volta.

Em um momento, o homem está no veículo e, quando o vejo novamente, ele está parado na minha frente, a ansiedade marcando as linhas em seu rosto enquanto o cano de sua arma se aproxima do meu nariz.

— Você me escuta? Saia! Dê o fora daqui!

Quando estou quase apagando mais uma vez, ouço-o xingar.

Eu vou embora.

Em breve.

Acho que digo as palavras.

Mas não tenho certeza se sim.

Eu me sinto tão fraca.

Tão, tão fraca.

CAPÍTULO DOIS

Fi'Rox

A Base Zero está fervilhando de energia.

Não apenas meus parentes estão entusiasmados, mas os humanos também.

Mas... por razões diferentes.

Vários humanos retornaram com Ga'Var, o segundo no comando da nossa nave.

Eles se alegram com isso, mas duvido que vejam a empolgação em nosso ba'clan.

Duvido que eles sintam a energia se movendo entre nós.

Tivemos um avanço nesta guerra.

Um protótipo.

Eu a aperto contra mim enquanto saio dos túneis.

Duvido que algum dos humanos me veja sair, muito envolvido em suas comemorações.

Mas apesar do poder que tenho em minhas mãos, e apesar do que quero fazer com ele, não saio da base em alguma missão solo para testar o protótipo.

Nada me daria mais alegria do que derrubar um Scrit sozinho e provar aos meus irmãos que sou capaz... que sou um membro digno desta nave.

Fi'rox. O membro mais novo da tripulação e menos experiente.

Não tenho muito a dizer sobre o que nosso comandante faz ou como abordamos esse flagelo que caçamos nas estrelas.

Estou aqui apenas por uma razão.

Uma razão compartilhada por muitos de meus companheiros vullanos: destruir os seres que destruíram tudo o que conhecíamos e amávamos.

Mas... apesar da vontade de lutar... apesar dessa vontade que me leva a matar... devo deixar a base por outro motivo.

Um que faz meu ba'clan tremer enquanto eu mergulho no cheiro da fêmea que me propus a caçar.

Disseram que ela fugiu.

Assustada pelo inimigo.

Não sei o que esperar quando a encontrar... mas esta é a primeira vez que estarei longe de meus irmãos desde que cheguei a este mundo.

Vou aproveitar ao máximo.

Eu sigo na direção que a humana correu.

Não deve ser difícil encontrá-la. Humanos não se movem rapidamente.

Este é o planeta deles , mas eles são desajeitados e inadequados para sobreviver.

Estou confiante de que a encontrarei sem preocupação, mas mesmo assim, meu ba'clan se irrita contra mim.

Aqui fora, sem a proteção da base, eles podem sentir a ameaçadora quietude no ar.

Cada célula em mim está alerta enquanto me movo.

Cada parte de mim consciente do menor som... o menor movimento.

Atravessar as ásperas árvores da terra é fácil e logo estou longe da base.

Eu vejo o Scrit não muito depois disso.

Ainda é.

De pé em uma clareira que fez, seu revestimento de metal brilha à luz da estrela da terra.

Meus pelos se levantam, e eu os deixo.

Não preciso mais fingir como todos nós dentro da base.

Não há humanos aqui para me temer.

Então eu os deixei crescer.

Deixo minha raiva fluir através de mim enquanto olho para a máquina.

Cada saliência do meu corpo se contrai, meus músculos ficam tensos quando me aproximo.

Grande.

Silencioso.

Destrutivo.

Lembro-me de quando essas mesmas máquinas caíram pela primeira vez em Edooria.

Pareciam enormes bolas de fogo atravessando nosso céu escuro.

E então... caos.

O Gryken destruiu... tudo .

E assim, não pararei até que cada um deles esteja morto.

Quero ver seus corpos espalhados pelo chão enquanto murcham sob o sol.

E eu verei isso também... mesmo que eu tenha que morrer no processo para que isso aconteça.

Esses pensamentos ecoam em minha mente conforme me aproximo da máquina.

Eu sei que está vazia.

Não está se movendo. No entanto... há um sentimento sinistro que persiste.

Mais do que o normal.

Não entendo por que até ver o vermelho.

Ele se espalha da base da máquina para fora, cobrindo a superfície verde deste planeta.

Isso me para no meio do caminho e meu ba'clan pulsa contra mim, cada simbiote no limite.

— O que é isso?

Não há ninguém para me responder.

Ninguém para testemunhar a rede de veias vermelhas que se espalharam pelas pernas da máquina.

O solo sob as veias é preto e há uma pulsação rítmica dentro delas.

Este lugar cheira a morte e destruição.

Em todos os lugares que essas veias tocam, está morrendo.

Meu ba'clan pulsa forte contra mim e meus pelos ficam ainda mais fortes.

Isso é novo.

As máquinas não faziam isso em Edooria. Por que eles estão fazendo isso aqui na terra?

Meu olhar sobe para o orbe do Scrit e eu luto contra o desejo de atacar.

Eu preciso voltar para a base... relatar isso... mas eu também preciso encontrar aquela fêmea humana que fugiu.

Ela está em perigo.

Os outros não ficarão felizes se eu voltar sem ela.

Eu olho na direção que eles disseram que ela foi e me concentro na memória de seu cheiro.

É fraco. Apanhado apenas da pele de um dos outros humanos.

Ainda assim, vou encontrá-la. E talvez eu também encontre uma resposta para essas estranhas veias pulsantes que se ramificam do inimigo.

Eu saio, ambos os pensamentos em minha mente, sem olhar para a máquina alta enquanto me movo pela folhagem.

Devo manter meu foco. A raiva fervendo dentro de mim não pode vencer.

Ainda não.

Não até que eu esteja cara a cara com um deles.

Então, eu me concentro no cheiro feminino.

Em seu perfume.

Não demoro muito para encontrar o acampamento e o abrigo de que os outros me falaram.

E...

Há carnificina.

Dois corpos, nossos inimigos, jazem quase irreconhecíveis, murchados pelo calor da estrela ascendente do planeta.

Um rosnado me escapa quando passo por um em direção ao corpo de um macho humano.

Morto por um único golpe.

Ao lado, o corpo decapitado de outro macho humano.

Este acampamento cheira a Gryken, morte e sangue. É difícil controlar meus instintos de caçar e matar.

Meu ba'clan está enlouquecendo, meus pelos arrepiados, meus dentes arreganhados enquanto eu rosno.

Mas devo me concentrar.

Estou aqui pela fêmea que caço.

Viro o nariz para o ar, para a leve brisa que passa por mim, e cheiro.

O cheiro dela deve ser forte, pois ela esteve aqui... mas... não há nada.

Minhas orelhas estremecem enquanto desacelero e observo o acampamento.

Se ela tivesse voltado aqui, se tivesse voltado depois de fugir, eu teria sentido o cheiro dela.

Mas... ela se foi por um tempo.

Tempo suficiente para o vento ter diluído seu cheiro.

A poucos passos de distância dos cadáveres, eu paro e me viro, meu olhar se movendo ao redor do acampamento.

Isto não é bom.

Ela poderia ter seguido por várias direções.

Este mundo é fácil de percorrer, mas vasto.

Encontrá-la agora levará algum tempo.

Tempo que a gente não tem... que ela não tem.

A cada minuto aqui, ela corre o risco de ser pega por um Scrit.

Eu preciso encontrá-la.

Eu me movo em uma direção, pronto para continuar a caçada, quando um cheiro pega minhas narinas.

Emana de um ponto, não se movendo no ar como eu esperava.

Eu sigo em direção a ele e assim que meu olhar cai na fonte, minhas presas aparecem em um rosnado que não consigo conter.

Sangue.

Muito disso.

Eu pego a terra.

Está manchado com isso, e eu cheiro.

O cheiro da fêmea inunda meu sistema e minhas presas ficam ainda mais expostas.

O cheiro dela é mais forte. Muito mais forte do que o que eu tinha antes.

Isso me infunde com um desejo urgente de caçar e outra coisa - um formigamento que não consigo identificar.

Eu rosno de novo, empurrando o ar pelas narinas.

Eu tenho um dever. Trazer esta fêmea de volta para a base.

Eu cheiro novamente antes de fechar minhas narinas para a força de seu cheiro intrigante.

Não preciso do cheiro dela para encontrá-la.

Mesmo um animal selvagem estúpido poderia encontrá-la com o rastro que ela deixou para trás.

Sua força vital é como um caminho direto para ela.

Eu me levanto, meu olhar na direção que agora sei que ela foi.

Se ela ainda está viva, ela está mal.

Eu tenho que me apressar.

CAPÍTULO TRÊS

Fi'Rox

A força vital da fêmea é como um caminho que sigo por entre as árvores rijas.

Não há som ao redor.

Até os bichos se foram.

Talvez por minha causa.

Talvez por causa do Gryken que se aventurou nessas florestas.

Quanto mais distância percorro, mais alarmado fico.

Não acredito que esta mulher viva.

Quanto mais eu procuro, mais acredito que verei seu corpo flácido caído contra a próxima grande árvore ou deitado no mato.

Mas... até agora não houve nada.

Ainda não, pelo menos.

Deparo-me com uma zona onde o solo sofreu uma erosão. Galhos quebrados e folhas esmagadas jazem perturbados.

Ela tropeçou aqui.

Eu me agacho, seguindo o caminho com o olhar, meus dedos pairando sobre o solo revolvido.

Ela tropeçou... e então ela rastejou.

Meus ouvidos se contorcem com o pensamento.

Ela tem vontade de viver. Até eu posso respeitar isso.

Subindo, estou prestes a continuar minha busca quando meu ba'clan se arrepia, cada simbiote que reveste minha pele levantando-se ligeiramente.

Perigo.

Eu volto meu olhar para o céu e vislumbro a fonte do meu mal-estar logo depois.

Um Scrit. Um vindo nesta direção.

Fico arrepiado quando o vejo se aproximar.

Não me verá. Meu ba'clan esconde minha bioassinatura.

Mas a fêmea...

Meu ba'clan se eriçou novamente.

Rek.

Devo encontrá-la agora.

Se ela ainda viver, não será por muito mais tempo quando o Scrit a sentir.

Eu saio correndo, cortando as árvores, vislumbres do sangue da fêmea liderando o caminho.

Eu me movo em harmonia com o vento frio que flui ao meu redor, ajudando minha perseguição, quando as árvores terminam de repente e eu estou em uma superfície dura e escura que se estende por toda parte.

Uma rota de trânsito.

O sangue da fêmea quase desaparece aqui, mas posso vê-lo contra a superfície escura.

Eu sigo a trilha para encontrar o sangue dela pintado em um estranho abrigo de metal e eu cheiro, meu ba'clan subindo enquanto o chão treme com o Scrit se aproximando.

É quando o som chega aos meus ouvidos.

— É você! Você o convidou para cá!

Uma voz que não conheço.

Minha cabeça vira para a esquerda, minhas pupilas se estreitando quando percebo a fonte do som.

Um homem. Humano.

E abaixo dele no chão... deve estar a mulher que estou procurando.

Seus olhos estão fechados. Seu corpo mole.

Por um momento, eu me pergunto se é tarde demais, mas então seus olhos se abrem para se concentrar no homem diante dela.

— Você o convidou aqui! — O macho está tremendo enquanto levanta uma vara tosca e a coloca contra a cabeça da fêmea.

Ela levanta a mão em um apelo, seus lábios se movem, mas não consigo ouvir o que ela diz.

— Eu disse que viria atrás de você! — O tempo fica mais lento enquanto observo o dedo do homem abaixar um gancho na vara.

Espere ... isso não é pau. É alguma forma de blaster bruto.

Estou me movendo sem precisar pensar, meu corpo fazendo o que minha mente precisa.

Um som ensurdecedor ecoa no momento em que colido com ele, jogando-o contra a superfície dura da estrada.

Há um estalo repugnante quando sua cabeça atinge a superfície, e eu paro um momento para olhar para ele enquanto seus membros instantaneamente ficam flácidos.

Morto.

Eu não pretendia...

Mas não há tempo para arrependimentos.

Um gemido atrás de mim me faz olhar para a fêmea enquanto a terra treme novamente.

O Scrit está próximo.

Muito perto.

Agarro o protótipo preso ao meu lado e olho para a máquina que se aproxima.

Eu poderia derrubá-lo.

Eu poderia derrubá-lo agora, mas...

Quando viro minha cabeça, meu olhar pousa na mulher moribunda.

Rek.

Eu me movo até ela e sua mão sobe em minha direção.

Meu ba'clan se arrepia com a interação e algo floresce dentro de mim.

Ela é a primeira humana a tentar me tocar...

Mas logo percebo que não é assim.

Ela não está tentando me tocar . Ela está tentando me afastar .

— Não. — Sua voz é tão baixa, tão fraca, e seu cheiro de medo, embora fraco, sobe o suficiente para eu fechar minhas narinas contra ele.

Ela tenta falar novamente, mas tudo o que sai é um murmúrio enquanto sua cabeça se inclina, roçando no buraco que a arma do macho fez na estrutura atrás dela.

Ela está em um estado terrível, mas não posso ajudá-la aqui.

O Scrit nos verá em breve.

Não tenho escolha a não ser me mover.

Agarrando-a com os dois braços, eu a levanto.

Ela luta contra mim, uma mão subindo para bater no meu peito enquanto ela tenta lutar.

O humor invade em mim neste momento inoportuno.

Nunca vi uma presa não se encolher quando todas as coisas estão contra ela.

Mas este...

Ela ainda luta.

Ela luta como um fogo não querendo se apagar.

— Você pode lutar comigo depois, pequeno fogo. Agora, eu tenho que tirar você daqui.

Deja

O demônio está me carregando.

Eu o reconheço. Ele estava no acampamento pouco antes dos outros alienígenas atacarem.

Talvez ele esteja trabalhando com eles.

Talvez ele tenha ajudado a matar todo mundo e agora me encontrou.

Tudo dentro de mim tenta fugir dos braços poderosos que me cercaram enquanto minha visão entra e sai.

Cada vez que abro os olhos, vejo-o de relance.

Pele negra como breu. Orelhas pontudas.

Ele me levantou e está se movendo, um rosnado contorcendo seu rosto e presas brancas perversas pressionando seus lábios.

Há sulcos por todo o rosto, corpo... Posso senti-los contra mim enquanto ele se move.

Eles fazem um padrão na testa, nas maçãs do rosto, na mandíbula, no queixo...

Não sei onde focar, o que olhar... Só o medo me impede de desmaiar completamente.

Ele está se movendo rápido demais para que isso seja possível. Tudo ao nosso redor é um borrão e não tenho certeza se é minha mente falha que está imaginando ou se é real.

Isso não importa.

Tudo o que importa é que eu tenho que me afastar dessa... coisa.

Eu olho para ele através de pálpebras que são muito pesadas para levantar.

Eu estou tão cansada.

Fraca.

Levantar o braço para bater em seu peito é inútil.

Então, eu paro.

Eu tenho que conservar minha energia para poder lutar de alguma forma.

A terra treme atrás de nós e de repente é como se meus sentidos se espalhassem e eu estivesse ciente de mais do que o alienígena me agarrando.

Uma máquina.

Uma dessas máquinas está próxima.

Meu coração bate forte, batendo contra minhas costelas enquanto o medo aumenta dentro de mim.

Se ele está me trazendo para a coisa...

Se ele está me levando para morrer...

Mas enquanto a terra treme novamente, desta vez mais longe do que da última vez, percebo que ele não está me levando para o perigo.

Ele está me levando para longe disso.

Inclino minha cabeça para trás para que eu possa olhar para ele, minha cabeça pende um pouco, e parece que tenho um peso amarrado a ela.

Estou quase inconsciente, mas nem mesmo minha imaginação poderia construir olhos semicerrados do mais escuro cobalto, tão escuros que parecem pretos, que me olham de cima para baixo.

Se eu tivesse forças, tremeria.

Mas tudo que posso fazer é encarar esse pesadelo.

Se ele está me levando para longe da máquina gigante, para onde diabos ele está me levando... e o que diabos ele quer?

Minha visão escurece e estou vagamente ciente de que ainda estamos nos movendo.

Eu tenho que... fugir... de alguma forma.

Mas, mesmo com esses pensamentos girando em minha cabeça, sinto que estou me desconectando da realidade.

Eu não posso lutar contra essa coisa.

Minha única opção é fugir assim que puder.

E eu sou boa nisso.

Fugir.

Eu só tenho que me curar um pouco.

Eu só tenho que...

O movimento para de repente e só estou consciente porque o vento que soprava contra a minha pele corta abruptamente.

O alienígena me abaixa na grama macia, talvez musgo, bate na minha pele.

Está frio contra minhas costas nuas e eu tremo sem conseguir me conter.

Meus olhos se abrem e estou mais uma vez olhando para a escuridão.

O alienígena está olhando para mim e com olhos assim, não tenho ideia do que ele está pensando.

Ele parece um demônio prestes a me consumir, e quando ele inala, suas narinas dilatadas e lâminas subindo por suas costas, eu vejo o fim.

É isso?

Fugir de um pesadelo para ser capturada por outro?

Escapar de um alienígena para acabar nos braços de outro?

Ódio misturado com medo me enche enquanto luto para me levantar, para fugir, para correr, mas mesmo enquanto tento, sei que não conseguirei.

Dor... dor irrompe do meu lado, fazendo meu corpo se contorcer.

As lágrimas nos cantos dos meus olhos embaçam minha visão quando olho para o diabo, e ele simplesmente me encara de volta.

— Fêmea — eu juro que ele diz.

Engraçado. Achei que se eu fosse para o inferno, o diabo pelo menos saberia meu nome.

Talvez seja Deus me abandonando porque fugi do acampamento e deixei todas aquelas outras pessoas para morrer.

Meu corpo se curva novamente enquanto eu engasgo com o ar, a dor disparando pelo meu lado como um raio que torna meu corpo inútil.

Vou morrer.

— Faça isso — eu resmungo.

Eu sabia que estava com tempo emprestado. Desde o momento em que aqueles orbes flamejantes caíram do céu, eu sabia que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria.

— Faça isso! — Eu engasgo novamente e o líquido sobe na minha garganta.

Tem gosto de sangue.

Estou muito ferida. Pior do que eu percebi pela primeira vez.

Mas eu ia morrer aqui no deserto, de qualquer maneira.

Tinha sido apenas uma questão de tempo.

Minha visão diminui e o demônio se torna um contorno escuro, mas ele não está me matando.

Em vez disso, sua mão paira sobre mim.

Garras perversas e escuras saem de cada dedo e uma dessas garras agarra a camisa que amarrei ao redor da ferida.

Ele tira o curativo, expondo o buraco, e não há nada que eu possa fazer.

Estou à sua mercê.

O suor umedece minha testa, meu corpo está febril agora.

Eu tento levantar minha mão para detê-lo, mas ela simplesmente cai de volta no chão.

Seja rápido, eu imploro.

Mas em vez de enterrar sua garra em minha ferida e terminar o que aquela outra criatura começou, o alienígena abaixa a cabeça.

Suas presas aparecem.

Longas, perversas e pontiagudas; Eu as vejo assim que sua cabeça abaixa. Minha boca se abre, mas não tenho forças para gritar.

Isso é...

Este é o fim.

CAPÍTULO QUATRO

Fi'Rox

Não sei como esta fêmea sobreviveu por tanto tempo.

Ela não tem ba'clan para curá-la. Sem capacidade regenerativa.

A ferida do lado dela é profunda. O resultado de um ataque Gryken.

Ela deveria ter desmaiado desde o momento em que a besta a perfurou. No entanto, ela fez todo o caminho até aqui.

Enquanto abaixo minha cabeça para seu ferimento, ouço o Scrit ainda se movendo ao longe.

Eu evitei com sucesso, e ele não sentiu a presença dela. Mas agora que olho para ela, não tenho certeza se teria incomodado em capturá-la, de qualquer maneira.

Sua força vital é fraca.

Ela está quase morta.

Enquanto deposito um pouco de saliva em seu ferimento, uma palma da mão macia bate na minha cabeça enquanto ela tenta me impedir.

Fraco. Não há poder em seu punho, mas ela bate contra mim, de qualquer maneira, desperdiçando energia.

Outro tapa suave cai no meu queixo.

Eu poderia ignorá-lo, mas tenho que ser preciso sobre o que estou fazendo.

Não tenho escolha a não ser segurar a mão dela e prendê-la no chão abaixo.

Ela luta por mais alguns momentos ainda.

Eu a ignoro, depositando o máximo de saliva que posso em seu ferimento, e quando levanto meu olhar de volta para seu rosto, o medo aparece através da dor em seus olhos.

Medo e... desafio.

Não é difícil reconhecer essa emoção. Isso brilha em seus olhos ainda mais do que o medo.

Ela está perdendo energia rapidamente e com uma ferida tão profunda, não consigo imaginar a dor passando por seu sistema. No entanto, ela olha para mim como se a única coisa que a impedisse de me matar fosse o fato de ela não ter arma.

Ela acha que estou prestes a machucá-la.

Comê-la, talvez?

Meus lábios se curvam com o pensamento.

Posso parecer algo de outro mundo para esses fracos humanos, mas não sou nenhum selvagem... pelo menos, não quando não quero ser.

Ela realmente acredita que eu a carregaria até aqui só para fazer dela uma refeição?

Eu rosno com o pensamento. Eu não posso evitar.

Os humanos que encontramos pensam que somos feras. Demônios eles nos chamam e nossa assimilação de sua linguagem pinta uma imagem de que um demônio é algo ruim. Algo a ser temido.

Não somos isso, mas não há como convencê-los do contrário.

É uma maravilha que dois de nós tenham encontrado parceiras desse tipo.

Isso é apenas um sonho para o resto de nós.

Para garantir, mergulho minha cabeça mais uma vez e deposito mais saliva na ferida da fêmea.

Seu braço fica tenso quando ela tenta me bater ou se soltar, mas posso sentir a energia sendo drenada de seus membros.

Esta ferida é extensa.

Minhas enzimas de cura não podem fazer muito.

Eu observo como minha saliva reage a suas células, efervescente enquanto se infiltra em sua ferida, e olho para ela. Se ela pode sentir o formigamento, ela não responde.

Ela prende seu olhar fraco em mim, e seus olhos reviram, mostrando uma quantidade perturbadora de branco. Alguns segundos depois, ela se concentra em mim novamente.

Ela está lutando para permanecer consciente.

Bom.

— Seus malditos alienígenas... — sangue reveste seus dentes e sua voz é tão fraca que é quase indiscernível. Água brota em seus olhos. — Apenas faça... Se você vai me matar... seja rápido.

Minhas orelhas balançam enquanto eu olho para ela.

Ela fala de forma diferente dos outros humanos na base. Suas palavras vibram em meus ouvidos de uma forma que os deixa animados.

— Eu não comerei você, pequeno fogo. — Observo enquanto sua consciência diminui e depois retorna. — Ainda não.

A última coisa que vejo é a lasca de medo que passa por seus olhos antes de fecharem, e quase sinto muito por provocá-la.

Por alguns momentos, continuo a observá-la.

Seus olhos não se abrem novamente e meu órgão vital dá um baque forte.

Mas há movimento em seu peito.

Ela ainda não se foi, mas perder a consciência é um mau sinal.

Seu corpo está demorando muito para curar o pior dos danos.

Não será capaz de reagir a tempo de salvá-la. Meu ba'clan se arrepia contra mim, já sabendo o que preciso fazer.

Só há uma maneira de salvá-la.

Minha saliva não fará muito. A única coisa que pode protegê-la agora deve vir de outra parte de mim.

Meu ba'clân.

Eles se irritam novamente, mas eu hesito.

Dois de meus irmãos acasalaram com fêmeas humanas compartilhando seu ba'clan.

Se eu compartilhar o meu com essa mulher...

Meu ba'clan se arrepia mais uma vez e eu afasto o pensamento da minha mente.

Se ela fosse minha companheira, eu já saberia.

Algo me puxava para ela que eu não podia ignorar.

Mas por esta fêmea... não sinto nada.

Eu quero uma companheira. Mas ela não é minha.

Então... não há com o que se preocupar.

Então eu estendo minha mão em direção ao ferimento da fêmea e meu ba'clan deixa minha pele como um fio de fluido escuro movendo-se pelo ar. Eles se infiltram na ferida, penetrando na fêmea até a parte mais profunda de seu ferimento, fluindo de mim em um fluxo contínuo.

E eu os vejo partir.

Quando o suficiente deles foi transferido para ela, meu olhar cai para o meu braço agora nu.

Ela precisava de muito mais do que eu pensava.

Vai demorar um pouco para regenerar mais ba'clan para cobrir meu braço agora nu.

Isso me coloca em perigo, assim como a fêmea.

Minha bioassinatura não está mais totalmente camuflada.

Não tenho medo do flagelo que assola estas terras, mas dei a minha palavra aos meus irmãos que voltaria com esta fêmea viva.

Que ela estaria segura.

Nesse caso, voltar para a base agora está fora de questão. Viajar desprotegido só traz problemas.

Terei que esperar.

Meu olhar se move sobre o rosto da mulher.

É frouxo e inexpressivo agora. Pacífica, enquanto ela descansa.

Os raios das estrelas que atravessam as folhas acima de nós jogam contra sua pele, fazendo-a brilhar.

A pele dela é mais escura do que a dos outros humanos que conheci... mas não tão escura quanto a minha.

Ela é a primeira humana escura que encontrei e me inclino para mais perto para observá-la.

Eu me pergunto se ela é um tipo especial. Raça diferente?

De outra região?

Além de diferenças sutis, ela se parece com os outros humanos. Mas seus lábios são mais carnudos, seu nariz não é tão pontudo.

Os filamentos no topo de sua cabeça...

Faço uma pausa, minhas orelhas estremecendo enquanto me inclino ainda mais perto da fêmea.

Seus locs são pequenos, mas parecidos com os meus. Enrolado no topo da cabeça e adornado com bugigangas nas pontas como uma sacerdotisa guerreira vullana.

Minhas orelhas estremecem novamente com essa percepção e meu olhar desliza para o resto dela.

Ela também é mais larga do que as outras mulheres na Base Zero. Grandes montes em seu peito pressionam contra a cobertura frágil que ela usa para escondê-los.

Quero desviar o olhar...

Eu deveria ... mas... meu olhar desliza para baixo para a suavidade de sua barriga e ainda mais baixo.

Eu vi meus irmãos acasalando com suas companheiras humanas, mas nunca olhei para um tão de perto.

A cobertura que ela usa para cobrir sua região inferior não faz nada para esconder o contorno de suas coxas.

Eles formam uma curva perfeita que leva até as pernas.

Imagino que ela seja muito atraente entre os humanos.

Meu ba'clan se arrepia contra mim, trazendo-me de volta ao presente e eu imediatamente rosno para mim mesmo... para onde meus pensamentos foram.

Rek. Isto.

Meu olhar cai de volta para sua ferida e vejo que o ba'clan que transferi se estabeleceu lá.

É o melhor que posso fazer para salvá-la agora, mas devo cobrir a área.

Agarrando a bandagem que ela fez, eu a seguro frouxamente entre meus dedos.

Está encharcado com seu sangue vital. Inutilizável.

Mas há aquele tecido fino que ela usa nos montes no peito.

Isto serve.

Estendendo a mão, coloco uma garra embaixo dela e tento levantá-la de sua pele.

Mas alguma magia humana que não consigo entender prende a engenhoca.

Depois de três tentativas, sibilo e divido em dois no meio.

Os montes da fêmea saltam imediatamente, roçando minha mão.

Macios. Cheios. E pesados.

Eles saltam com seu peso antes de se acomodarem em seu peito, um descansando contra o lado da minha mão.

Eu congelo com a sensação, meu ba'clan tremendo junto com algo profundo dentro de mim.

Levo um momento para recuperar o foco e minhas orelhas se movem enquanto eu rosno baixinho e puxo o tecido debaixo dela.

Ele está enganchado em seus braços e eu tenho que levantá-los para liberá-lo, aqueles montes se movendo comigo.

Eu tento não olhar para eles, mas isso está se tornando difícil a cada momento que passa.

O tecido é uma coisa estreita e escura, mas terá que servir.

Afastando meu olhar dos montes em seu peito, eu aperto a roupa em volta de sua cintura, cobrindo a ferida o melhor que posso.

Para garantir, pego um pequeno disco que He'rox, o médico, me deu junto com o protótipo.

É para esconder a assinatura de energia da mulher e espero que funcione enquanto a deslizo por baixo da bandagem e a aperto.

Ainda temos que esperar até que eu me regenere.

Passando meu dedo sobre seu novo curativo, meu olhar cai de volta para o rosto da humana.

Não permitirei que ela me distraia mais.

Devo me concentrar no perigo em questão.

CAPÍTULO CINCO

Deja

Parece que estou saindo de um sono profundo.

Minha mente está confusa, meu corpo dolorido e fraco.

Uma brisa suave roça minha pele e eu estremeço.

É o suficiente para me acordar.

Eu estou... viva?

Quando minhas pálpebras se erguem, o suficiente para eu ver o tom alaranjado do céu espreitando por entre as folhas acima, o peso na minha cabeça diminui um pouco.

Sinto-me congelada em uma teia de dor. Tento me mexer, me levantar, mas meu corpo não responde.

Meu coração bate contra o meu peito quando tudo volta para mim.

Imagens da criatura alienígena. Como ele me levantou no ar, um de seus membros perfurando meu lado enquanto abria a boca para me devorar.

Os gritos das outras pessoas no acampamento.

Como a criatura me soltou e tudo que eu conseguia pensar era correr.

E então...

O demônio.

Minha garganta está seca e engulo em seco enquanto pisco para as folhas acima de mim. Através dos meus cílios, eles parecem uma pintura a óleo girando ao pôr do sol.

Pôr do sol?

Meus olhos se abrem ainda mais.

Não era pôr do sol quando eu estava correndo.

O tempo passou. Muito disso.

No entanto... estou viva.

Tento me levantar, mas a dor é quase demais.

Não só a ferida está do meu lado, mas todos os músculos do meu corpo protestam e se contraem com o movimento. Eu tenho que respirar fundo, cerrar os dentes e me forçar a ignorar a dor o suficiente para que eu possa ver ao meu redor.

Apoiando-me nos cotovelos, levanto a parte superior do corpo para ter uma noção melhor de onde estou.

Uma brisa fresca da noite se move por entre as árvores e roça minha pele mais uma vez.

Estou nua.

Ou, pelo menos, parcialmente.

Meu sutiã... sumiu .

Isso deveria me preocupar mais, mas assim que olho ao meu redor, o que me chama a atenção é o fato de que pareço estar sozinha.

Há quanto tempo estou deitada aqui?

E a ferida...

Meu olhar cai para o meu lado e pisco algumas vezes. O torpor passa um pouco, mas não entendo o que estou vendo.

Meu curativo se foi, substituído por meu sutiã, entre todas as coisas.

Minha cabeça se ergue rápido demais, fazendo-a latejar enquanto espio por entre os arbustos.

O demônio.

Deve ter sido ele.

Ele fez isso.

Meus ouvidos se animam enquanto olho ao redor, apertando os olhos por entre as folhas e arbustos ao meu redor, esperando ver a figura escura espreitando por perto.

Mas o único som é o da minha respiração enquanto ela sacode meu peito.

A floresta está silenciosa.

O alienígena se foi.

Eu libero uma respiração, meus ombros flácidos, mas isso não para o martelar do meu coração contra o meu peito.

Isso parece bom demais para ser verdade.

Ele não me matou.

Eu pisco com esse pensamento antes de meu olhar cair de volta para o curativo improvisado.

Por que?

Eu ergo o sutiã para baixo para que eu possa dar uma olhada melhor na ferida, mas quando eu movo o tecido, eu me deparo com uma... coisa preta lisa .

Eu a encaro por alguns momentos, meu coração martelando cada vez mais forte.

Um dedo trêmulo alcança a barreira escura e eu o cutuco.

É como alcatrão — uma espécie de substância espessa, quase sólida, que resiste quando eu a cutuco, mas não gruda no meu dedo.

Eu não vi nada parecido antes.

Não é como lama ou qualquer outro material que já encontrei.

Meu coração bate mais forte quando olho para ele.

Não tenho ideia do que é essa coisa preta, mas seja o que for, não estou mais sangrando.

Tem que ser dele .

Engulo em seco, meu olhar se voltando para os arbustos novamente.

Ainda não há sinal do alienígena, mas cada pelo da minha pele se arrepiou com o conhecimento de que agora tenho algum tipo de gosma alienígena em mim. Dentro da minha ferida aberta.

Porra.

Fixando a bandagem do sutiã no lugar, luto para me sentar. O movimento me tira o fôlego.

— Merda — eu respiro com força e minha garganta dói.

Estou em uma posição ruim. Uma posição muito ruim.

Eu preciso encontrar água. E preciso sair daqui antes que o alienígena volte.

Fi'Rox

Meu olhar vai do meu reconhecimento para a fêmea no momento em que seus olhos se abrem.

Seu cheiro de medo aumenta assim que sua consciência retorna e, embora eu esteja no alto das árvores, posso sentir o cheiro.

Eu bato para fechar minhas narinas.

Pelo que ela sabe, ela está sozinha. Mas seu olhar se volta de qualquer maneira enquanto ela procura

Por algo, ou alguém.

Eu talvez.

Eu me camufo segundos antes de ela olhar para as árvores e seu olhar passa por mim.

Humanos me confundem.

Na luz moribunda, sua visão é ainda pior do que o normal.

Eu observo enquanto ela investiga a si mesma e quando ela cutuca a parte do meu ba'clan que está cobrindo seu ferimento, os outros pulsam contra a minha pele em resposta.

Embora não estejam juntos, eles estão todos conectados.

Não se preocupe, eu projeto para eles. Vocês se reunirão em breve

.

O cheiro de medo da fêmea a deixa em ondas enquanto ela olha para o meu ba'clan.

Eles engessaram completamente sua ferida, impedindo a perda de seu sangue vital, e o fato de ela estar acordada significa que o processo de cura começou.

Mas ela não sabe disso.

Poucos dos humanos conhecem ou entendem o ba'clan.

Não há nada como eles neste mundo.

É uma ocorrência curiosa para uma espécie tão inadequada ao seu ambiente natural.

Quando a fêmea coloca a roupa frágil de volta sobre a ferida e tenta subir um pouco mais, minhas narinas se dilatam.

Eu deveria me concentrar no meu reconhecimento.

Ela não pode ir a lugar nenhum e mesmo que tente, eu a encontrarei.

No entanto, não consigo tirar meus olhos dela porque ela não está deitada quieta.

Por que ela está se movendo?

Ela está ferida. Fraca.

Ela mal deveria ter forças para levantar as pálpebras.

Ainda assim, contra todas as probabilidades, ela rasteja de quatro, seu traseiro redondo virado em minha direção enquanto ela respira com dificuldade, tentando obter forças para se levantar.

Eu puxo meu olhar para longe dela.

Não deixarei que ela me distraia.

Lançando meu olhar sobre as árvores, procuro qualquer movimento, humano ou não, mas quando a fêmea abaixo de mim grunhe, não posso deixar de olhar em sua direção mais uma vez.

Ela está quase de pé agora, com as mãos apoiadas em uma árvore para estabilidade.

Um passo trêmulo para frente e depois outro, sou pego com duas emoções conflitantes: admiração e aborrecimento.

Eu preciso que ela fique parada.

A presença dela será como observar um calouro enquanto me concentro em me regenerar para poder voltar à base. Mas não posso negar a lasca de respeito que serpenteia dentro de mim.

A contragosto, inclino minha cabeça enquanto a observo dar outro passo.

Ela é forte... ou tola.

Ela está indo por entre as árvores lentamente. Suas pernas estão rígidas enquanto ela se move, mas ela leva seu tempo, respirando devagar enquanto segue seu caminho.

Nunca parando, mesmo quando sua mandíbula aperta enquanto a dor dispara através dela.

Eu a observo partir, sabendo que meu ba'clan está entorpecendo a maior parte dessa dor, mas posso sentir os simbioses restantes pulsando contra minha pele a cada passo que ela dá.

Um passo. E outro.

A cada passo, espero que ela desmorone e, mesmo que ela não me perceba, estarei lá em um segundo antes que ela caia.

Mas ela continua.

Seus grunhidos são baixos e quase silenciosos. Não demora muito para que ela desapareça atrás da folhagem e eu a perca de vista.

Eu me movo por entre as árvores, com cuidado para não farfalhar os galhos, e logo a vejo mais uma vez.

Há uma pequena fonte de água próxima e, por sorte, ela está indo direto para ela.

Ela faz uma pausa e olha para as árvores, seu olhar passando por mim novamente.

Meus ouvidos estremecem com esse fato, mas ela bufa, cerra os dentes e continua indo.

É uma jornada árdua e eu a sigo por todo o caminho, surpreso quando ela encontra o riacho por pura determinação.

— Graças a Deus — ela sussurra, seus passos espasmódicos acelerando um pouco.

Suas mãos tremem quando ela se abaixa e pega o líquido, lavando o sangue de seus dedos.

Seu corpo treme e ela respira fundo, seus ombros tremendo enquanto ela pega mais água e limpa os dedos.

Silenciosamente, eu deslizo para o chão e caminho em direção a ela.

Agora que sei que é disso que ela precisa, trarei água para ela.

Mas estou quase em cima dela quando percebo uma coisa.

Ela se curvou agora, com as mãos em concha enquanto leva água à boca. Ela não deu nenhuma indicação de que está ciente da minha abordagem.

Eu paro e eu olho para baixo.

Alguns galhos estão perto dos meus pés e eu piso neles para fazê-los quebrar.

Assim que o som ecoa no silêncio, a fêmea vira a cabeça, arregalando os olhos.

Um som estrangulado é cortado em sua garganta enquanto ela se arrasta para trás, quase caindo no riacho enquanto suas mãos procuram por algo.

Seus dedos pousam em uma pedra e ela a agarra, seus olhos selvagens.

Eles são de um marrom bem profundo. Quase pretos, como os meus, mas sem meus pesadelos nadando dentro deles.

— Você — é tudo o que ela diz, e minhas orelhas estremecem novamente.

Seu choque desaparece rapidamente e de repente ela está se movendo, disparando para os arbustos.

Eu reprimo um gemido.

Como diabos ela ainda tem forças para fugir?

Ela se foi alguns metros antes de eu ir atrás dela.

Não preciso correr, então ando, seguindo o caminho dela por entre as árvores.

Posso ouvir os grunhidos de dor que ela tenta silenciar enquanto força seu corpo a fazer o que não pode, e percebo rapidamente que se eu não intervir, ela se machucará.

Rek.

Apresso meus passos e, um segundo depois, ela está na minha mira.

Como se ela sentisse isso, sua cabeça se vira e ela me avista.

Um grito sai de seus lábios enquanto seus olhos se arregalam ainda mais.

Ela joga a pedra em mim ao mesmo tempo em que tropeça em uma raiz, e eu me movo para pegá-la, desviando do projétil no processo.

Ela está em meus braços antes que sua cabeça atinja o chão, mas a sensação de meus braços ao redor dela desencadeia outra reação.

Suas pernas disparam e ela chuta, suas mãos batendo contra meu peito enquanto caímos no chão.

Eu a puxo contra mim e torço para que minhas costas batam na superfície dura.

Meu ba'clan pulsa, absorvendo a maior parte do choque, mas agora tenho uma humana se contorcendo em meu peito.

— Deixe-me ir, sua abominação!

Ah'boh'mih'nay'ção.

A palavra não tem significado na minha língua. O mais próximo que chego é... horror.

Ah... ela é como as outras mulheres humanas do acampamento. Temendo o que não conhecem.

Mas ela está certa.

Ela deveria me temer.

Eu sou muito diferente dela.

Mesmo agora, seu cheiro de medo e a luta que ela está travando me fazem querer libertá-la apenas para que eu possa persegui-la e pegá-la.

Sua contorção não diminui, embora eu a tenha segurado com força, e reprimo outro rosnado.

— Eu não estou aqui para prejudicá-la, fêmea.

Ela congela.

A única coisa que se move é a subida e descida acentuada de seu peito.

— Você fala inglês.

Presumo que ela quis dizer que falo um dialeto humano, então ignoro sua declaração.

— Vou libertá-la se você não tentar fugir. — Eu abaixo meus lábios em seu ouvido e ela endurece um pouco mais. — Porque não importa para onde você corra, eu te encontrarei.

Eu descubro naquele momento que os humanos têm uma habilidade única de variar muito o tamanho de seus olhos porque os dela ficam ainda mais largos do que antes.

Sua garganta se move e ela estremece contra mim.

— Entendeu, humana?

Sua garganta se move novamente e ela empurra o queixo contra o peito uma vez.

Eu a estudo, mas ela permanece congelada em minhas mãos e quando eu lentamente a solto, ela de repente salta para longe de mim.

Ainda deitada de costas, minhas orelhas estremeçam enquanto a vejo agarrar um galho caído e apontá-lo para mim.

Ela o segura como se quisesse me bater com ele.

Minhas orelhas estremeçam novamente enquanto meu olhar se fixa no dela.

Isso é exatamente o que ela quer fazer.

É fácil ler a emoção humana. Eles a usam em seus rostos maleáveis, sua pele torcendo para contar seus pensamentos mais profundos.

Ela se arrasta, se afastando, mas não corre, embora eu possa ver que todos os músculos de seu corpo querem isso.

Seu cheiro de medo é como um perfume flutuando ao seu redor e eu permaneço de costas porque qualquer outro movimento me fará agachar diante dela, como se eu estivesse prestes a pular sobre ela e atacá-la.

O cheiro dela me faz querer caçar alguma coisa.

Ela... e eu não posso ceder.

— O que você quer de mim?

Meu olhar se move para baixo de seu corpo e sua respiração fica presa. O medo atravessa seus olhos e ela usa um braço para segurar os montes que tremem em seu peito.

O que quer que ela esteja fazendo não os esconde. Isso apenas os torna mais pronunciados.

A confusão se mistura com seu medo enquanto ela me estuda, seu olhar descendo pela minha forma, demorando-se em meu braço nu antes de voltar para o meu rosto.

O galho em sua mão treme. — Responda-me. — Ela treme novamente. — O que você quer de mim? Por que estou aqui? Por que estou viva? Por que você não me matou?

Eu resisto ao impulso de rosnar.

Ela acha que eu sou um selvagem. Algum horror.

— Você não quer viver?

Seus olhos se arregalam um pouco como se ela não pudesse acreditar na minha pergunta e então suas sobrancelhas mergulham, seu olhar se tornando como fogueiras.

— E você?

Meus ouvidos se animam, uma sacudida de humor, uma emoção que eu não sentia há anos, atingindo através de mim.

Essa humana acabou de... me ameaçar?

Minhas pupilas se estreitam nela e eu me sento.

O movimento a faz recuar e ela quase tropeça de novo, mas consegue se manter de pé.

— Você fez isso, não foi? — Ela toca a bandagem ao seu lado.

Minhas orelhas estremecem novamente e eu mantenho meu olhar nela.

Ela está pronta para disparar no menor momento. Não acredito que ela tenha dado ouvidos ao meu aviso.

— Você colocou esse curativo em mim. — Uma pausa. — Por que? O que é?

Ela desconfia tanto de mim quanto eu do nosso inimigo.

Ela é sábia.

— Ba'clân. — Eu observo enquanto sua confusão aumenta. — Você foi gravemente ferida.

Sua garganta se move novamente e o galho em sua mão treme.

Não sei como ela ainda está de pé.

— Tudo tem um custo. — Ela sussurra antes que sua voz se eleve. — Por que você está me ajudando? O que você quer?

Ela aponta o bastão para mim e ele chega perto da minha cabeça.

— Você não é humano. — Seu tom se torna acusador. — Você é um deles. Uma daquelas coisas que vinham para cá em suas grandes máquinas.

Meus pelos se arrepiam imediatamente e um rosnado sai da minha garganta, um que a faz tropeçar em uma árvore.

Eu me levanto em toda a minha altura, sem me preocupar em disfarçar-la ou me fazer parecer pequeno enquanto dou um passo em direção a ela. Seu medo flutua em meu nariz e eu luto para controlar

minha reação, mas até meus lábios se retraíram, minhas presas ficam visíveis.

Para ser comparado a esse flagelo que consumiu este planeta.

Essas feras, os Gryken ...

— Eu não sou nada como eles.

Ela não está convencida. Seu medo diz isso.

Eu tenho que me afastar dela enquanto bloqueio minhas narinas do cheiro ofensivo.

Eu não preciso cheirar o medo dela agora. Não agora, quando ela já está com medo de mim.

Minha reação só vai piorar e já estou no limite do meu controle.

— Eu não sou seu inimigo, fêmea.

Ouçó o farfalhar dos arbustos e, quando olho para trás, ela se foi.

Rek.

CAPÍTULO SEIS

Deja

Vou desmaiar em breve e não duvido que o demônio me encontre.

Porra.

Porra.

Porra!

Se eu não tivesse essa lesão, talvez pudesse ir mais rápido, mas cada passo que dou parece que está me matando também.

Não sei para onde estou indo ou em que direção estou indo. Só sei que preciso sair daqui.

Minha respiração vem em arquejos profundos enquanto eu corro.

Não posso deixá-lo me pegar de novo.

Ele é assustador .

As lâminas.

Essas presas.

Eu os vi. Longo e afiado enquanto ele se elevava sobre mim.

A porra do alienígena tem bem mais de dois metros de altura e mesmo que eu fizesse de conta que não tinha medo dele, cada órgão estava enfraquecendo dentro de mim a cada segundo que eu o encarava.

Ele poderia cortar minha garganta em um instante.

Ele é mais rápido do que eu.

Mais forte.

Não tem como eu fugir dele se eu o encarar de frente.

Então eu tenho que fazer a próxima melhor coisa.

Eu tenho que me esconder .

Só Deus sabe como ele escapou daquela criatura no acampamento. Mas ele está sozinho agora.

Isso só poderia significar uma coisa.

Todos aqueles outros humanos estão mortos e de alguma forma, ele veio atrás de mim.

Porra!

Esconder.

Eu preciso me esconder.

Mas a floresta é grande e aberta. Não sei no que posso me deparar.

Olho para trás e o terror toma conta de mim, mas não o vejo.

Sem dúvida, eu sei que ele está vindo atrás de mim, no entanto.

Eu aperto meu lado, tentando conter a dor enquanto as lágrimas se acumulam em meus olhos, quase me cegando.

Por que estou correndo?

Por que estou tentando viver?

Minha memória volta a meia década atrás e as imagens do acidente de carro, meu pequeno carro batido na estrada, a cadeirinha cor de rosa e preta esmagada dentro do veículo.

Ela se foi... e nos últimos cinco anos, eu me pergunto por que minha vida foi poupada.

Por que eu consegui viver, mas ela não?

Sua vida tinha apenas começado.

Os pensamentos me fazem convulsionar com uma dor que não é física, e quase paro de correr.

Ela foi tirada de mim, e eu rezei para morrer.

Eu nunca tive coragem de fazer o trabalho sozinho.

Mesmo no fim do mundo, de alguma forma sobrevivi quando tantos outros não sobreviveram.

Mas agora a opção está vindo atrás de mim.

Eu poderia ir agora. Eu poderia deixá-lo me matar.

Eu veria meu anjinho novamente.

Então, por que estou correndo?

Mas eu continuo.

Digo a mim mesma que estou fazendo isso por ela, porque ela está olhando para baixo e não gostaria que sua mãe fosse fraca.

Eu empurro .

Mas o terreno é o meu maior obstáculo. Minhas pernas dobram e torcem. Eu caio várias vezes sobre raízes e árvores caídas. Galhos golpeiam meu rosto, meu lado e contra minha pele exposta.

Mas eu continuo indo.

Outra respiração me sufoca enquanto tento me apressar.

A noite está chegando.

Literalmente.

E eu estou sendo fodidamente perseguida pela escuridão.

Estou surpresa por ter chegado tão longe sem ele me alcançar.

Talvez ele tenha se perdido... e eu aproveito para correr.

À medida que o sol se põe, a floresta escurece.

Mal consigo ver meu caminho e minhas forças diminuem. Minha visão escurece por um momento e quase colido com uma árvore.

Eu tenho que parar.

Esconder .

À frente, mal posso vê-lo com a luz cada vez menor, mas há um buraco no chão.

Como uma caverna que já abrigou uma enorme pedra.

Eu sigo em direção a ele, minha cabeça estalando para trás enquanto eu checo atrás de mim.

Nada.

Nem o ar se move.

Quero acreditar que escapei. Eu quero acreditar com tudo dentro de mim.

Conforme me aproximo do buraco, fica claro que é grande o suficiente para eu caber lá. Fica na encosta da montanha e não é difícil subir nela.

Uma vez lá dentro, vejo que não foi feito por uma pedra.

Uma grande raiz de árvore está acima.

Agarrando minhas pernas contra o peito, prendo a respiração, meus ouvidos zumbindo com aquele estranho ruído branco que você só ouve em completo silêncio.

Pois é silencioso.

Nem as folhas das árvores se movem.

Estranhamente quieto.

Alguns minutos se passam e nada.

Estou prestes a deixar meus ombros caírem quando algo pousa na raiz acima de mim.

Fios finos de terra seca caem sobre mim e eu aperto a mão sobre a boca.

É ele .

Não consigo vê-lo, mas sei que é ele.

Ele inala profundamente e eu o ouço rosnar, um silvo deixando seus lábios que me faz tremer.

Por um momento longo e aterrorizante, eu espero.

Quase saio correndo do meu esconderijo. Só o medo me detém.

E então... ele se foi.

Eu não ousou respirar.

Eu realmente acabei de escapar dele?

É de manhã.

Meus olhos se abrem e eu acordo assustada enquanto forço a escuridão do sono para longe da minha visão.

Em algum momento, adormeci, apesar de tentar o meu melhor para ficar acordada.

A consciência me preenche enquanto uma sensação de enjoo se desenvolve em meu estômago.

Eu mantive vigilância por tanto tempo quanto pude. Eventualmente, a fraqueza venceu.

Eu tento não fazer barulho enquanto meu olhar corre ao meu redor.

Ainda estou no recanto sob a raiz da árvore. Ainda na mesma posição em que me encolhi.

Eu estou segura.

Por algum milagre, ainda estou viva.

E o alienígena ...

Meu olhar procura nos arbustos diante de mim enquanto me esforço para ouvir qualquer som.

Ele não está em lugar nenhum.

Envio uma oração silenciosa aos céus pela minha boa sorte, mas agora que é de manhã, tenho que deixar este lugar.

Esticando uma perna para fora do buraco, testo o estado dos meus músculos.

Estou com câibras e a dor no meu lado ainda está lá, mas não tão forte quanto no dia anterior.

Essa gosma preta ainda está sobre ele, no entanto.

Assim que estiver curada o suficiente, tenho que removê-la.

Agora, porém, preciso me concentrar em ficar o mais longe possível daqui.

Isso e encontrar um pouco de água e algo para comer.

Enquanto rastejo para fora da raiz, me movo devagar, meus ouvidos ainda atentos a qualquer som. Mas tudo que posso ouvir é o barulho que estou criando. O arrastar de pés quase silencioso. Minha respiração quando sai pela minha boca aberta.

Estou quase fora do buraco quando algo me chama pelo canto do olho e eu congelo.

Ali, não muito longe de mim, está um... peixe?

Está empalado em uma vara que passa pela boca e sai pela outra ponta.

Fresco, pelo que parece, como se tivesse acabado de ser tirado da água.

O alarme passa por mim e minha cabeça gira de um lado para o outro enquanto olho ao redor.

Nada.

Meu olhar desliza de volta para o peixe.

Há um contorno circular de rochas ao lado dele e eu rastejo para mais perto, todo o meu corpo rígido com cautela enquanto olho ao redor.

Chego perto o suficiente para ver que o círculo de rochas contém uma grande folha com água - as rochas sustentam a folha para que a água não vaze.

Outro raio de apreensão passa por mim.

Alguém claramente deixou isso para mim.

Quero imaginar que, por um golpe de sorte, um humano gentil passou por ali durante a noite.

Mas desde o dia em que o mundo acabou, meus encontros com os humanos não foram tão bons.

Eles não teriam motivos para me ajudar.

Um caroço se forma na minha garganta enquanto olho para a comida.

Não sei por que olho para trás. Eu só faço. E o medo dispara através de mim.

Ele está lá .

Eu me afasto para longe dele com meu coração na minha garganta.

De onde diabos ele veio e como ele apareceu tão rápido?

Mais uma vez tento encontrar algo, algum tipo de arma, para segurar em minhas mãos. Tudo o que meus dedos agarram são folhas secas.

O alienígena pula da árvore em que está empoleirado em um movimento fluido.

Ele dá alguns passos em minha direção, então para de se mover.

Ele está tão quieto que é como se até as partículas de ar ao seu redor deixassem de existir.

Porra. Ele estava lá todo esse tempo?

Meus olhos se arregalam quando a realização atinge.

Ontem à noite, quando ele pousou na raiz acima de mim, ele não saiu como eu pensei.

Ele esteve aqui a noite toda.

Um estranho tipo de medo passa por mim. Um que eu nunca senti antes.

Estou ferida e mesmo que eu tente correr, ele vai me pegar de qualquer maneira.

Não há dúvida sobre isso agora.

— O que você quer de mim?

Ele nunca respondeu na primeira vez. Ele apenas ficou lá, olhando para mim.

Aqueles olhos escuros de cobalto dele são como poços profundos nos quais eu poderia cair e perecer.

Eles deveriam me assustar mais do que agora.

Estou com medo.

Mas eu fico de pé apesar da dor no meu lado e da fraqueza nas minhas pernas.

Eu me levanto e encaro o demônio diante de mim.

Meu peito arfa enquanto nos enfrentamos.

Se ele não vai me matar, por que não me deixa em paz?

Ele ainda não respondeu à minha pergunta, e está tão quieto que me pergunto se eu perguntei de verdade.

— O que você quer? — Não consigo imaginar o que é. Uma parte de mim não quer saber. Minha pergunta obtém uma resposta, no entanto.

Seu traje se move. Como uma onda sobre sua pele.

É estranho e difícil de explicar.

Ele me ouviu?

Tenho certeza que sim.

Ele me entende?

Tenho certeza disso também.

O inglês dele é bom. Bom demais.

Gravemente e falado com um sotaque estranho, mas bom o suficiente para que eu saiba que a compreensão não é problema dele.

Como ele pode falar nossa língua, no entanto... isso é outra coisa.

Ele obviamente não é deste mundo.

Ele é outro .

Pela primeira vez desde ontem, eu me levanto e dou uma boa olhada nele.

Meu 1,70 metro coloca o topo da minha cabeça em seu peito.

Ele é enorme. Enorme.

Os músculos sob aquele traje escuro dele, salientes.

Seu traje está faltando em um pedaço no braço e sua pele de carvão absorve a luz do sol.

Cumes correm ao longo daquele braço para desaparecer sob o traje e, mesmo com a escuridão total do próprio traje, posso ver que há mais sulcos por todo o corpo.

Atrás desse traje, posso ver que seu rosto é esculpido com ângulos agudos e quando meu olhar passa por ele, seus olhos se estreitam em mim.

Eu engulo.

Esta é a sensação de estar na presença de um predador.

Eu deveria correr, mas estou congelada.

Fugir dele não me fez muito bem.

Juro que as rugas sobre sua testa se movem quando meus olhos sobem mais alto para pousar em seus cabelos grossos. Amarrado e preso longe de seu rosto, seu cabelo é alguns tons mais escuro que sua pele.

Ele é noite.

Grande.

Aterrorizante.

Nervoso.

Trevas.

Ele ainda não está se movendo, mas eu vi o que ele pode fazer em um piscar de olhos. Como essas lâminas podem se formar em seu corpo em um instante.

— O que você é?

Em algum lugar da floresta, um pássaro canta.

Tão focado nele que o som me faz estremecer, mas o alienígena não reage.

— Eu sou Vullano.

Ele não se move para mim e eu estou feliz.

— Vullan — murmuro. — Esse é o seu nome?

Suas orelhas se contorcem.

Eles são pontudos no final e tão escuros quanto o resto dele.

— Coma — diz ele.

Eu pisco para ele antes de meu olhar passar rapidamente para o peixe e a água.

Não sei como reagir ao fato de ele ter me trazido comida.

— Coma — ele repete.

Estou morrendo de sede e olho para a água, mantendo-o em minha visão periférica enquanto faço isso.

Ele ainda não se moveu, então eu me aproximei da folha e me abaixei o suficiente para cheirar.

Eu não posso dizer se há algo de errado com isso e se ela está misturada com veneno, com certeza há uma centena de outras maneiras pelas quais ele poderia me matar muito mais rápido.

Merda, ele poderia ter me matado enquanto eu dormia em meu buraco, pensando que estava segura.

Isso não significa que confio nele, porém, e olho para ele enquanto levanto a folha.

Não tiro os olhos dele enquanto o inclino e deixo a água escorrer pela minha boca.

A sensação do líquido contra minha garganta dolorida é tão boa que eu poderia chorar.

Eu quero mais, mas isso terá que servir por enquanto.

Enquanto abaixo a folha, o alienígena observa meu movimento.

Ele me trouxe peixe e água.

Eu não entendi.

— Porquê você está aqui? O que você quer de nós? De mim?

— Nada — diz ele. — Não estamos aqui por você.

Nós?

Olho para o céu e estremeço um pouco.

Essas grandes máquinas.

Eles certamente estão aqui para nós.

Quando tudo começou, eu estava no centro da cidade. Pessoas foram arrebatadas bem na minha frente e depositadas nas barrigas daquelas coisas enormes de metal. Eles vaporizaram o resto. Tive sorte de fugir.

— Estamos aqui para destruí-los.

Suas palavras fazem meus olhos se voltarem para ele e todo o meu corpo fica tenso.

Ele ainda está parado tão silenciosamente, imóvel, que mesmo com o sol da manhã ao nosso redor, ele parece ameaçador.

— Eles?

— O Gryken.

Imediatamente penso naquela criatura que me atacou e me mexo um pouco.

Ele não se parece nada com essa espécie.

Aquele era cinza. Seus membros longos e articulados.

Sua cabeça grande e inchada.

Como um polvo, mas se movendo como uma aranha.

Foi estranho. Repugnante.

Aterrorizante.

Está claro que este alienígena diante de mim é de uma espécie diferente, pelo menos.

Um inimigo dos cinzas, talvez?

Mas isso não significa que ele é um amigo.

— Você está aqui para matar os cinzas... — eu sussurro.

— Correto.

Uma lasca de ansiedade, ou talvez empolgação, passa pela minha barriga enquanto eu o estudo.

Ele ainda não tentou se aventurar mais perto de mim e eu aprecio a distância.

— E nós? Você está aqui para nos matar também?

Suas narinas dilatam. Visivelmente. E a memória de como ele se transformou em uma máquina de matar aterrorizante volta correndo.

— Não — ele finalmente diz, e meus ombros relaxam um pouco, a tensão que eu não sabia que estava liberando.

A dor no meu lado pulsa e eu olho para baixo, esperando ver um pouco de sangue fresco, mas sou recebida com aquele revestimento preto.

Não há sangue, exceto o sangue que secou na minha pele antes.

Eu tenho muitas perguntas.

— Quem te mandou?

Mas quando eu olho para cima, não há ninguém lá.

Alarme passa por mim enquanto eu olho ao redor.

Ninguém está lá.

É como se ele fosse uma invenção da minha imaginação.

O fato de que ele se move sem que eu ouça me assusta pra caralho, e eu me movo de modo que minhas costas fiquem voltadas para o buraco em que me escondi.

Ele é como fumaça, vagando silenciosamente pelo ar.

Em um minuto ele está lá, e no próximo, ele se foi com o vento.

— Alienígena? — Minha voz se move por entre as árvores de uma forma que me faz saber que estou sozinha. — Vullan?

Eu me levanto um pouco, mas a dor no meu lado pulsa e eu tenho que me acalmar.

Eu deveria ficar quieta, mas a aparição repentina do alienígena e agora o desaparecimento têm cada célula do meu corpo em guarda.

Não sei o que pensar ou o que devo fazer.

Se os alienígenas estão aqui lutando contra alienígenas, estamos presos no meio de alguma guerra espacial?

Se sim, por que essas máquinas estão destruindo tudo o que construímos? Tudo o que a sociedade humana já conheceu?

Faz pouco sentido e minha apreensão não me deixa acreditar.

Eu não posso confiar nele.

Mas como é óbvio que não posso me livrar dele, é melhor eu adotar outra tática.

Se você não pode vencê-los... junte-se a eles... até que você possa acabar com eles.

E é exatamente isso que farei.

CAPÍTULO SETE

Fi'Rox

Fiquei vigiando a fêmea a noite toda, sem ousar deixá-la sozinha.

Eu disse a ela para não correr.

Ela não tem ideia de como cheguei perto de...

Para quê?

Eu subo na árvore rapidamente, virando o pensamento sobre a minha cabeça.

Eu tenho que verificar nossos arredores e a melhor maneira de fazer isso é do alto das árvores.

Chego ao topo e olho para a floresta.

Tudo parece bem.

Os Gryken não destruíram esta seção do planeta como outras que vi.

Ainda há alguns animais selvagens aqui... criaturas marinhas no pequeno corpo de água que encontrei durante o ciclo escuro.

Ontem à noite, quando a encontrei escondida em seu buraco, levei tudo dentro de mim para me afastar.

Pela primeira vez em muitas luas, eu cacei.

Eu saciei a necessidade de repente correndo em minhas veias, acesa pelo cheiro do medo da fêmea.

A necessidade de caçar e reivindicar.

Foi somente por meio dessa caçada que cheguei ao pequeno corpo de água com as criaturas marinhas.

É só porque eu estava longe dela que eu limpei minha cabeça.

Lá embaixo, sei que ela permanece. Não correndo desta vez.

Bom.

Preciso voltar para a base. Deixa-la lá para que eu possa investigar o significado do Scrit que vi com as veias vermelhas se espalhando pelo chão.

Mas meu ba'clan ainda não se regenerou.

Meu braço permanece nu.

Por que?

Eles pulsam contra mim. Um aperto reconfortante. Mas isso não responde à minha pergunta.

Não demoro tanto para me regenerar.

Nunca foi.

Descendo da árvore, eu pouso ruidosamente. Alto o suficiente para a fêmea me ouvir, e sua cabeça estala em minha direção.

Ela comeu a criatura marinha... ou, pelo menos, partes dela.

Não há fogo para ela matá-lo uma segunda vez. Estou surpreso que ela tenha comido.

Seu braço envolve seus montes assim que ela me vê, e eu resisto ao impulso de deixar meu olhar cair sobre eles.

Ela é uma mulher muito desconfiada... é isso que ela é.

E por que ela...

Minhas orelhas se projetam para os lados da minha cabeça, balançando no ar enquanto seus lábios se torcem em um sorriso.

Ela está experimentando alegria... dirigida a mim ?

Minhas orelhas se agitam novamente.

— Obrigada — diz ela.

Meus lábios puxam para trás e eu rosno. Que tipo de desonestidade é essa?

Seu sorriso vacila, mas não totalmente. — Obrigado por salvar minha vida.

Minhas narinas dilatam quando inspiro profundamente.

O cheiro do medo ainda está presente, embora não tanto quanto antes.

— Sinto muito por mais cedo, também. Só não estou acostumada com... sua espécie... mas está claro que você não me quer mal.

As últimas palavras não são ditas com tanta confiança, mas ela encontra meu olhar. Olhos castanhos profundos e inabaláveis.

Eu não posso ajudar, mas inclino minha cabeça em direção a ela.

Talvez ela tenha recobrado o juízo e percebido que não estou planejando comê-la.

Bom.

Quanto mais cedo ela..

— Vullan — ela diz.

— Humano?

— Vamos fazer um acordo.

Deja

Não estou em posição de fazer um acordo aqui.

Obviamente, sou o desfavorecido, mas quando o alienígena apenas mexe as orelhas, ganho confiança para continuar.

Aqueles olhos escuros estão em mim, como se eu fosse seu foco total, e é totalmente enervante.

Eu não quebro seu olhar, no entanto.

A última coisa que quero é mostrar medo em torno dessa... coisa. O que quer que ele seja.

Humanoide o suficiente para passar por um homem bizarramente grande vestindo algum tipo de traje com efeitos especiais. Mas mesmo essa descrição não pode enganar minha mente de que ele é tudo menos outro .

— O que aconteceu com o resto deles? Você é amigo da garota, certo? Sam? Eu vi você no acampamento. Por que você está aqui comigo e onde ela está? Engulo em seco, esperando que ele não diga a explicação mais provável.

Antes que aquela criatura alienígena atacasse o acampamento, havia uma mulher baixinha lá. Sam, ela disse que era seu nome . Ela mencionou seu amigo soldado.

Eu não tinha ideia de que ela estava falando sobre um alienígena de mais de um metro e oitenta de altura, que mostrava as presas e empunhava uma lâmina, construído a partir de matéria escura.

— Isso não soa como uma proposta para mim. — Sua voz é tão profunda que preciso me concentrar no que ele está dizendo e não no tom que vibra no ar.

— Bem, não posso fazer um acordo até saber com o que estou trabalhando. (Tradução: não posso continuar fugindo de você porque você vai me pegar).

Essencialmente, sou uma prisioneira sem correntes.

— Sam está na Base Zero. Segura — diz.

Aquela voz profunda dele. O sotaque estranho. A maneira como ele puxa as palavras de uma forma não natural. Isso me pega desprevenido novamente.

— Base Zero?

— Um refúgio.

Eu pisco para ele, minha boca se abrindo um pouco, mas não tenho palavras.

— Um refúgio para humanos... e meus irmãos também — ele continua

— Há mais de você? — Eu sussurro.

Ele não responde por alguns momentos. — Se eu disser não... você terá menos medo?

Engulo em seco, meus ombros endurecendo um pouco mais.

— Eu não estou com medo.

Ele inclina o queixo para cima enquanto seu olhar examina as folhas antes de se concentrar em mim.

A menos que ele possa ler minha mente, ele não pode saber que estou mentindo, então eu endureço meu olhar e encontro o dele.

— Somos vários — ele finalmente diz. — E eu não sou o amigo de sua Sam. Ela é a companheira de um dos meus irmãos. Eles me enviaram para localizá-la. Seu olhar cai para o meu lado. — Vou devolvê-la à base quando for seguro viajar. Por enquanto, devemos esperar. — Seu olhar perfura o meu. — E você não deve correr.

Ele dá alguns passos em minha direção e de repente ele está bem na minha frente.

Eu endureço quando ele se agacha diante de mim e pega o que sobrou do peixe.

Comer cru foi difícil. Eu tive que engolir e tentar não sentir o gosto do cru.

Enquanto o observo, porém, ele usa uma garra para arrancar um pouco da carne dos ossos.

A garra se estende em minha direção e minhas sobrancelhas se erguem.

— Coma — ele ordena. — Está criatura morreu para seu sustento. Não deixe que seu sacrifício seja desperdiçado.

Eu pisco para ele, meu olhar voltando para sua garra.

Estendo a mão para ele e pego a carne de seus dedos.

Em um movimento, jogo na boca e engulo antes que a crueza se espalhe pela minha língua.

Ele faz isso mais algumas vezes, pegando tudo, exceto as entranhas e a pele, e fico surpreso com a habilidade com que ele pode trabalhar com suas garras.

Eles são afiadas, sem dúvida.

Estou sentada rigidamente. Com ele tão perto, não quero nem respirar e não posso deixar de encará-lo.

Então essa base que aquela mulher estava falando...é real?

E eles sobreviveram ao ataque dessas criaturas.

Há uma sensação estranha no meu estômago.

Talvez eu tenha sido uma tola por fugir.

— Então... o que você está dizendo é que você é um cara legal...

Seu olhar se encaixa no meu.

Assim de perto, eu me pergunto como ele é por baixo dessa máscara.

Está tão escuro que cria sombras, e não sei exatamente para o que estou olhando.

Mas aqueles olhos...

É como se ele estivesse me despindo e lendo minha alma.

É difícil manter seu olhar, mas de alguma forma eu consigo.

— Bom? — Ele faz uma pausa, me lendo. — Eu não disse tal coisa.

Minhas sobrancelhas dispararam imediatamente.

Eu deveria fazer um acordo com esse cara?

Em que merda eu me meti?

CAPÍTULO OITO

Fi'Rox

Ela é cautelosa comigo.

Confesso que não estou ajudando nesse sentido.

Em alguma parte de mim, há um desejo de provocar a mulher. Ela aquece e algo dentro de mim vibra com cada interação entre nós.

Mas, apesar dessa sensação estranha, não posso perder o foco.

Sou um vullano sozinho fora da base. Não posso baixar a guarda. O destino do meu povo e da fêmea depende disso.

Meu ba'clan pulsa contra mim enquanto me movo por entre as árvores.

Não me afastei muito da fêmea, apenas o suficiente para encontrar mais presas para ela consumir.

Ao contrário da noite, quando me encontrei perto das águas, não posso ir tão longe desta vez.

Ela está mais forte hoje.

Ela pode correr novamente.

Subo em uma das árvores mais altas para poder ver a floresta e, quando alcanço a vegetação rasteira, meu ba'clan se eriça.

É fácil perceber porquê.

Ao longe está um Scrit.

Tão longe que seu tamanho maciço é distorcido.

Um tremor passa por mim, um fogo se acendendo dentro de mim enquanto me concentro no pensamento central que dominou minha mente pelo que parece uma eternidade.

Uma necessidade queima dentro de mim.

Uma necessidade de matar.

Destruir.

Lamento que tenha sido Ga'Var quem teve a chance de matar as feras que destruíram o acampamento da fêmea.

Eu teria gostado de encher minha garra no sangue de Gryken.

Mas o Scrit à distância não está se movendo.

Assim como aquele por quem passei em meu caminho para encontrar a fêmea, este Scrit está parado.

Outra cerda se move sobre a minha pele.

Algo não está certo.

Descendo da árvore, faço um movimento na direção da máquina quando paro no meio do passo.

Eu não posso simplesmente deixar a fêmea aqui.

Ela morrerá sem mim.

Meu ba'clan pulsa desta vez, como se concordasse.

Eu não sou um selvagem.

Mesmo eu, que possivelmente nunca encontrarei uma companheira neste mundo, entendo a necessidade de proteger as fêmeas.

Eu simplesmente terei que investigar o Scrit mais tarde.

Estou prestes a ir em sua direção quando ouço um movimento na vegetação rasteira.

É o arrastar de pés discreto de uma pequena criatura correndo para fugir.

Perfeito.

Parece que não precisarei ir muito longe para encontrar comida para a fêmea.

Pego a criatura com pouco esforço e a seguro pelo rabo comprido e fino.

Ele chia para mim e se contorce, tentando fugir.

É uma coisa minúscula. Mas gordinha.

Gordo o suficiente para dar algum sustento à fêmea.

Eu o mataria agora, mas possivelmente a fêmea vai querer fazer as honras sozinha. Então eu sigo na direção dela com o rabo da criatura firmemente seguro em minha mão.

Desta vez ela me ouve chegando, graças aos guinchos da criatura, e seus olhos se arregalam quando ela vê o que tenho na mão.

Seus montes não estão mais nus. Ela removeu a roupa de sua ferida e amarrou-a em torno de suas tetas, mal cobrindo-as, mas de alguma forma impedindo-as de saltar toda vez que ela se move.

Quando estendo a refeição para ela, ela recua.

— O que... O que você quer que eu faça com isso?

Eu pensei que era óbvio.

— Coma, fêmea.

Seu rosto se contrai, as linhas em seus lábios se unindo de maneira peculiar.

— Mm...nhm. — Ela balança a cabeça e as bugigangas em seu cabelo se agitam, fazendo um som de tilintar.

A palavra não traduz. Eu não entendo isso.

Possivelmente, ela gostaria que eu matasse para ela?

Ela não tem garras.

— Eu não posso comer este rato ou seja lá o que for. — Ela mostra a língua curta e seu peito arfa como se estivesse prestes a esvaziar seu conteúdo. — Não posso comer isso. — Ela balança a cabeça novamente e olha para mim. — Você pode ficar com isso.

Seu peito arfa novamente, mas ela tenta esconder desta vez.

Isso é... desagradável para ela.

Me desagrada, e me agacho, soltando a criaturinha, que foge apressada.

— Obrigada — ela diz e quando eu olho para ela, noto que seu peito não está mais arfando.

— Não há nada para me agradecer, fêmea.

A atitude dela mudou. Ontem à noite, ela teria me atingido com um galho.

Eu estreito meus olhos enquanto a considero. Eu não confio nela.

— Deja — diz ela, franzindo um pouco as sobrancelhas. Ela ainda está olhando para mim de forma estranha, cautela em seus olhos, mas agora há algo mais também. Curiosidade. — Meu nome é Deja

Sua designação é... linda. Duas partes, como um nome Vullan.

Não é difícil para mim dizer. — Dey'jah.

Suas sobrancelhas levantam um pouco e ela empurra o queixo ligeiramente.

Ela está olhando para mim agora como se esperasse por algo e momentos se passam entre nós em silêncio.

— Prazer em conhecê-lo, Vullan.

— Fi'rox — eu digo, e meu ba'clan se arrepia.

Visivelmente sim.

Tenho certeza que ela percebe, mas de alguma forma ela mantém seu olhar fixo no meu.

— Fi'rox é minha designação.

Dizer a ela meu nome parece quase muito... íntimo.

Todo esse tempo em torno das fêmeas humanas na base, observei de longe, mas nunca me aproximei delas.

Eles nos chamam de — demônios — sussurram, sem saber que podemos ouvi-los tão alto como se estivessem gritando.

Eu tinha me acostumado com esse apelido.

Assim como esta mulher pensa em mim como o — horror .

— Fi'rox. — Deixa empurra o queixo em direção ao peito mais uma vez e eu imito a ação.

Seus lábios torcem um pouco. Um sorriso.

Isso me pega desprevenido e eu rosno.

A pequena torção de seus lábios desaparece e eu me afasto dela enquanto me levanto.

Acho que uma mulher não encontra humor comigo há muito, muito tempo.

Duas vezes agora, este Dey'jah tem.

Eu não... sei o que pensar disso.

— Devemos nos mover — eu digo. — Não podemos ficar parados no mesmo lugar.

E preciso descobrir o que os Gryken estão tramando.

— Ok — ela respira e se levanta lentamente.

Ela sorri para mim novamente e minhas narinas dilatam quando uma lasca de algo faísca dentro de mim.

Minhas pupilas se estreitam quando a observo.

Outro sorriso?

Não confio nesta nova Dey'jah.

CAPÍTULO NOVE

Deja

Estamos abrindo caminho pela floresta. Eu não tenho ideia de para onde estamos indo, mas se eu sei de uma coisa, eu sei que o alienígena, Fi'rox, está certo sobre não ficar no mesmo lugar.

A menos que seja um local particularmente bom, temos que continuar em movimento.

Precisamos de abrigo. E comida.

Ou, pelo menos, preciso de comida.

Ainda não vi o alienígena comer nada. Ninguém pode me culpar por pensar que ele poderia querer me comer .

Ainda não tenho certeza de que não.

O progresso é lento. Abrimos caminho entre os arbustos e, de vez em quando, o alienígena para e escuta.

É tudo silencioso para mim, mas tenho a sensação de que ele pode ouvir muito melhor do que eu.

Não, eu não sinto isso. Eu sei que ele pode.

Sempre que ele faz uma pausa para ouvir, eu faço o mesmo.

Estou andando atrás dele, com uma bengala na mão para me ajudar a caminhar.

Tenho certeza de que poderíamos estar nos movendo muito mais rapidamente. Antes de partirmos, tive a sensação de que ele estava prestes a me levantar novamente. Então eu prontamente me levantei.

Quanto mais distância eu colocar entre nós, melhor.

Eu ainda não confio nesse cara. Um pouco mais do que antes, sim, mas ainda não totalmente.

Eu quero perguntar a ele como ele veio para o nosso planeta e por que a guerra entre sua espécie e os cinzas está acontecendo aqui .

Por que a Terra?

Por que não em outro lugar?

Mas eu não digo uma palavra.

Ele fica em silêncio enquanto caminha. Impossivelmente silencioso. Nem mesmo os arbustos farfalham quando ele passa por eles.

Enquanto isso, cada galho que se quebra sob meu pé soa como um fogo de artifício alto transmitindo nossa localização, e meu olhar dispara em sua direção.

Mas mesmo que aqueles olhos escuros não olhem para mim, parece que ele ainda está ciente de cada movimento meu.

Então, eu me concentro em suas costas.

Os músculos flexionam enquanto ele anda, e eu franzo a testa enquanto os observo se moverem.

Eu posso ver cada sulco sob esse traje. Tão perto, cada contorno está disponível para meus olhos digerirem.

Se ele fosse humano... ele seria um espécime fodidamente sexy.

Ele tem o tipo de músculos com os quais a maioria dos homens sonha.

Estou olhando para suas costas quando ele para abruptamente.

Se eu estivesse andando normalmente e não mancando, poderia ter colidido com ele.

Sua cabeça vira um pouco quando ele olha para mim.

— Abrigo — diz ele.

Meu olhar corre ao redor dele, mas não consigo ver nada que eu classificaria como abrigo.

Na frente, só vejo arbustos.

— Se você vê abrigo, então devemos ir. Vai chover em breve.

O friozinho no ar e o céu cada vez mais cinza são indícios suficientes de que vai chover bastante.

Mas o alienígena não se mexe.

Ele ainda está olhando para mim como se estivesse pesando alguma coisa.

— É um abrigo humano.

Abrigo humano?

Ele quer dizer como uma casa?

Meu coração bate forte e não de um jeito bom.

Poucos humanos ficam vagando e a maioria deles que está livre não é do tipo bom.

Se ele encontrar algum tipo de casa abandonada que não tenha ninguém, seria como ganhar um jackpot.

Ele ainda está olhando para mim. É o tempo mais longo que ele olha para mim desde que partimos. — Pode atrair mais de sua espécie.

Ele também está certo sobre isso, mas um vento frio passa sobre nós e sei que não temos escolha melhor.

Temos que ir para a casa.

Ele deve ter visto a decisão em meus olhos, pois se vira e continua andando novamente.

Eu sigo, apressando meus passos agora, e nos próximos minutos, a floresta simplesmente para e estamos em uma estrada.

Bem, em um estacionamento. Um vazio.

Do outro lado do estacionamento e da estrada larga há uma casa tipo cabana de madeira.

Um centro de visitantes.

A placa na frente ainda está de pé, mas a hesitação toma conta de mim.

Se houver humanos lá dentro...

Eu deveria ir primeiro.

Dou o primeiro passo na borda da floresta e apenas passo pelo alienígena quando uma mão aperta meu braço.

Meus olhos se voltam para encontrar poços de escuridão e eu sinto a pele de Fi'rox, ou traje, ou algo assim, tremer contra a minha pele.

— Você fica aqui. — Ele dá um passo na minha frente antes de olhar para trás. — E não corra.

Ele ainda está com a mão no meu braço, e eu simplesmente aceno com a cabeça antes que ele me solte.

Estou prestes a dizer a ele que seria melhor para mim, um ser humano, entrar primeiro no prédio, mas ele já se foi.

Eu só posso olhar para o rastro dele.

Ele não vai direto para o prédio. Em vez disso, ele volta para a floresta.

Estou confuso até vê-lo aparecer cerca de um quilômetro abaixo da estrada.

Ele a atravessa e desaparece na floresta do outro lado.

Inteligente.

Melhor abordar por trás do que caminhar até a porta da frente.

Eu não posso mais vê-lo e espero nervosamente, meus olhos no centro de visitantes.

Ele me deixou sozinha.

Eu poderia ir agora.

Voltar pela floresta.

Perdê-lo.

A dor no meu lado não é mais tão ruim. Ainda dói quando ando, mas é muito mais controlável do que no dia anterior.

Não sei como e não vou questionar essa boa sorte.

Eu poderia ir.

Mas ir para onde, Deja?

Eu não tenho ideia de onde diabos eu estou.

Agora não é hora de ser idiota, e eu não sou idiota.

Então eu espero.

Eu volto para a cobertura da borda da floresta e espero aquela dor demoníaca na minha bunda reaparecer.

CAPÍTULO DEZ

Fi'Rox

É melhor a fêmea não correr.

Não posso vê-la de meu ponto de vista atrás da estrutura, mas se me aproximar por qualquer outro caminho, corro o risco de ser visto antes de determinar se estamos sozinhos.

Então eu rastejo em direção à parte de trás da estrutura.

Eu poderia camuflar. Eu vou se eu precisar. Mas estou demorando bastante para me regenerar. Não quero desperdiçar energia com algo que pode ser feito da maneira antiga.

Humanos não estão muito conscientes de seus arredores. Eu posso rastejar até eles e eles não saberiam da minha presença até que seja tarde demais.

Eu confio nessa segurança enquanto me arrasto para a frente, meus olhos no prédio.

A estrutura é tosca.

Velha.

Suas paredes são feitas de árvores mortas encontradas nesta mesma área.

Ainda posso sentir o cheiro da seiva que perdura nas fibras.

Conforme me aproximo, abro meus sentidos, mas nada vem a mim.

Nenhum ser, humano ou outro.

Isso não quer dizer que tudo está claro.

A entrada da estrutura está aberta e eu deslizo por ela, meus olhos se ajustando rapidamente à falta de luz lá dentro.

Parece que não somos os primeiros a nos aventurar neste edifício. O interior foi saqueado.

Itens estranhos de humanos estão espalhados pelo chão por toda parte.

Passo por cima deles, com cuidado para não perturbar nenhum, e me movo até ficar no centro da sala.

Sinto um movimento perto de mim e uma lâmina se forma em meu braço sem que eu precise enviar um comando mental.

Mas é simplesmente uma daquelas criaturas gordas da floresta — aquela que a fêmea se recusou a comer.

Eu o encaro e seus olhos redondos me estudam antes que ele saia correndo.

Pelo menos ela não terá que ir muito longe para caçar.

Há uma segunda sala nos fundos e eu rastejo em direção a ela, mas não há ninguém lá.

A estrutura parece ser segura.

Devo dizer a humana.

Assim que saio do prédio, meu ba'clan se arrepia, e meus pelos ficam arrepiados imediatamente.

Dey'jah está correndo.

Mulher problemática.

Mas o pensamento é interrompido no momento em que percebo que ela não está sozinha.

Um rosnado deixa meus lábios quando me agacho, empurrando o poder em minhas pernas enquanto salto no ar.

Pois Dey'jah não está fugindo de mim. Ela está correndo para mim.

E atrás dela, o predador que a está perseguindo está indo para a matança.

Deja

Surgiu do nada.

Tudo que eu tinha foi a fração de segundo quando ele rosnou atrás de mim.

O som me assustou e eu caí, descendo a pequena inclinação para aterrissar no estacionamento.

Essa é a única razão pela qual a criatura errou quando atacou. Mas quando ele se volta para mim novamente, sei que minha sorte está prestes a acabar.

Eu nunca estive cara a cara com um leão da montanha antes, e descobri que eles são muito maiores do que parecem na TV.

— Xô! — Eu bato minha bengala nele, lutando para trás, tentando ficar de pé, mas tudo o que o animal faz é assobiar para mim.

— Xô — não funciona em grandes felinos. Não funciona nem com moscas.

O leão da montanha não vacila. Em vez disso, mostra suas presas perversas e tenho a impressão de que não come há dias.

Não estou prestes a ser sua próxima refeição.

Eu fico de pé enquanto o animal me persegue e quando eu o golpeio novamente, ele faz uma pausa e sibila para mim mais uma vez antes de dar outro passo lento e perseguidor em minha direção.

Eu sei que está prestes a atacar. Eu posso vê-lo na forma como seu corpo está definido, e o pavor enche minha alma.

Se há alguém naquele prédio, eu tenho que colocar minha bunda lá.

Não preciso questionar essa decisão quando o animal ataca de repente.

Tudo o que posso fazer é deslizar o galho em sua direção mais uma vez enquanto tento fugir.

O galho estala quando dentes perversos afundam nele e a criatura agarra a madeira e puxa, quase me jogando no chão.

Deixando de lado a única coisa que tenho para lutar contra esse animal, me viro em direção ao prédio e corro.

Posso ouvir a criatura atrás de mim. Cada batida de suas patas contra o concreto é silenciosa, mas seus rosnados não.

Tão perto. Tão perto. Mas estou quase do outro lado da estrada agora. Eu só preciso entrar naquele prédio.

O terror, não a adrenalina, enche minhas veias, empurrando-me para a frente e não sei o que esperar ver, mas a figura alta e escura do alienígena com quem viajei aparece no prédio acima da estrada.

— Fi-roxxxx! — Eu grito seu nome antes que o medo que corre em minhas veias feche minha garganta e tudo que posso fazer é correr em sua direção.

Eu posso fazer isso. Eu posso.

Mas não tenho chance.

Eu tropeço. De alguma forma, eu tropeço e parece câmera lenta enquanto meu corpo é jogado para frente. Meus braços são a única coisa que posso estender para amortecer minha queda, e nem sinto a dor quando eles se conectam com o asfalto abaixo de mim.

Merda.

Eu tento me levantar. Eu não tenho muito tempo. O leão da montanha...

Mas um borrão escuro de repente se materializa no ar, interrompendo meus pensamentos. Ele passa por cima de mim como uma sombra, e levo mais de um segundo para perceber o que, ou melhor, quem é.

O alienígena colide com a criatura no ar e os dois saem rolando pelo asfalto, um ganido cortando o silêncio quando o animal atinge o chão.

Também estou no chão, mas me levanto com dificuldade, meu peito arfando quando me viro para olhar para trás.

Fi'rox está no topo do leão da montanha, suas costas e seus braços cheios de perigosas lâminas afiadas.

Ele ruge na cara do animal e eu juro que ouço o gemido do leão da montanha enquanto ele luta para se libertar.

Eu tenho que ajudar Fi'rox.

Olhando ao meu redor, procuro algo para usar para nos defender, mas outro olhar na direção de Fi'rox me diz que ele não precisa da minha ajuda.

Eu paro, paralisada com a cena diante de mim.

Fi'rox agora é só espinhos.

Todo ele.

Uma ponta afiada cresce de cada espaço livre em suas costas. Eu nunca vi nada parecido na minha vida.

Ele rosna agora enquanto prende o animal no chão, um braço levantado com uma ponta mais longa e de aparência mais letal do que o resto apontado para a cabeça do puma.

E então... ele congela.

Ele encara o animal, e quando volto meu olhar para a criatura, posso ver o medo em seus olhos.

É uma emoção que conheço bem. Vê-lo tão pronunciado aos olhos de um animal selvagem...

Como se soubesse que em um movimento, Fi'rox poderia cortar sua cabeça.

Ele não teve problemas para subjugar algo que daria a qualquer humano um tempo difícil de definir.

É nítida a força, o perigo que o cerca, e sinto o pânico do puma enquanto ele luta para fugir. O animal solta ganidos suaves que eu nunca ouvi nenhum animal fazer antes, como se soubesse que este é o fim, que está prestes a ser morto e está implorando por misericórdia.

Isso cria um sentimento conflitante dentro de mim. Eu não deveria ter pena dessa coisa quando ela apenas tentou me matar.

Fi'rox olha na minha direção, seu olhar se movendo sobre mim como se estivesse verificando se estou bem, e o fato faz um formigamento surpreendente de calor passar por mim.

— A criatura te machucou? — ele rosna. Sua voz é mais profunda, mais grave do que o normal, e eu gaguejo enquanto tento formar uma frase coerente.

— N...Não. Estou bem. — Meu coração está correndo uma maratona, mas tirando os ferimentos que tive antes e os arranhões nos cotovelos por causa da queda no asfalto, estou feliz por ainda estar viva.

Fi'rox pressiona o animal um pouco mais e o leão da montanha solta um gemido tão forte que não posso admitir que não sinto muito por isso.

— Não... — Eu paro. — Não o mate.

Não tenho certeza se ele me ouve.

Ele não está se movendo e também não se vira para olhar para mim. Então, eu permaneço paralisada, olhando para ele.

O leão da montanha faz outra tentativa de se libertar sem sucesso, outro gemido de cortar o coração saindo de sua garganta.

Só estava com fome. Como eu estou. Como todos nós estamos.

Engulo em seco, esperando os segundos passarem até que uma a uma, as lâminas ao longo das costas de Fi'rox desapareçam, deixando apenas aquelas ao longo de seus braços e aquela mortal que ele apontou para o crânio do leão da montanha.

Lentamente, ele se levanta, soltando o animal.

Apreensão dispara através de mim, mas o gato não ataca.

Em vez disso, assim que ele o solta, ele se levanta e foge, correndo pelo estacionamento e voltando para a floresta.

Não sei o que dizer enquanto assisto. Meu coração ainda está trovejando no meu peito enquanto volto meu olhar para o alienígena.

O último de seus picos achata quando ele se aproxima.

Ele fareja o ar enquanto se aproxima, suas narinas queimando quando ele se eleva sobre mim.

— Suas palavras não eram verdadeiras — ele rosna. Sua voz ainda é rouca, áspera, como se ele estivesse furioso por dentro e quando ele agarra meu braço, é tão repentino que um pequeno grito me escapa.

É um reflexo, puxando meu braço, mas ele me segura rápido enquanto vira meu braço o suficiente para revelar meu cotovelo.

Ele inala novamente e seu traje ondula quando um rosnado aparece em seus lábios.

Meus olhos estão arregalados, minha boca de repente seca enquanto eu olho para ele. Mas seu olhar está focado em meu braço e, quando olho para baixo, eu vejo a vermelhidão do meu próprio sangue.

Tirei os cotovelos quando caí.

— Você mentiu — Fi'rox rosna e eu engulo em seco.

— Eu... não fiz. Você perguntou se o leão da montanha me machucou. Isso não aconteceu. Isso foi só porque eu caí. — Eu tento puxar meu braço novamente, mas ele não me deixa.

Por alguma razão, a maneira como ele está olhando para o meu sangue com aquelas presas perversas expostas faz meu coração pular uma batida.

— Estou bem. Realmente. É apenas uma ferida superficial. Vou limpar assim que entrarmos.

Há silêncio enquanto o olhar de Fi'rox desliza lentamente para o meu e, mais uma vez, meu coração pula uma batida.

Posso ver meu reflexo em seus olhos e não gosto do que vejo.

Pareço pequena. Fraca.

Meu coração continua a martelar contra meu peito enquanto mantenho meu olhar no dele, um nó se formando em minha garganta a cada segundo que ele não diz nada, mas continua a olhar para mim.

Lentamente, e penso que quase com cuidado, ele solta meu braço, seu olhar ainda no meu.

— Você deve entrar na estrutura agora.

Eu pisco para ele.

— Por que? — Pergunta estúpida. Não sei por que perguntei. Acho que estou tentando entender o que diabos está acontecendo e minha mente não consegue processar.

— Chuva — diz ele.

E com certeza, ao seu pronunciamento, os céus se abrem como se estivessem esperando por seu comando.

CAPÍTULO ONZE

Deja

A chuva cai em gotas pesadas que fazem um tamborilar satisfatório contra o telhado.

Tudo foi destruído aqui.

Quem passou antes de nós levou tudo o que encontrou.

Eu não coloco isso contra eles. Eu teria feito o mesmo.

A única coisa que encontrei foram várias latas de tomate, algumas latas de milho doce e uma lata de feijão cozido. Todos eles rolaram para baixo do balcão, então presumo que a última pessoa simplesmente errou.

Estou segurando a lata de feijão, procurando um abridor de latas e mastigando o lábio enquanto tento distrair minha mente das coisas.

Enquanto isso, Fi'rox não está ajudando nesse sentido.

Ele fica no centro da sala me observando e eu gostaria de ter espaço para pensar.

Desde que aqueles orbes caíram do céu, parece que o mundo está se movendo muito rápido e não entendo o que diabos está acontecendo.

Meu corpo dói, meus cotovelos queimam e é difícil ignorar a dor enquanto procuro o abridor de latas e qualquer outro item útil.

Enquanto me movo, percebo o olhar de Fi'rox me seguindo como um predador observando sua presa. E está claro que ele é ainda mais adequado para a caça do que um maldito leão da montanha.

Ele é construído como um predador. Não há dúvida de que, se sua espécie existisse na Terra, eles seriam a raça superior.

Nós, humanos, nunca teríamos chegado ao topo da cadeia alimentar.

— O que você precisa? — Ele fala de repente e o som profundo de sua voz me faz pular dos meus pensamentos.

— Nada. — Balanço a cabeça para ele antes de colocar a lata no balcão.

Ele funga alto o suficiente para eu ouvir, fazendo meu olhar deslizar para o dele.

Aqueles olhos profundos dele me engolem imediatamente e eu sinto que ele sabe que estou mentindo.

Eu lanço meu olhar para a lata no balcão antes de soltar um suspiro.

— OK. Preciso de um abridor de latas. Aponto para a lata. — Isto é comida, mas não serve para mim se eu não conseguir abrir. —

Talvez se eu encontrar uma pedra do lado de fora, eu possa esmagá-la até que ela se abra? Isso pode funcionar.

Seu olhar desliza para a lata e ele avança, levanta a mão e enfia uma garra bem no topo.

Minha boca se abre e eu a fecho enquanto ele usa sua garra para abrir um buraco na lata.

Eu só posso apontar meu queixo para ele para agradecer enquanto ele empurra a lata agora aberta gentilmente em minha direção.

Olhe! Eu penso comigo mesmo. Ele é como um super-humano .

No entanto, com todo esse poder, ele não me machucou. Nem uma vez. Nem por acaso.

Faço uma pausa com esse pensamento, meu olhar voltando para o alienígena diante de mim.

— Você deixou o leão da montanha ir — eu digo, e em sua forma usual, Fi'rox não responde.

— Por que? — Uma pausa. — Eu pensei que você fosse matá-lo. Não sei quando deixei de tentar matar esse demônio para tentar entendê-lo.

Suas orelhas são achatadas nas laterais da cabeça, mas se contraem um pouco.

— Não foi maldade. Apenas com fome. Ele faz uma pausa. — E você pediu.

Minhas sobrancelhas levantam.

— Então você poupou sua vida... porque eu pedi?

Ele não responde.

Eu realmente não o entendo.

Em um momento ele está me dizendo que não é bom. No próximo, ele está agindo... como humano .

— E se ele tivesse me atacado? Me matado?

Quero retirar a pergunta no momento em que a faço, mas as palavras já saíram da minha boca.

Esse alienígena não me deve nada e deixou bem claro que não somos amigos. Ele está simplesmente — me escoltando até a base — porque é um dever dele. Nada mais.

— Eu não teria deixado isso te matar.

— Sim... mas se tivesse... você ainda teria deixado passar?

Ele me estuda por um momento, e suas orelhas se contorcem novamente antes de ele empurrar a lata de feijão para mais perto de mim.

— Coma — diz ele.

Acho que não vou obter uma resposta dele hoje.

Mil quatrocentos e quarenta minutos.

Parece muito.

Mas não foi o suficiente.

Mil quatrocentos e quarenta...

Isso foi o suficiente para a Terra cair.

Eu puxo minhas pernas para mim enquanto me sento no chão da sala dos fundos.

O lugar é tranquilo.

Estou sozinha, e esses são os pensamentos que surgem.

Nunca imaginei que o mundo acabaria assim.

Mas, novamente... cinco anos atrás, meu mundo acabou de outra maneira.

Uma respiração estremece através de mim e eu afasto as emoções crescentes.

Já repassei isso muitas e muitas vezes.

Uma e outra vez...

Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir aquele homem de adormecer ao volante e entrar no meu carro.

Nada que eu pudesse fazer...

Assim como não há nada que eu possa fazer agora.

O mundo está acabando pela segunda vez e, mais uma vez, está fora do meu controle.

Distraidamente, giro o dedo na lata de feijão antes de levar um pouco à boca.

Meus cotovelos doem a cada movimento do meu braço e cerro os dentes contra a dor.

Não há nada que eu possa fazer sobre isso. Eu poderia fazer um curativo, mas rasgar mais roupas quando as roupas são escassas parece uma ideia estúpida.

Levando alguns feijões à boca, mastigo enquanto puxo minhas pernas para mais perto de mim. Está frio aqui.

Abaixo de mim há uma camada de camisetas novas que espalhei sobre os panfletos do centro de visitantes. Encontrei os dois na sala principal, derrubados no chão por quem esteve aqui por último.

Eu coloquei uma camiseta sobre mim também, mas não ajuda em nada para me proteger do frio.

Então fico no canto, encolhida, comendo meu feijão e pensando.

Fi'rox está certo. Há uma grande chance de que qualquer humano que se aproxime verifique este lugar.

Presumo que seja por isso que ele está lá fora.

Na chuva.

Vigiando.

Eu tremo de frio e me concentro em comer o feijão.

Preciso de energia para curar, para que possamos ir para a base de que ele estava falando.

Se realmente existe um lugar assim.

Não consigo decidir no que acreditar com esse alienígena.

Se houver algum lugar para se esconder dessas máquinas, algum lugar onde eles não possam nos encontrar, seria o único refúgio na Terra.

É quase bom demais para acreditar... porque não há outro lugar para ir.

Você pode correr, mas eles eventualmente o encontrarão.

O pensamento forma um nó na minha garganta.

Eu realmente fui um dos sortudos.

Minha mão roça meu lado, sobre a mancha escura que o alienígena colocou sobre minha ferida.

Apenas tocar no local não dói mais e me pergunto sobre a substância escura.

... Eu me pergunto sobre ele .

Eu me pergunto o que ele está fazendo lá fora.

O trovão rola e a chuva continua a cair no telhado de alumínio. O tamborilar constante se repete em meus ouvidos enquanto me levanto e me dirijo lentamente para os fundos, colocando minha lata de feijão no balcão.

A porta que dá para os fundos ainda está ligeiramente aberta e eu a puxo apenas o suficiente para sair.

A chuva cai forte e a saliência do telhado é a única coisa que me protege da torrente .

Há uma espessa chuva cinzenta na minha frente e eu envolvo meus braços em volta de mim quando entra nela.

O frio das gotas de chuva me sacode no começo, mas eu me ajusto rapidamente, apertando meus braços em volta de mim enquanto olho ao redor.

Ele não está aqui.

Não consigo vê-lo em lugar nenhum.

Há uma escada que leva ao telhado do prédio. Talvez haja uma plataforma de observação lá em cima. Eu poderia muito bem ir olhar.

Blusa agora encharcada, meu corpo estremece enquanto sigo naquela direção.

Em algum momento durante essa provação, devo ter enlouquecido.

Não sei por que diabos estou procurando o alienígena, mas quando chego à plataforma e olho através da névoa cinzenta, não há ninguém lá.

Eu deveria ter ficado dentro de casa.

Mas, apesar do frio, há algo de bom na chuva. Algo purificador.

Eu inclino minha cabeça para cima e as gotas de chuva batem no meu rosto.

Pela primeira vez desde que tudo começou, paro por um momento.

Eu paro de pensar.

Eu paro de me preocupar.

Eu simplesmente fecho meus olhos e... sinto.

— Dey'jah.

Meus olhos se abrem e eu giro para encontrar Fi'rox diretamente atrás de mim.

Meu coração bate forte ao vê-lo tão perto e mais uma vez me lembro de como ele se move silenciosamente.

— Você está molhada — diz ele, seu olhar deslizando para baixo de mim e quando ele faz uma pausa em meus seios, eu olho para baixo também.

Estou vestindo uma camiseta branca na chuva e ela está grudada na minha pele. Pela primeira vez, me pergunto como pareço para ele.

Tenho me preocupado tanto com o que ele é... esqueci que para ele, também sou um alienígena.

— Você deve voltar para o abrigo.

Eu balanço minha cabeça.

— Você está vigiando. Não me importo de fazer o mesmo.

Se ele não estivesse aqui, de jeito nenhum eu estaria sentada em um quarto dos fundos, encolhida e comendo feijão.

Eu também estaria empoleirada em um ponto privilegiado.

Eu dou de ombros para disfarçar um arrepio.

— Além disso, você está molhado também. É bom sentir a chuva na pele às vezes.

Eu me afasto dele e sigo em direção à frente da plataforma que dá para a estrada.

Se a chuva não estivesse caindo tão forte, eu poderia ver longe na floresta daqui.

Não sei se Fi'rox está me seguindo até que ele apareça ao meu lado.

Eu olho para ele, riachos escorrendo pelo meu rosto, e seu olhar escuro encontra o meu.

Estou me acostumando com esse alienígena, não estou? Ele não me assusta mais tanto quanto deveria.

Mas ele está olhando para mim com tanta atenção que só percebo que ele está observando as gotas de chuva na minha pele quando seu olhar segue uma escorrendo pela minha bochecha.

Eu não estava errada sobre isso me fazer sentir bem.

Apesar do friozinho, esse é o momento mais vivo e em paz que senti desde que o mundo caiu.

Mas enquanto ele me observa, o traje de Fi'rox de repente racha no topo.

Não... rachaduras não é a palavra certa, mas mesmo enquanto assisto, não consigo descrever o que diabos está acontecendo.

Em sua coroa, o traje se abre e meio que... se dissolve em sua pele.

Acontece lentamente, descendo sobre a testa, as orelhas, o nariz... desce, desce...

Fico sem palavras quando ele revela seu rosto para mim e...

— Deus...

Os lábios de Fi'rox torcem um pouco.

— Não — diz ele. — Demônio.

Eu pisco para ele.

Ele sabe que eu o chamo assim?

Mas não consigo nem falar.

Eu sabia que o breu de seu traje iria distorcer as linhas do que está por baixo, mas meu Deus...

Fi'rox é... diabolicamente impressionante de um jeito estranho e sobrenatural.

Tipo... eu sei que estou olhando para alguma coisa, não, alguém que é muito mais avançado do que eu fisicamente e alguém que não é nem um pouco terrestre.

Ele é esculpido como se Deus tivesse demorado a fazer sua espécie, enquanto brincava com massa de vidraceiro enquanto fazia a nossa.

Eu não consigo tirar meus olhos dele.

Divisas estriadas formam caminhos em todo o rosto.

Descendo pelo nariz ligeiramente achatado, descendo pelas maçãs do rosto salientes, descendo pelo queixo firme. Eles têm uma parte inferior mais clara que faz parecer que ele está usando pintura de guerra e sem o preto total de seu traje, seus olhos não parecem mais poços sem alma.

Ele me pegou desprevenida e minha mente luta para encontrar algo para dizer.

Eu só posso olhar enquanto ele inclina a cabeça para os pingos de chuva da mesma maneira que eu fiz.

Eu pisco para ele, observando enquanto as gotas de chuva escorrem por sua pele perfeita de carvão.

Ao contrário de mim, ele não fecha os olhos e, quando olha para baixo, uma membrana quase transparente desaparece nos cantos dos olhos.

Me pego olhando, e eu viro minha cabeça e olho através da névoa à nossa frente.

— Por que você veio aqui para lutar? Quem te mandou?

Talvez ele não responda minhas perguntas novamente...

— Eles destruíram Edooria. Não poderíamos deixá-los destruir outro mundo também.

Edooria?

Eu olho para ele, mas ele está olhando para longe como se estivesse olhando para algo lá fora.

Eu também olho naquela direção, mas tudo o que posso ver é a névoa.

— Seu planeta?

— Minha casa.

Nunca ouvi emoção em sua voz antes; ainda assim, algo em seu tom faz meu coração apertar um pouco.

— Viemos aqui para detê-los — diz ele. — Chegamos tarde demais.

— Detê-los? — Um sorriso irônico torce meus lábios. — Nós tentamos pará-los. Mísseis. Bombas. Ataques aéreos. Ouvi dizer que a Rússia e a China até lançaram armas nucleares. — Meu peito torce com o pensamento.

Quantas pessoas morreram enquanto tentávamos impedir a invasão?

Minha vida já estava por um fio, mas perdi tudo o que sabia.

Tudo .

Casa e família não são mais coisas em que me permito pensar.

Pensar no passado só traz dor.

Por que estou viva e não eles?

— O que faz você pensar que pode detê-los?

Estou feliz que esteja chovendo. Ainda bem que as gotas puras de chuva estão disfarçando as lágrimas que de repente vieram aos meus olhos.

— Isso.

Eu fungo enquanto olho para ele e quando ele gesticula com a mão para algo ao seu lado, eu finalmente vejo o que ele está falando.

Seu traje se afasta, revelando o que parece ser algum tipo de arma.

Uma arma, talvez.

— Este é um protótipo — diz ele — mas significa que estamos caminhando para vencer esta guerra.

Ele olha para a névoa, na mesma direção que estava olhando antes, e seus lábios se retraem, suas presas se tornando visíveis.

Seu corpo inteiro fica tenso e pequenas lâminas se formam ao longo de seus braços enquanto seu traje de repente se move para cima para cobrir sua cabeça mais uma vez.

Seus olhos são assassinos enquanto suas narinas se dilatam.

O que quer que esteja lá fora é o que ele procura. E eu sei exatamente o que é isso.

Essas horríveis criaturas cinzentas.

Agora não tenho dúvidas de que são eles que controlam as enormes máquinas de matar.

Eu também olho para longe. O mundo lá fora está sendo destruído e nas mãos desse alienígena está o que provavelmente acabará com tudo isso.

Não sei por que confio no que ele diz, mas... confio.

— Não vamos deixar este mundo cair.

Suas palavras são como uma promessa.

Estamos juntos na chuva. Dois seres de mundos diferentes, mas neste momento estamos no mesmo plano.

Eu me pergunto por que fui mantida viva. Por que eu sobrevivi.

Talvez esta seja a razão.

Que outro propósito eu tenho? Tudo com o que eu sempre me importei se foi.

Eu olho para Fi'rox e seu olhar muda para o meu.

— Como posso ajudar?

CAPÍTULO DOZE

DEJA

Fi'rox se agacha na minha frente no chão do quartinho.

A chuva ainda está forte lá fora, a névoa se misturando com a noite.

Agarro a lata de feijão em minhas mãos enquanto coloco meus joelhos sob a camiseta limpa que vesti, minhas roupas molhadas descartadas e penduradas em cabides na frente.

Meu olhar desliza para o alienígena enquanto engancho o dedo e coloco mais um pouco de feijão na boca, tentando não estremecer por causa da dor nos cotovelos.

Ficou muito frio para mim, então tive que entrar. Ele seguiu logo depois.

Não é seguro para nós aqui, mas ele disse que saberia se alguém se aproximasse.

Eu só tenho que confiar que isso é verdade.

— Você fez um ninho — diz ele.

Um ninho?

Eu não chamaria assim.

Ele está agachado na minha frente, e eu me pergunto por que ele não se senta, mas ele parece confortável agachado do jeito que está. Tudo nele é tão... diferente. Até a maneira como seu traje parece seco enquanto minhas roupas estão completamente encharcadas.

Ele me observa comer, seu olhar seguindo minha mão enquanto eu engancho meu dedo e pego mais feijões antes de colocá-los em minha boca.

Ocorre-me que ele pode querer um pouco.

Estendo a lata em sua direção e ele se mexe um pouco, suas orelhas saindo do lado de sua cabeça de tal forma que eu quase rio.

Ele está surpreso que eu estou compartilhando com ele?

Eu empurro minha mão novamente.

— Aqui. Pegue um pouco.

Suas orelhas se contorcem e ele fareja o ar, mas não se mexe para pegar a lata.

Ele deve estar com fome. Já se passaram dois dias.

— É só feijão. — Eu me aproximo dele e só quando estou bem na frente dele, enganchando o dedo para pegar mais feijão da lata, é que percebo o quão perto dele cheguei.

Faço uma pausa, minhas reservas anteriores ressurgindo. Mas Fi'rox não se mexe.

Eu nem o ouço respirar.

Limpando minha garganta, eu levanto meu dedo e o levanto para ele.

Ele nem olha para isso. Seu olhar está completamente focado no meu e, por um segundo, vejo a loucura no que estou fazendo.

Eu apenas assumi...

Mais cedo, ele me ofereceu o peixe da mesma maneira. Talvez seja assim que eles fazem as coisas em seu planeta?

— Você provavelmente não come feijão. — Eu tento cobrir meu erro e me afastar, mas uma mão forte de repente se fecha em volta do meu pulso, parando meu movimento.

Ele está me tocando com seu braço nu, o que não está coberto por seu traje, e eu poderia jurar que a bandagem em meu lado pulsa e ondula. Ou provavelmente é apenas meu coração batendo porque de repente está trovejando em meu peito.

— Você não sabe o que oferece.

Feijões?

Estou oferecendo feijão.

Mas não acho sensato falar. Não tenho certeza se minha garganta funcionará.

E a maneira como seus olhos estão perfurando os meus...

Ele inala profundamente novamente e um pequeno arrepio passa por seus ouvidos.

— Olha, você não precisa comer isso.

— Não tenho certeza se devo querer isso.

Minhas sobrancelhas franzem um pouco e engulo uma bola dura que se forma em minha garganta. Bem, não tenho certeza se ele está falando sobre feijão aqui.

— Você não tem certeza se deveria querer o feijão?

— Não.

O que diabos isso quer dizer?

— Você quer dizer comida humana? O que você geralmente come?

Ainda não o vi ingerir nada e quanto mais tempo ele fica sem comer me deixa nervosa, para ser sincera. E se eu estivesse certa sobre ele querer comer a m...mim...

Sua língua desliza tão devagar que até meus pensamentos gaguejam.

Também não é o quão devagar ele está se movendo...

É só isso...

Meu olhar fica congelado no lugar porque sua língua... continua vindo.

Anormalmente longa e grossa - para uma língua - Fi'rox para assim que a ponta de sua língua atinge os poucos feijões em meu dedo.

Ele ainda não está olhando para o feijão. Seu olhar ainda está focado exclusivamente em mim.

E eu estou fascinada.

Como se aquela pausa fosse ele me dando uma chance de me afastar, ele de repente diminui a distância, e a ponta de sua língua se enrola em volta do meu dedo.

Eu empurro.

Não há como eu ficar parada enquanto o calor do grosso órgão se espalha através de mim.

Ele lambe os feijões até limpá-los antes de liberar lentamente seu aperto em mim, e eu me forço a reagir normalmente.

— Bem, essa é uma maneira de comê-lo. — Eu rio, um que sai mais agudo do que eu queria, enquanto desvio meu olhar e limpo minha garganta. — Você pode ficar com o resto, se quiser.

Eu empurro a lata para ele, mas um estrondo baixo que se mistura com o calor que ainda estou sentindo em meu dedo é tudo o que chega aos meus ouvidos.

Quando eu levanto meu olhar para ele, suas orelhas movem-se novamente e com seu rosto tão difícil de ler, eu me pergunto o que aquele movimento singular significa.

Desviando meu olhar mais uma vez, eu volto para o meu lugar em frente a ele e limpo minha garganta novamente.

Ele não diz uma palavra e eu coloco minhas pernas sob a camiseta para me aquecer.

O silêncio é quase ensurdecedor e quando abro minha boca para falar, Fi'rox chega antes de mim.

— Este é o seu ninho... e você me oferece sustento.

Eu olho para ele. — Sim...?

Meus olhos disparam para o lado. Há algo que estou perdendo aqui?

— Você quer que eu acasale com você?

— Huh?

— Fod'eer, vocês humanos chamam isso.

Meu olhar se alarga e pisco para ele algumas vezes.

— O que?

— Você quer que eu monte em você?

Ele não está usando as palavras certas, mas faz algo formigar dentro de mim que eu não esperava.

Montar?

Deus sabe que isso não deveria aumentar meu interesse. Eu não sou um animal.

— O que? — Repito, estupidamente. — Não, eu não quero que você me foda.

Por que ele pensaria isso?

Mas o pior é que de repente estou ciente de algo que convenientemente ignorei até agora.

Fi'rox é homem.

Um pedaço grande, forte e de dois metros de altura de macho alienígena e eu sou uma mulher que está seminua perto dele desde o início.

Poderíamos até fazer sexo? O pensamento não passou pela minha cabeça.

Uma sensação de mortificação me preenche.

— Meu Deus — eu sussurro.

Fi'rox rosna, mas não consigo olhar para ele.

— Mesmo que meu sazi exija, não vou acasalar com você. — Ele faz uma pausa. — Não estamos ligados.

Tudo o que ele disse é tão carregado que pisco várias vezes enquanto levo alguns momentos para entender

— Sah... zi? — Eu olho para ele.

Suas orelhas se contorcem.

— Qual é o seu sazi? — Eu nunca ouvi essa palavra antes. Certamente não é inglês.

As orelhas de Fi'rox movem-se novamente enquanto ele lentamente abaixa a cabeça.

Não entendo o que ele está fazendo até perceber que está olhando para a virilha. Com a cabeça ainda inclinada para baixo, seu olhar aguçado encontra o meu abruptamente.

— Oh... — Eu coloco a mão sobre minha boca, meus olhos arregalados enquanto meu olhar cai para onde ele estava olhando.

Por causa das sombras, não consigo ver nada e não tenho certeza se quero.

Merda.

Ele está falando sobre sua... coisa . Sem dúvida é isso que ele quer dizer.

Eu nem sei como responder. Nunca pensei que estaríamos discutindo sexo - um dia atrás, pensei que ele queria me matar - mas

agora que a semente está em minha mente, meu olhar desliza para baixo em sua forma e uma vibração se forma em meu peito.

COMO?!

Não.

De jeito nenhum.

Não vamos lá.

Eu nem deixarei esses pensamentos criarem raízes em minha mente.

— Fale-me sobre a base. Diga-me o que preciso fazer para ajudar — digo, mudando rapidamente de assunto.

Para minha sorte, essa era a pergunta exata que Fi'rox precisava para começar a falar.

Nos próximos minutos, eu o escuto.

Ele me conta sobre a base e a mineração que estão fazendo. Das armas como a que ele carrega que estão desenvolvendo para derrubar as máquinas.

Ele me diz que o número de humanos que eles resgataram está crescendo e que, com o protótipo, a retaliação logo começará.

Mas ao longo de seu discurso, só consigo pensar em uma única coisa.

O fato de que ele apenas aludiu a — montar — em mim.

Como por trás ou...?

Quando ele me conta sobre as duas humanas que acasalaram com sua espécie, como um deles ajudou a derrubar uma máquina antes mesmo de terem o protótipo, meus ouvidos se animam.

— Espera... acasalado? Você quer dizer... dois da sua espécie... fizeram isso com dois da minha espécie? Duas humanas?

— Sim.

Eu pisco para ele.

Quero perguntar a ele como, mas, novamente, não tenho certeza se esse é um caminho que desejo seguir.

— Você deve coletar o que puder deste abrigo. Suas irmãs humanas ficarão agradecidas.

Eu aceno para ele. Eu ia fazer isso, de qualquer maneira.

— Descanse agora — diz ele, levantando-se. — Partiremos para a base assim que estivermos aptos para viajar.

Eu o observo ir, ainda mais perguntas do que antes em minha mente.

Empurrando a agora vazia lata de feijão para longe de mim, eu me enrolo no chão, meus olhos na porta entreaberta pela qual Fi'rox acabou de sair.

Ele se tornou mais humano para mim no último dia. Falando com ele... ele não é o monstro que parece ser.

Ele é... inteligente.

Estou segura, alimentada, protegida e há esperança para o futuro. Uma base com outros humanos onde estarei segura e mais de sua espécie lá para nos ajudar a nos proteger.

Quase parece bom demais para ser verdade.

Levantando meu dedo, eu o encaro.

Ainda posso sentir o calor de quando ele me lambeu, e a sensação de sua língua roçando minha pele.

Balançando a cabeça, afasto os pensamentos intrusivos e puxo minhas pernas para mais perto do meu corpo.

Concentre-se na cura.

Quanto mais rápido eu melhorar, mais cedo poderemos ir para aquela base.

CAPÍTULO TREZE

Fi'Rox

Não sei o que aconteceu comigo, então saio do prédio para ficar na chuva, subindo no telhado como antes.

A escuridão está aqui agora e me envolve.

Eu acolho isso.

Talvez isso me lembre do que eu sou. Do motivo de eu estar aqui.

Nenhuma companheira me chamou, e digo a mim mesmo que não preciso de um.

Então, por que a oferta inocente de sustento da fêmea criou uma lasca de prazer dentro de mim?

Quando levei seu dedo contra minha língua, por que a sensação de sua pele me fez querer provar mais?

Enquanto olho para a escuridão, as imagens da queda de Edooria se repetem em minha mente.

É por isso que estou aqui.

Eu falhei em proteger meus parentes. Minha casa.

Eu assisti tudo cair.

E minha punição é fazer tudo o que puder, mesmo que isso signifique desistir da minha vida, para fazer o Gryken pagar.

O prazer de uma fêmea... uma companheira ... está fora dos limites até que eu sirva ao meu melhor e cumpra esta tarefa.

Mas Dey'jah...

Eu rosno quando penso nela.

Eu não deveria estar surpreso. Uma mulher que vai contra as probabilidades de permanecer viva é obviamente uma que testará minha força. Minha fé.

E em algum momento, deixei de pensar nela apenas como uma tarefa que tenho que concluir para pensar nela como...

Como o que?

Eu sei o momento em que aconteceu.

Foi quando aquela criatura peluda a perseguiu.

Ela não correu para a cobertura dos arbustos.

Ela correu em minha direção .

O medo em seus olhos, a surpresa quando ela me viu vir em seu socorro...

Naquele momento, a dinâmica entre nós mudou.

E... não sei o que devo fazer a respeito.

Ela me ofereceu comida enquanto estava em seu ninho - um costume que as fêmeas vulanas fazem quando estão no cio e desejam acasalar.

Mas não senti nenhuma excitação.

Interesse , mas não excitação.

Ela não sabia o que estava fazendo.

Eu deveria ter negado a ela.

Meu ba'clan se irrita contra mim, discordando desse pensamento, mas sei que estou certo.

Dey'jah não é minha companheira.

Se ela fosse, o ba'clan teria me dito isso.

Isso é motivo suficiente para colocar distância entre nós novamente.

E... razão suficiente para eu afastá-la da minha mente.

No entanto... eu a vejo lá. Aqueles montes grandes e suas tetas escuras estão impressos em minha visão.

A maneira como elas se movem... o peso deles... a suavidade...

Ela é toda macia.

Meu sazi lateja novamente e eu assobio.

Inaceitável.

Estou reagindo assim porque Dey'jah é a primeira fêmea humana com quem tive contato tão próximo. E ela será a última.

Assim que eu a trouxer de volta para a base, ela se juntará ao ninho de humanos e se manterá longe de nós como o resto de sua espécie faz.

Eu tento afastá-la da minha mente novamente enquanto olho para a escuridão.

O céu ainda está chovendo e a neblina reduz ainda mais a visibilidade.

Mas eu sei o que está lá fora.

Daqui, eu podia ver claramente.

O Scrit que vi antes.

Aquele que não se move.

Dey'jah não sabe.

Nesse abrigo humano, ela quase pareceria... segura.

Mas eu localizei o inimigo. Eu sei que a segurança é simplesmente uma fachada.

Devemos nos mover logo.

Eu olho para o meu braço. Ainda não regenerado.

É preocupante.

Está demorando muito.

Talvez eu tenha que arriscar e voltar sem estar totalmente camuflado.

Escorregando do telhado, volto para dentro.

Eu estive fora por várias horas agora.

Dey'jah deve estar descansando. Inconsciente, espero.

Não quero enfrentá-la novamente. Embarço me enche de meu comportamento anterior.

Quando ela olhou para minha virilha, meu sazi estava tão duro que quase extrudiu.

Fico aliviado quando não há som quando entro e acredito que estou certo. Ela deve estar descansando.

Quando rastejo em direção ao ninho que ela fez, eu a localizo no canto.

Minhas orelhas tremem.

Ela parece tão pequena.

Ela enfiou seu corpo em uma bola enrolada em suas roupas, mas mesmo fazendo isso, ela estremeceu durante o sono.

Um rosnado ameaça deixar meus lábios.

Ela é fria.

Eu me viro para a sala maior, meu olhar procurando na escuridão por algum tipo de item que dê calor.

Mas não há nenhum.

Há arquivos espalhados pelo chão, artefatos estranhos contra as paredes, mas nada que dê calor a ela.

Voltando para o quarto, eu me movo para ficar sobre ela.

Seus olhos se abrem de repente e sua respiração fica presa na garganta. Ela estremece quando se levanta - um sinal claro de que seu corpo dói - mas no momento seguinte, seus ombros relaxam.

— Foda!! Por que diabos você está se aproximando de mim?

Aí está aquela palavra de novo.

Foda.

Achei que tinha deixado claro que meu sazi não se juntaria ao suu'ci dela, embora esteja latejando de novo com o mero som de sua voz.

— Eu não estou aqui para acasalar com você.

Seus olhos se arregalam quando eu me agacho diante dela.

— O que? Eu não disse...

— Fique quieta. — Eu me acomodo ao lado dela e congelo.

Não tenho certeza do que fazer agora.

Nunca me importei em ver como Fer'ro e sua humana, Adee'ra, confortam um ao outro, mas ela parece ansiar por seu toque o tempo todo.

Certo.

Dey'jah não tem ba'clan. Nada para regular sua temperatura e mantê-la aquecida.

Terei que compartilhar meu calor com ela, tomando-a em meus braços.

Eu me estico na direção dela e a puxo para mim, mas ela empurra contra mim e, como esperado, ela empurra de volta, contorcendo-se e estremecendo enquanto luta comigo.

— Me deixe ir! O que você está fazendo?!

— Fique quieta. Eu não vou machucar você. Não fiz e nem pretendo fazer.

Essas palavras a fazem parar, mas ela ainda está rígida contra mim e aqueles brancos perturbadores de seus olhos são enormes enquanto ela olha em minha direção.

— Então o que você está fazendo? Por que você está me agarrando?

— Você está fria.

Uma sobrancelha se ergue. — E você é...

— Tentando te manter aquecida. Mas você é uma mulher teimosa. Desde o começo.

Ela revira os olhos. Não consigo explicar de outra forma. Os brancos viram e as pupilas desaparecem por um momento. Isso faz meu ba'clan tremer de uma forma perturbadora.

— Eu não preciso de você para me aquecer. — Ela olha para longe de mim. — Talvez devêssemos ficar longe um do outro.

É a minha vez de enrijecer, mas mesmo que ela tente esconder, outro arrepio a percorre e ela estremece enquanto tenta se livrar de mim.

Ela está com dor, desconfortável, com frio e está escondendo isso.

Mesmo que ela não seja minha companheira, estou fazendo um péssimo trabalho cuidando dessa fêmea.

— Você me deixará ir? — ela pergunta.

Há um tom em sua voz que reconheço bem.

Eu não sou o único lutando contra essa mudança dinâmica entre nós.

Dey'jah não me quer tanto quanto sei que ela não é minha.

Então, devemos fazer concessões.

— Faremos uma troca.

Suas sobrancelhas se movem novamente.

— Que troca? Não tenho nada para lhe dar.

— Eu te darei meu calor. Tudo o que você precisa fazer é obedecer.

— Isso não parece muito com uma troca. O que você ganha com isso?

Não sei como responder a isso. Eu simplesmente quero aliviar seu desconforto. Então eu permaneço em silêncio.

Dey'jah estremece novamente e olha para mim. Mesmo tão perto, duvido que ela possa me ver bem. Seus olhos estão tão arregalados que fica claro que ela está tendo problemas para captar qualquer luz.

— Tudo bem — diz ela, e para de tentar escapar dos meus braços.

Eu resmungo.

Conseguí que ela concordasse.

Encostando-me na parede, eu a puxo comigo.

Ela ainda está rígida como a casca de uma árvore, mas permite que eu me mova com ela e, quando me acomodo, ela permanece com a cabeça e as costas arqueadas para fora do meu peito.

Nos próximos minutos, ficamos sentados assim em silêncio e observo os pensamentos e a hesitação passarem por seus olhos.

Eu não sou um monstro. Não um demônio.

Minha espécie não é tão aterrorizante quanto ela pensa. Não para aqueles que desejamos proteger.

Eu quero dizer isso a ela, mas uma parte de mim sabe que dizer essas coisas será em vão.

Então, em vez disso, fico o mais imóvel possível e vale a pena. Lentamente, seu peso se acomoda em mim enquanto ela relaxa, como se o pensamento de se aproximar de mim ainda a deixasse desconfortável e ela quisesse ficar longe.

Finalmente ela consegue e timidamente encosta contra o meu peito. Ela ainda está rígida, então não me mexo e leva mais de alguns minutos para que seu corpo relaxe completamente.

Parece que ela se derrete em mim.

É uma sensação antinatural, muito diferente de como ela se sentia quando eu a carregava.

— Estou começando a pensar que você é como o Fúria da Noite — ela sussurra de repente e sua voz faz meus ouvidos se animarem. É macia. Como ela.

— Fúria da noite?

— Sim. Um dragão negro em um filme de animação.

— Dragão?

— Sim, como um grande lagarto que cospe fogo.

— Eu não respiro chamas.

Ela ri.

Isso faz seu corpo se contrair contra o meu e de repente estou ciente de cada curva desta pequena humana contra mim.

— Sim. Você ainda não fez isso, mas você é todo grande e mau e perigoso e terrível... e misterioso...

Eu me pergunto onde ela quer chegar com isso. Seus elogios não soam como elogios.

— Mas por dentro você é apenas um molenga.

Eu rosno.

— Eu não sou mole. Você é.

E ela ri novamente.

É um som adorável. Um que faz algo vibrar dentro de mim.

Todos os meus sentidos estão me dizendo para afastá-la. Ela está chegando muito perto.

Mas outra parte de mim...

Ela está acomodada contra mim, e eu finalmente aperto meus braços ao redor dela para mantê-la perto.

Estou apenas mantendo-a aquecida.

Nada mais.

Nada... mais.

CAPÍTULO QUATORZE

Deja

Eu acordo com um sobressalto, meu corpo voltando à consciência e as dores me fazem estremecer imediatamente.

Braços fortes me envolvem e então me lembro de onde estou.

Nos braços de Fi'rox. Contra ele. Seu corpo duro debaixo do meu.

Seu traje parece veludo e ele é quente. Muito quente.

Não sinto mais tanto frio.

Ou sozinha.

Ainda posso ouvir a chuva lá fora. É uma batida contínua reconfortante que é provavelmente a razão pela qual eu cochilei.

Eu certamente não pretendia adormecer em seus braços. Meu plano era me aquecer o suficiente para me abraçar sozinha.

Mas aqui estou.

Ele está inesperadamente confortável e não quero me mexer.

Eu me mexo um pouco, puxando minhas pernas para que eu fique em posição fetal em cima dele.

Ele não está se movendo e há um constante subir e descer de seu peito.

Ele está dormindo.

Quanto mais tempo passo perto dele, mais penso que talvez ele não seja tão diferente de mim, afinal.

Ele certamente não é o demônio que eu pensei que fosse.

E talvez ele e seu povo sejam as armas secretas exatas de que precisamos para nos ajudar a sobreviver a isso.

Ele disse que não é bom... mas também não acho que seja ruim.
Segurando-me assim, ele certamente não é assustador.

Talvez seja por isso que duas humanas se acasalaram com sua espécie.

Minha mente volta para aquela garota baixinha que encontramos no acampamento. Sam.

Eu me pergunto se ela é uma das que acasalou com sua espécie.

Se alguns de nós podem ir tão longe a ponto de fazer sexo com seu povo, quão ruins eles podem ser?

Minha palma está descansando contra o peito de Fi'rox e posso sentir os sulcos sob seu traje. Eu os sigo sem pensar.

Eles estão esculpidos em sua carne.

Eu esperava que eles se fossem mais grosseiros do que isso.

Eu posso senti-los correndo em um caminho até seu peito e meus dedos seguem com toques leves até o topo, direto para sua clavícula, onde roçam os músculos tensos de seu pescoço.

Faço uma pausa, mas ele não está acordando, e minha curiosidade sobre esse ser, esse macho, aumenta quanto mais tempo passo com ele.

A hesitação que sinto é rapidamente afastada enquanto meus dedos deslizam sobre sua garganta e para cima.

Sua mandíbula é tão firme quanto parece, e eu relaxo enquanto meus dedos se movem mais alto para alcançar as orelhas pontudas dele.

Elas são firmes também, como uma versão mais dura da cartilagem dos meus próprios ouvidos, mas mais aveludadas.

Estou prestes a puxar minha mão quando Fi'rox agarra meu pulso.

Minha respiração engata no meu nariz. Eu fui pega.

Mas ele não diz nada e cada segundo que passa entre nós faz com que a respiração no meu peito fique cada vez mais forte.

Não há luz aqui.

Eu não consigo nem ver a expressão dele – não que eu seja capaz de lê-la, de qualquer maneira.

— Você estava acordado o tempo todo, não é? — O constrangimento faz meu estômago revirar.

Fi'rox muda e eu percebo naquele momento que em minha busca para satisfazer minha curiosidade, eu me virei tanto que basicamente estou sobre ele.

Eu recuo e tento deslizar para longe dele quando sua outra mão pousa na minha bunda, me segurando no lugar.

Meus olhos se arregalam.

— Hum, Fi'rox...?

— Não se mova.

A escuridão muda quando ele se aproxima de mim. Só sei porque sinto movimento.

— Não consigo ver você e é meio que... — Enervante?

Há um estrondo em sua garganta.

— Você quer que eu me desnude?

Minhas pálpebras tremem.

Não tenho tanta certeza do que isso significa.

Ele está perguntando se eu quero vê-lo nu?

A franqueza dessa pergunta é chocante, mas tenho que lembrar que nem tudo é o que parece com esse alienígena.

Seus costumes, sua compreensão das coisas, são diferentes do que estou acostumado.

— Você tiraria o traje?

Ele se mexe novamente e eu me movo com ele, meu corpo balançando em cima do dele.

— Você está interessado na minha forma.

Minhas bochechas esquentam. Então ele estava acordado. Claro, ele estava.

Por que eu pensei que ele estava dormindo quando ele se mistura à noite e eu não conseguia ver nada?

— Aqui.

Eu sinto isso se mover.

Seu traje.

Como uma onda debaixo de mim que ondula.

Mal consigo distinguir as linhas de seu rosto, mas suas saliências parecem ficar mais brilhantes à medida que meus olhos se ajustam.

— Seus cumes — eu sussurro. — Eles estão brilhando. Você está fazendo isso?

— Sim.

Estou maravilhada e, sem pensar, levanto minha outra mão para tocar sua bochecha. Mas paro um pouco antes de meus dedos fazerem contato.

— Você se importa se eu tocar em você?

Há um estrondo em seu peito e ele não responde imediatamente.

— Não.

Engulo em seco quando meus dedos fazem contato.

— Você é lindo.

Ele congela.

Seu corpo, suas mãos que estão me segurando, tudo é pedra, e eu sei que cometi algum erro.

Ele se inclina para mais perto de mim, perto o suficiente para que nossos narizes quase se toquem antes de ele soltar meu pulso.

Estou olhando para a escuridão de seus olhos e minha respiração se recusa a formar.

Ele é quase... demais.

Eu estava com medo dele não faz muito tempo. Agora estou acariciando sua bochecha.

Não entendo o que está acontecendo comigo. E seja o que for, está acontecendo rapidamente. Muito mais rápido do que minha mente pode acompanhar.

Como se meu corpo soubesse, a ferida em meu lado pulsa. Ou melhor, a substância escura ali colada pulsa.

Meu coração troveja em meu peito e uma vibração começa em minha barriga enquanto eu inadvertidamente lambo meus lábios.

Há outro estrondo no peito de Fi'rox e eu sei que ele apenas me observa fazer isso.

O pensamento faz uma vibração estranha passar por mim.

OK. Seja o que for, precisa parar.

Estremecendo, eu deslizo para fora dele e, desta vez, ele me solta.

Posso sentir seus olhos em mim enquanto me arrasto para alguns metros dele e coloco minhas costas contra a parede.

O frio não hesita em me envolver imediatamente, e apenas me lembra o quão quente e confortável era estar em seus braços. Mordendo meu lábio inferior, eu tremo e envolvo meus braços em volta de mim, estremecendo novamente com a dor em meus cotovelos.

Minha pele fica tensa ali, e cada movimento me faz perceber o ferimento.

É mais irritante do que a ferida mais séria do meu lado.

— Você ficará com frio de novo. — A voz de Fi'rox ecoa no escuro.

Parece que ele está ao meu redor, embora eu saiba que ele não está.

— Sim, mas está tudo bem. Você não pode ficar confortável me segurando assim por horas.

A única resposta que recebo é um estrondo baixo que pode significar qualquer coisa.

— E você está machucada. — Sua voz ficou ainda mais profunda.

— Não é nada. Eu estou viva. Isso é tudo que importa.

Há silêncio do lado dele, mas então a escuridão se move e de repente ele está diante de mim.

O movimento repentino me faz inspirar profundamente.

— O...o que você está fazendo?

— Deixe-me curar você.

Sem outra palavra, Fi'rox levanta meu braço e eu deixo.

Ele é visivelmente gentil com a maneira como me toca. Eu sei, porque já vi o que ele pode fazer. Esta mão me tocando agora não parece a mesma que lutou com um maldito leão da montanha.

Ele me toca como se tivesse medo de que eu quebrasse.

Isso me faz engolir seco e ficar em silêncio, meus olhos arregalados enquanto tento ver o que ele está fazendo.

Sinto quando ele se move e não sei exatamente em que posição ele está até que algo quente corre ao longo da ferida em meu cotovelo.

Uma respiração sibila pelo meu nariz enquanto eu afasto meu braço, mas Fi'rox puxa para trás suavemente, me impedindo de puxar meu braço todo para o meu lado.

— Dey'jah — ele rosna, puxando meu nome daquela maneira estranha que ele faz. — Me deixa aliviar sua dor.

Eu abro minha boca para responder, mas estou sem palavras. Só posso congelar de novo quando aquela coisa quente corre pelo meu cotovelo novamente.

Eu sei o que é isso. Eu já senti isso antes.

Língua muito longa, muito grossa, muito quente .

— P...por que você está me lambendo?

— Eu estou curando você.

Eu pisco e forço o nó na minha garganta quando ele solta meu braço e levanta o outro. Nem um músculo do meu corpo se move, mas eu estremeço assim que sua língua corre ao longo do meu outro cotovelo também.

O calor disso. A leve grosseria...

De jeito nenhum isso é apropriado.

— Você está me curando me lambendo? — Parece ridículo, mas o cotovelo que ele acabou de lambar está formigando e já não está doendo tanto quanto antes.

— Minhas enzimas vão te curar — Fi'rox murmura.

Ele solta meu braço e acho que acabou quando de repente ele agarra minhas coxas e me puxa para frente. É desorientador na escuridão completa e um pequeno grito me escapa. De repente, estou de costas, minhas coxas escarranchadas nas dele e sinto quando ele se apoia sobre mim.

— O que você está...

— Curando você — ele murmura baixo. — Eu queria fazer isso antes. — Ele faz uma pausa e eu não posso não estar ciente do fato de que ele está acomodado entre as minhas pernas. Eu não estou usando calcinha!

— Eu estava preocupado que você pudesse pensar que eu estava tentando foder você.

Minhas bochechas esquentam. Eu pensei isso. Mas isso...

— Isso não parece que você está me curando — eu sussurro.

Fi'rox grunhe e ele aparece um pouco mais claro diante de mim quando a parte de baixo de suas cristas se iluminam.

Não recebo nenhum aviso antes que sua cabeça abaixe, minha coxa é levantada e aquela língua quente dele desce por toda a extensão da minha perna.

Leva tudo dentro de mim para não se contorcer.

Isso é bom. Muito bom.

Não deveria ser tão bom. Deveria?

Fi'rox rosna, enviando vibração direto para a minha perna, e todo o meu corpo esquenta.

Isso certamente não está certo.

— M...minha perna n-precisa de cura. — Eu gaguejo quando ele passa a língua pela minha pele novamente. Ele está dificultando muito o foco.

— Você tem muitas escoriações pequenas. Eu ouço você estremecer cada vez que você se move.

Verdade, mas... isso justifica isso?

— Sim, mas...

— Silêncio, Dey'jah. Fique quieta.

Engulo em seco e fecho meus olhos, minhas palmas se fechando em punhos enquanto luto para não me contorcer a cada golpe de sua língua.

E quando ele levanta minha outra perna e faz a mesma coisa, leva tudo dentro de mim para me impedir de tremer.

Cada golpe envia um pequeno raio direto para o meu núcleo e eu percebo com pavor que o que ele está fazendo é... me excitando.

Fico em silêncio com isso, meus olhos arregalados enquanto o encaro.

E quando ele rosna contra a minha pele antes de finalmente colocar minha perna no chão, tudo que posso fazer é continuar olhando para ele.

Porra.

Estou feliz que ele não pode ler mentes, porque nem mesmo eu quero enfrentar os pensamentos que circulam na minha cabeça.

Mas como se ele realmente pudesse ler o que está em minha mente, sua língua desliza para fora de sua boca em uma lambida longa e lenta enquanto ele lambe seus lábios, seus olhos em mim e um calor dentro deles que eu nunca vi antes.

CAPÍTULO QUINZE

Deja

Fi'rox me deixa sozinha pelo resto da noite, embora tenha notado que eu estaria com frio. Mas não posso reclamar.

Não há como eu descansar em seus braços depois que ele passou a língua pelo meu corpo.

Eu ainda posso sentir isso, como se ele ainda estivesse me lambendo e chupando minha pele, e minhas pálpebras vibram com a memória.

E as consequências? Incrível.

É como se eu tivesse tomado paracetamol e a dor que me fazia estremecer a cada movimento tivesse diminuído.

Ele realmente me curou .

Meu olhar desliza para a porta parcialmente aberta e me pergunto o quão longe ele foi. A luz está lentamente se infiltrando na sala e está claro que sobrevivemos à noite, principalmente por causa dele.

Ele passou a maior parte da noite do lado de fora. Assistindo. Esperando.

Mantendo-me segura.

Levantando-me, saio pela porta.

A sala principal do centro de visitantes está exatamente como ontem – uma mistura de caos. Tudo perturbado.

Eu olho em volta, mas o alienígena não está em lugar nenhum e com a chuva constante ainda caindo lá fora, seria estúpido ir lá mais uma vez e me molhar.

Minhas roupas de ontem ainda estão encharcadas e não tenho muitas opções.

Envolvendo meus braços em volta de mim, noto o fato de que meu corpo não dói a cada passo, e quando olho para meus cotovelos, vejo que eles já estão com crostas.

Minhas sobrancelhas se levantam quando passo um dedo sobre a crosta.

Fi'rox é... totalmente incrível.

Tudo sobre ele.

Isso me deixa curiosa sobre ele. Sua espécie. De onde ele é. Como é lá.

Mas essas perguntas terão que esperar porque estou sozinha.

Indo até o balcão, pego uma das latas de milho doce. Tal como acontece com os feijões cozidos, não tenho nada para usar para abrir a tampa. Quando examino as outras latas, percebo que todas são assim.

Talvez a última pessoa não tenha sentido falta deles. Eles simplesmente os deixaram para trás.

Estou mordendo o lábio, imaginando como abrirei a lata quando há movimento no canto do olho.

Fi'rox para assim que eu viro minha cabeça em sua direção e então ele espreita lentamente em minha direção.

Eu posso sentir minhas bochechas esquentando quando ele se aproxima. Aquele olhar dele é enervante, como se ele pudesse ler todos os meus pensamentos e eu nunca tivesse sido submetida a tal intensidade nos olhos de nenhum homem.

Sem dizer uma palavra, ele pega a lata de meus dedos e abre a tampa antes de deslizá-la de volta para mim.

Eu lambo meus lábios, — Obrigado — e Fi'rox segue o movimento da minha língua, me deixando ainda mais consciente da tensão entre nós.

— Vê alguma coisa lá fora? — Eu pergunto, tentando mudar o foco entre nós, mas seus olhos não saem da minha boca e eu estou ciente disso enquanto coloco um pouco de milho entre meus lábios e mastigo.

— O perigo está sempre por perto — é tudo o que ele diz, e meus ombros caem.

— Quando podemos partir para a base então? Eu me sinto melhor com a sua... cura.

O olhar de Fi'rox move-se para o meu e sou mais uma vez preso por ele.

— Ainda não. — Ele olha para o braço, o que ainda está parcialmente nu e meu olhar segue.

— Quanto tempo mais ficaremos aqui?

— Essa é uma pergunta que eu gostaria de poder responder.

Ele parece confuso sobre alguma coisa, pelo modo como suas orelhas se movem algumas vezes enquanto ele olha para o próprio braço. Então decido que, já que ele está de bom humor, posso muito bem fazer as perguntas que tenho em mente.

— Como é o seu planeta? A que distância está? Como você chegou aqui? Uma nave espacial? Você sabia sobre nós antes de vir? Todos no seu planeta são como você? Ou existem outros predadores de ponta como vocês? E como você pode falar inglês? Você já esteve na Terra antes? Como você aprendeu o idioma tão rápido?

A cabeça de Fi'rox se levanta com a minha primeira pergunta e seus ouvidos se agitam com todas as outras perguntas que saem da minha boca.

Eu sei que perguntei muito, mas ele não responde nem a primeira.

Em vez disso, suas orelhas movem-se novamente e um som estranho emana de seu peito.

Começa baixo antes de ficar mais alto. Como o ronronar profundo de um gato... só que... está vindo dele .

Meus olhos se fixam em seu peito, mas não consigo ver nada se movendo nele, e quando ele se inclina para a frente no balcão até que seu rosto esteja bem diante do meu, minha respiração para na minha garganta.

— Você é curiosa — diz ele.

Eu engulo. — Acho você interessante.

— Eu?

Eu engulo novamente.

— Sim? — Eu sussurro.

Seus olhos fazem uma coisa estranha. Aquela membrana que vi outro dia deslizar sobre seus olhos semicerrados e suas orelhas estremecem nas laterais da cabeça.

Ele me encara por mais segundos do que seria educado e eu me pergunto se é apenas uma idiossincrasia dele ou se todos os seus semelhantes são assim.

— Edooria é um planeta escuro — ele diz de repente e eu tento esconder minha empolgação com o fato de que ele está falando. — Nossa estrela não é tão brilhante quanto a estrela que este planeta segue. Nosso mundo não é tão densamente povoado de plantas na superfície.

Ele faz uma pausa, seu olhar se movendo sobre o meu rosto.

— Como você, minha espécie, o Vullan é o único predador de ponta em nosso mundo. Mas como o seu planeta também, nós temos... criaturas. Perigosos como a criatura peluda que tentou comê-la. E corpos de água grandes e profundos com ainda mais perigos.

Eu permaneço imóvel, cativada com a imagem que ele está pintando.

— Edooria está a muitos, muitos sistemas de distância deste mundo. Depois desta guerra... não teremos recursos para voltar. Nossa nave não está equipada para uma viagem de volta. Suas narinas dilatam. — Mas não há para onde voltar. Tudo se foi.

Eu o estudo, esperando que ele continue. Não querendo interromper agora que ele está falando tanto.

— Não sabíamos deste mundo quando perseguimos o Gryken. — Ele faz uma pausa novamente. — Depois que eles pousaram em nosso planeta, depois que eles nos destruíram, eles simplesmente... partiram. — Seu olhar perfura o meu e ele fica em silêncio novamente. Mas por trás de seus olhos, posso ver que ele não está mais olhando para mim. Ele está revivendo os horrores que viu.

Posso imaginar exatamente como ele se sente. Eu vivi algo semelhante e, sem pensar, estendo a mão e toco seu braço que está apoiado no balcão.

Seu traje se move sob a palma da minha mão e ele estremece um pouco, seu olhar pousando na minha mão.

— Você não tem mais medo de mim — diz ele.

Eu pisco para ele antes de balançar a cabeça lentamente, as contas nas pontas da minha trança empurrando contra minhas costas.

Ele tem razão. Eu não faço mais.

Como o leão da montanha. Como todos os humanos e animais deste planeta. Como eu ... ele também é uma vítima.

Uma vítima desses monstros que desceram sobre nós.

Eu dou um pequeno aperto em seu braço, incitando-o a continuar, e quando ele encontra meu olhar mais uma vez, aquela intensidade está lá novamente.

— Sua espécie — ele diz, — é... diferente de tudo que já encontramos. Vocês são todos macios. Fracos. Inadequados para o próprio ambiente que vocês se adaptaram para conquistar.

Eu não posso deixar de franzir a testa para ele e ele observa as linhas na minha testa se moverem como se fosse um fenômeno estranho.

— Mas você é tenaz. — Suas orelhas movem-se quando seu olhar cai para os meus lábios, e seu foco me faz lambe meus lábios.

Mal movimento.

Movimento errado.

Aí está aquele ronronar de novo. Baixo e profundo, vindo de seu peito.

Fi'rox se afasta do balcão e o ronronar baixo para de repente.

— O que esse som significa? — Eu sussurro.

Seus ombros estão subindo e descendo e eu percebo que ele está respirando mais forte do que o normal.

— Dey'jah — ele sussurra de volta. — Eu sinto a necessidade de caçar.

A maneira como ele está olhando para mim, um formigamento desce pela minha espinha.

Ele está olhando para mim como se eu fosse a coisa que ele quer caçar.

Isso não deveria me deixar com medo?

Em vez disso, esse formigamento está deixando cada terminação nervosa da minha pele hiperconsciente.

— Caçar o quê? — Eu sussurro de volta.

Fi'rox olha para mim e sei que estou certo sobre a resposta.

Eu.

Ele quer me caçar.

Meus olhos se arregalam um pouco com a percepção.

Mas antes que eu possa reagir, ele se foi. Um borrão escuro quando ele sai da sala, passa pela porta dos fundos e volta para a chuva.

Fico piscando para a porta entreaberta, sem saber se devo me alegrar ou ficar desapontada por ele ter ido embora.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Deja

O dia passa devagar e Fi'rox não volta.

Eu me ocupo procurando em todos os cantos do centro de visitantes.

Há um banheiro que eu não havia notado antes e tenho sorte que a água ainda caia lá. Aproveito o tempo para me limpar e me aliviar.

Logo chega o crepúsculo e pego outra lata de milho doce e vou para a sala dos fundos.

Está terrivelmente quieto e uma parte de mim se pergunta se Fi'rox me deixou.

Ele foi caçar. Eu me lembro. Não sei quanto tempo isso leva. Melhor não se preocupar.

Então eu tento não fazer isso e me enrolo no canto da sala dos fundos enquanto a luz do dia morre lentamente.

Ainda está chovendo torrencialmente e com a noite chegando, já estou ficando com frio.

Coloco a lata no chão, e envolvo meus braços em volta de mim e tento reter o máximo de calor que posso.

Estou balançando para frente e para trás quando Fi'rox de repente aparece na porta.

Sua aparição repentina faz meu coração disparar. Eu nem saberia de sua chegada se não tivesse me posicionado no canto para observar a entrada. Independentemente disso, a alegria repentina que passa por mim ao vê-lo faz meu rosto se iluminar imediatamente.

— Você voltou.

— Eu nunca saí — diz ele ao entrar na sala. Ele se move até ficar parado não muito longe de mim e eu tenho que inclinar minha cabeça para trás para olhar para ele.

— Você não caçou?

Suas orelhas balançam e ele se agacha diante de mim.

— Não tenho permissão para caçar o que eu quero.

Enigmático... mas o jeito que ele está olhando para mim... de repente estamos de volta à sala da frente e a tensão é grande.

É a mesma maneira que ele estava olhando para mim mais cedo e tenho a sensação de que... ele está falando de mim.

Eu sacudo alguma lógica em mim.

E se ele estiver falando literalmente em caçar você? Hum? Você já pensou nisso ?

Eu limpo minha garganta.

— Você comeu?

Fi'rox faz aquela coisa estranha de piscar que ele faz.

— Eu não preciso. Ainda não. Eu consumi sustento antes de sair para localizá-la.

Ah... então ele não precisa comer todo dia. Isso é meio assustador, muito estranho, mas não posso negar que é útil.

Ele não precisa dormir. Não precisa comer.

Antes do fim do mundo, eu poderia ter feito muito trabalho com superpoderes como esse.

Enquanto o mundo dormia, eu poderia ter concluído meu doutorado na metade do tempo, dedicar mais tempo aos meus hobbies e fazer coisas que me deixassem feliz...

Eu sorrio um pouco com o pensamento.

— Venha

Eu não tenho a chance de protestar antes de Fi'rox me agarrar pela cintura e se mover para a outra parede onde ele se acomoda no chão comigo montando nele.

Eu endureço, fecho meus olhos e tento acalmar os pensamentos que surgem na minha cabeça.

Eles são ruins, inapropriados e completamente errados.

Mas eles estão lá.

— Fi'rox, o que você está fazendo?

Ele faz um som com a garganta. Um estrondo profundo, e arrisco abrir meus olhos para poder olhar para ele.

Porra.

Estamos perto. Cara a cara e perto.

E enquanto eu observo, ele faz aquela coisa com seu traje. Ele lentamente desaparece de seu rosto e eu estou olhando diretamente para ele.

Um caroço se forma em minha garganta que tento engolir.

— Estou no seu colo.

— Sim. É mais fácil para mim mantê-la aquecida nesta posição. O ciclo noturno está aqui. Você precisa descansar.

Eu limpo minha garganta e aceno.

— OK. Totalmente um... cavalheiro. Mas... os humanos geralmente não descansam juntos nesta posição, a menos que...

Eu paro.

Não quero entrar em nenhum tipo de conversa sobre sexo novamente, mas nossas conversas parecem estar cada vez mais indo para lá.

— A menos que o quê? — Desta vez, a profundidade de sua voz fez meu olhar descer rapidamente para seus lábios.

Eles são mais finos que os meus, mas flexíveis o suficiente para que eu tenha algo para olhar.

E eu estou encarando...

Olhando por tanto tempo, estou lambendo meus próprios lábios e não consigo desviar o olhar.

Eu quero... beijá-lo?

O pensamento me atinge como um trem-bala e meus olhos se arregalam com a percepção.

Estou... estou ficando louca.

Fi'rox fareja e rosna um pouco, o som muito parecido com o do leão da montanha que me atacou antes.

Selvagem.

Animalesco.

Não deveria fazer a necessidade crescer entre minhas pernas.

Fi'rox inala profundamente e rosna novamente. Ele está tão perto de mim que sinto a vibração contra meus lábios.

Que porra estou fazendo?

Isto está errado.

Mas, como se puxada por algum fio invisível, eu me inclino para frente, meus lábios tocando os dele.

Nenhum de nós se move.

E então...

— Deyyy-jaaah.

Engulo em seco quando Fi'rox rosna contra meus lábios, minha respiração vem em ofegos fortes quando abro minha boca para ele.

— Fi'rox — eu sussurro.

Isto está errado. Isso não está certo.

Eu deveria... eu deveria me afastar. Eu deveria parar com isso.

— Diga de novo — Fi'rox rosna. Ele parece zangado e isso por si só deveria me fazer afastar. Em vez disso, eu lambo seus lábios e outro rosnado ressoa através dele.

— Fi'rox? — eu o chamo.

Eu não tenho ideia do que diabos estou fazendo.

Alguém está gritando a plenos pulmões em minha mente, me dizendo que sou louca.

Por que estou atacando um alienígena?

Quando... como ... chegamos a esse ponto?

Mas Fi'rox de repente me puxa contra ele com tanta força que minha respiração escapa. Sua mão aperta minha bunda enquanto sua língua roça a minha.

Porra.

Parece, como, como nada que eu já experimentei antes.

Quente. Um pouco áspera.

E seu corpo .

Uma vibração passa por mim enquanto ele me puxa mais apertado contra seu corpo duro.

Meus braços envolvem seus ombros e sinto a força dentro dele.

Ele me puxa ainda mais apertado contra ele enquanto a ponta de sua língua tenta brincar com a minha e eu sinto uma pulsação entre nós.

Meus olhos se arregalam quando faço uma pausa.

Ele tem um pau.

Claro que sim!

Fi'rox rosna enquanto lateja novamente e agora de repente estou me perguntando com o que diabos ele está mexendo lá embaixo.

— Só desta vez — ouço-o murmurar. — Apenas uma vez.

Eu não entendo o que está acontecendo enquanto Fi'rox se move, quebrando o contato de nossos lábios enquanto sou colocada suavemente de costas.

— O que você faz...?

Apesar das linhas claras que marcam a parte inferior de suas cristas, a escuridão da noite chegou e mal posso vê-lo agora.

Eu o beijei. O que eu fiz?

Quando ele desliza a mão por baixo da minha camiseta, porém, puxando-a para cima em um movimento, sei que definitivamente cometi um erro.

Eu não quero transar com ele.

Eu nem sei como isso funcionaria.

— Fi'rox, eu...

Mas algo úmido e quente desliza entre minhas pernas, deixando-me sem palavras.

Prazer e choque disparam através de mim.

— Não há necessidade de temer — diz ele, sua respiração roçando o interior das minhas coxas. — Eu não vou acasalar com você.

Engulo em seco, a realidade da situação demorando um minuto para se estabelecer em meu cérebro.

— Deixe-me aliviar sua dor.

Eu sinto que estou em transe.

— Fi'rox, você só... sua língua acabou de roçar na minha... — Engulo em seco.

— Eu ainda posso provar sua doçura — ele rosna.

Minhas bochechas esquentam novamente.

Conseguir qualquer tipo de intimidade não era algo que eu pensava em acontecer enquanto o mundo estava virando cinzas.

— Seu gosto é rico — ele rosna mais palavras. — E eu quero mais.

CAPÍTULO DEZESSETE

Fi'Rox

Dey'jah é felicidade proibida.

Ela é selvagem. Inesperada. Pura tentação.

Um gemido suave sai de seus lábios enquanto eu abaixo minha cabeça e passo minha língua por suas dobras.

Sim...

Bênção.

Uma espécie de dança com os deuses que eu não sabia que encontraria.

Um estrondo sai da minha garganta enquanto eu tamborilo.

Estou torcendo por uma fêmea.

Algo que nunca fiz antes.

Ela tem um gosto requintado. Como algo que eu poderia ter na boca a cada rotação.

Não sei o que estamos fazendo ou como viemos parar aqui, mas me permiti esse lapso.

Dey'jah choraminga novamente, suas pernas apertando contra minha cabeça, e eu as forço a abrir para ter acesso a ela.

Eu entendo agora porque nosso líder anseia diariamente por sua companheira. Por que ele se inclina para o lado da cautela em vez de ir direto para a luta.

Isso é apenas uma fatia do que ele tem com seu vínculo de acasalamento.

Eu cruzei a linha aqui. Dey'jah não é minha companheira.

Mas eu quero mais. Eu quero ela .

Os gemidos suaves de Dey'jah me estimulam enquanto o pelo enrolado entre suas pernas roça meus lábios.

Eu mostro minhas presas, arrastando-as levemente sobre a carne macia antes de esticar minha língua para prová-la.

Doçura picante explode em minha língua e eu tenho que mergulhar mais fundo em suas dobras.

Um gemido faz seu corpo tremer e sua excitação preenche meus sentidos. Minhas narinas dilatam enquanto eu absorvo.

Isso me deixa tonto. Embriagado.

E eu quero mais.

Ela é tão macia aqui. Mais suave do que o resto dela. Meus lábios se fecham sobre ela enquanto ela treme e eu ronco contra ela, a vibração viajando pelo broto escondido dentro de suas dobras.

Suas costas arqueiam e ela choraminga novamente, suas mãos encontrando meus filamentos.

Ela os agarra, puxando-me para ela, e sua antecipação me emociona.

Eu forço suas pernas ainda mais afastadas quando a ponta da minha língua encontra sua entrada e ela treme.

Mas a entrada dela é pequena.

Eu me pergunto se será...

Lentamente, eu empurro para frente, perfurando-a enquanto uma nova onda de sua excitação se espalha em minha boca.

O gosto disso faz meu sazi pulsar e não aguento mais. Eu mergulho mais fundo, saboreando-a, sentindo seu pequeno canal apertar minha língua com tanta força que doeria se minha própria excitação não estivesse nublando meus sentidos.

— Fi'rox — ela sussurra, e eu tamborilo.

O meu nome.

Quando ela diz meu nome... as sílabas em seus lábios fazem algo estalar dentro de mim.

Algo enterrado.

Algo escondido.

Uma parte de mim que afastei está tentando surgir.

— Fi'rox — ela choraminga novamente. Um apelo.

Seus quadris empurram contra mim e eu dou a ela o que seu corpo pede.

Eu respondo ao seu pedido silencioso enquanto a penetro, enchendo-a com a minha língua enquanto ela empurra contra a minha boca, o pequeno broto em seu centro pressionando contra o meu nariz.

— Fi'rox!

Uma palavra e ela grita antes de morder o lábio com força, seu corpo tremendo enquanto os tremores passam por ela. Seu pequeno canal apertado aperta em mim com força enquanto seu corpo treme e eu a seguro para mim, não permitindo que ela escape enquanto seu gosto cobre minha língua.

Ela está respirando com dificuldade quando ela cai de seu pico, seus olhos vidrados enquanto ela olha para mim.

Eu me desnudei para ela. Eu provei seus sucos.

Comi a comida que ela ofereceu em seu ninho, embora ignorasse as consequências.

Eu sei neste momento uma coisa com certeza.

Enquanto minha língua ainda se contorce dentro dela e a incerteza sobre o que acabamos de fazer passa por seus olhos, uma sensação de perda que eu não esperava passa por mim.

Não somos companheiros.

Fomos reunidos aqui, mas, eventualmente, teremos que nos separar.

Breve.

Eu sei isso.

No entanto, seu gosto está na minha língua e algo se enraizou dentro de mim agora...

Serei capaz de vê-la acasalada com outra pessoa?

Eu sei a resposta mesmo sem pensar.

Agora que eu a provei... não posso deixá-la ir.

Posso não ser o companheiro dela, mas Dey'jah sempre será minha.

Deja

Ele me fez gozar.

Ainda estou arrasada e chocada.

Minha mente está girando com uma miríade de pensamentos que batem na minha cabeça tão fortemente quanto a chuva está batendo lá fora.

Estou de volta contra seu peito como se nada tivesse acontecido entre nós.

Ele me fez gozar e então, sem uma palavra, ele deslizou sua língua dentro de mim, recostou-se contra a parede e me puxou contra ele mais uma vez.

É... é isso.

Sem exigir que eu retribua o favor.

Sem tentar se forçar entre as minhas pernas.

Eu não entendo.

E eu não sei como responder.

O tempo está passando, a chuva forte lá fora é uma canção de ninar perfeita, mas não consigo dormir.

Eu só posso sentar aqui, olhando para a escuridão ao nosso redor.

Pelo menos desta vez, sei que não devo pensar que ele também não está acordado.

Acho que ele não dorme.

Ficamos assim até de manhã, quando os raios do sol penetram no quarto, iluminando-o.

Um novo dia me encontra aquecida e protegida, nos braços de um alienígena.

O mais seguro que me senti em muito, muito tempo.

E ele me segurou assim o tempo todo.

Sempre que eu cochilava, apenas para meus olhos se abrirem novamente, seus braços permaneciam ao meu redor.

É o maior cuidado que tive em... para sempre, e aquece algo dentro de mim.

Eu não deveria me sentir assim.

Mas eu sim.

À medida que a sala fica lentamente mais clara, eu me mexo.

Ainda está chovendo lá fora, embora a torrente da noite anterior pareça ter passado.

Agora é um tamborilar suave no telhado.

O trovão também se foi.

Eu me mexo novamente, ousando olhar para cima, e não estou surpresa ao encontrar os olhos de Fi'rox em mim.

— Bom dia — eu sussurro.

Um leve movimento de suas orelhas é tudo o que vejo.

Puxo o ar em minhas narinas enquanto olho para ele.

Seu traje ainda está desligado e mais uma vez sou saudado com seu rosto de parar o coração.

Minha boca fica seca enquanto eu olho para ele, tudo o que aconteceu na noite anterior voltando.

Eu estava me esfregando naquele rosto bonito ontem à noite.

Porra...

— Como você está se sentindo?

Eu limpo minha garganta e puxo meu olhar para longe dele, tentando não olhar para seu peito... tentando não deixar meu olhar cair para sua virilha.

Ontem à noite eu o senti latejando lá. Eu estou certa.

Mas com uma olhada agora, não vejo nada a vista.

— Melhorando. — Eu sorrio.

Mudando a camiseta, eu a levanto para olhar para o meu lado, tentando não deixar que ela exponha tudo de mim.

Não que isso importe agora.

Ele já me tocou no meu ponto mais secreto.

Depois que minhas roupas ficaram molhadas, tirei tudo .

Eu não estava pensando que as coisas iriam acontecer entre nós.

A mancha escura que ele colocou sobre a minha pele é revelada no próximo segundo, e eu corro um dedo sobre ela.

— Não dói mais.

Fi'rox faz um som na garganta e levanta o braço.

Lentamente, seu traje reaparece, deslizando por todo o corpo mais uma vez.

Ele vira o braço no ar, examinando-o.

Ainda há um remendo, do pulso à mão, que não está coberto.

Com essa mão, ele se abaixa e roça a ponta de sua garra sobre meu ferimento.

Em vez de doer, faz cócegas. Surpreendendo-me.

Não poderia ter sido curado tão já.

— Vou removê-los agora.

Eles?

Sua terminologia é um pouco confusa, mas eu aceno.

Estou esperando que ele enfie a garra sob a coisa e a puxe em sua direção, mas isso está longe de ser o que ele faz.

Em vez disso, ele simplesmente estende a mão em direção ao meu ferimento.

Pisco para ele, sem saber o que devo fazer.

Talvez ele queira que eu o remova para ele?

Estou prestes a fazer isso quando meu olhar cai de volta para a ferida e vejo a mancha escura... se movendo.

Ele sai da minha pele como uma corrente de ferrofluido que é atraída por um ímã — o ímã é a mão de Fi'rox.

Assim que toca a ponta do dedo, ela se espalha pela mão, subindo para encontrar o resto do traje e se misturando perfeitamente.

Estou tão envolvido com a tecnologia que nem percebo quando tudo saiu da minha pele.

Fi'rox vira o braço, estudando-o.

— Eles voltaram — ele murmura, seu olhar encontrando o meu.
— Eles não se relacionaram com você.

Eu pisco para ele.

Eu não sei o que diabos...

— Era suposto fazerem isto?

Suas orelhas movem-se, mas ele não responde.

Em vez disso, seu olhar cai para a minha ferida.

Minha pele se uniu, quase como se tivesse sido costurada, mas o leve inchaço e vermelhidão por baixo aparecem.

— Você me costurou? — Eu pergunto.

Fi'rox move-se no que presumo ser um encolher de ombros.

— Eles apenas ajudaram onde você precisava.

Eu corro meus dedos sobre a ferida, espantada com o fato de que não há mais um buraco ali.

O que quer que ele tenha feito, é um milagre.

É quando meus dedos esbarram em outra coisa.

É tão leve que eu teria perdido porque se mistura com a minha pele.

Uma espécie de patch transparente.

Piscou uma luz azul assim que toquei.

— O que é isso?

— Proteção.

Meu olhar dispara para o dele e espero que ele continue. — Ele mascara seu biosinal. Os Scricts não saberão de sua presença enquanto você permanecer escondida.

Meu coração dispara com isso.

— Você quer dizer aquelas máquinas?

Ele aponta o queixo em direção ao peito em um aceno desajeitado, e meu coração bate forte novamente quando meu olhar cai de volta para o adesivo.

Essa coisa...

É o que espero desde o início.

Se eu mantê-lo comigo, não preciso mais correr.

Eu só teria que encontrar um bom lugar para me esconder.

Eu poderia sobreviver lá fora.

Engulo em seco enquanto olho para ele, mas Fi'rox inclina meu queixo para cima, então tenho que encará-lo.

Seu olhar me estuda. Seus olhos perfuram minha alma como se ele soubesse exatamente o que estou pensando.

Eu me lembro do meu plano.

Era para ficar com ele até ter uma chance de escapar.

Mas agora estou olhando para essa chance bem na minha frente.

A questão agora é... vou aceitar?

CAPÍTULO DEZOITO

Deja

Levantamo-nos e saímos da sala.

Fi'rox não fala, apenas uma vez ele pronunciou palavras para me dizer que estava saindo para fazer um reconhecimento.

Eu não sei se ele viu os pensamentos cruzando meus olhos.

Mesmo agora, eles me atormentam.

Mas quando entro na sala principal do centro de visitantes, meu olhar cai sobre todas as coisas ali.

O resto das camisetas.

As poucas latas de comida.

Eu poderia trazê-los para a base, ajudar os humanos que precisam.

Então, depois disso, eu poderia sair.

Digo a mim mesma que essa é a única razão pela qual estou indo para lá. Que não tem nada a ver com o grande alienígena que está me vigiando, e comecei a trabalhar.

Colocando uma das camisetas no balcão, eu vou empilhando os poucos itens em cima dela.

Não há caixas ou sacolas aqui. Eu só tenho que juntar.

Então eu trabalho. Passo a próxima hora vasculhando cada armário e prateleira uma segunda vez, tentando encontrar qualquer coisa que eu possa ter perdido no dia anterior.

Tudo o que considero valioso é colocado na pilha e tento manter minha mente clara enquanto trabalho.

Ignoro os pensamentos do enorme alienígena que me segurou em seus braços. Eu ignoro os pensamentos de seu rosto. O corpo dele. Ignoro os pensamentos sobre a sensação de sua língua.

Eu ignoro o aperto das minhas coxas.

Cada pensamento intrusivo apenas incendeia meu coração.

Eu tenho que parar o que quer que esteja acontecendo comigo.

Com a pilha de camisetas cheia, pego outra camisa limpa de um cabide e a rasgo em duas.

Terá que ser minha saia porque meu jeans ainda está encharcado e não vai secar tão cedo.

Estou quase terminando de amarrar a saia quando sinto a mudança de ar e Fi'rox está bem na minha frente.

Não estou tão assustada quanto deveria. Estou me acostumando demais com ele.

— Companhia — diz ele.

— Companhia?

— Uma fêmea. Humano.

Meu coração bate forte quando fico de pé.

Estou indo para a janela quando a mão de Fi'rox se fecha em meu ombro.

Isso me para no meio do caminho, e eu olho para ele.

Suas narinas se abrem e seu traje ondula como se as lâminas estivessem ameaçando sair.

— O que é?

Sua cabeça se vira ligeiramente e quando olho para onde está seu olhar, minha alma quase me abandona quando um rosto aparece na porta de vidro.

O rosto da mulher parece abatido, o cabelo colado no rosto enquanto ela fica parada na chuva.

Ela está olhando diretamente para mim, mas quase parece que ela está olhando através de mim.

Algo nela faz com que uma sensação desconfortável desça pela minha espinha.

— Ela está sozinha — diz Fi'rox, mas pouco antes de me soltar, ouço as próximas palavras que ele sussurra. — Mas algo não está certo. Tome cuidado.

CAPÍTULO DEZENOVE

Deja

A mulher me encara enquanto dou um passo em sua direção, e depois outro.

Durante toda a minha abordagem, a maçaneta da porta gira e range enquanto ela tenta obter acesso ao quarto, mas eu já tinha me certificado de que estava trancada desde o dia anterior.

— Oi! — Tento parecer alegre e sorrio para ela, mas não há reconhecimento em seus olhos.

Ela parece... apavorada.

Como se ela tivesse visto muitos horrores.

Como se ela tivesse vivido através deles.

Eu conheço esse olhar.

Estava em meus olhos naqueles primeiros dias.

Uma sensação de estar perdida e desolada.

— Você está sozinha? — Eu pergunto. Eu sei que Fi'rox já disse que estava sozinha, mas mesmo essa pergunta não obteve uma resposta dela.

Quando me aproximo da porta e ficamos cara a cara, seu olhar olha através de mim.

Ela está usando um vestido longo bege que está colado no corpo por causa da chuva e ela também está descalça.

Ela parece com frio, com fome e perdida.

Vagando.

Eu olho de volta para Fi'rox e pela primeira vez, seu olhar não está em mim. É na mulher.

— Vou deixá-la entrar.

Não sei se falo mais para mim ou para ele, mas destranco o cadeado, meu olhar ainda na mulher.

O tempo todo, ela está torcendo a fechadura, tentando entrar, como se não pudesse me ouvir falando com ela de dentro.

Talvez ela não possa.

Não sei se está porta é à prova de som.

Pelo menos, é o que eu digo a mim mesmo.

Há algo em sua aparência que me dá um arrepio na espinha, e esse arrepio não desaparece quando a porta se abre e ela entra.

Ela segue em frente, quase esbarrando em mim, e tenho que sair do caminho.

É um pouco cambaleante, como se ela estivesse puxando as pernas e meu olhar caia sobre seus pés. Lascada e rachada, ela está descalça e um dos calcanhares está sangrando.

Ela parece ter vindo de longe... ou está caminhando há muito, muito tempo.

Eu olho para Fi'rox novamente, pensando que talvez agora que ela está dentro ela perceba que não estou sozinha, mas ela simplesmente fica parada na sala, sua cabeça virando lentamente enquanto ela pensa.

Ela está em choque, eu acho.

E eu estou apenas parada aqui.

Eu entro em ação, pegando uma das últimas camisetas da prateleira.

— Merda, desculpe. Você está molhada. Você deve estar congelando. Estendo a camiseta para ela. — Você pode mudar isso. Antes de pegar um resfriado. E temos comida. Não muito. Um pouco de milho, mas é alguma coisa .

O olhar da mulher nem mesmo desliza para a camiseta na minha mão estendida.

Tipo, merda, não sou uma boa anfitriã. Nunca fui e a simpatia não é o meu forte, mas não sou tão ruim assim.

Mas aquele olhar vago dela não reconhece nada.

Nem tenho certeza se ela sabe que estou na sala.

Sem dizer uma palavra, ela vai até um dos balcões que guardam todos os presentes e bugigangas que o centro de visitantes tinha à venda.

Ela pega um globo de neve, vira-o na mão como se estivesse lendo o rótulo, e então ele cai de seus dedos.

O primeiro que cai e se estilhaça no chão pode ter sido um acidente, mas quando outro, e outro cai, corro até ela, agarrando suas mãos.

Elas estão geladas.

— Ei, você está bem?

Ela claramente não está, mas não disse uma palavra desde que entrou na sala.

A água da chuva ainda escorre dela e parece que ela viu um fantasma.

Foda-se, talvez ela seja um fantasma.

Ela é tão pálida... e magra.

— Ei moça...

Eu olho para Fi'rox em busca de ajuda, mas olhar em sua direção apenas envia uma nova onda de ansiedade através de mim.

Ele está no limite, suas lâminas subindo lentamente.

Eu levanto a mão em sua direção para que ele saiba que ele deve se acalmar. Eu o vi todo mudado e ele é aterrorizante. Eu não preciso dela enlouquecendo assim que ela perceber que ele está lá.

Eu tenho que descobrir isso.

A mulher está em estado de choque. Claramente.

O mundo lá fora... é assustador.

Não consigo imaginar o que ela viu.

Eu só tenho que fazê-la se acalmar.

— Ei.

Nenhuma resposta.

Ela ainda está me empurrando, tentando pegar a próxima bugiganga no balcão, e eu tenho que agarrá-la pelos ombros e forçá-la a me encarar.

— Ei!

Nada.

Seus olhos... é como se não houvesse ninguém lá dentro.

Eu a forço a me encarar no momento em que Fi'rox rosna, alto o suficiente para ela ouvir.

Tenho certeza de que ela sairá de qualquer torpor em que esteja agora que o ouviu, mas não o faz. E quando ela se afasta de mim, escapando de minhas mãos, ela fica cara a cara com meu demônio.

Por um momento, ninguém se mexe.

Fi'rox é todo espinhos e mesmo que eu o conheça, mesmo que eu o tenha visto assim antes, minha memória não me serviu bem.

Ele é uma visão chocante - todos os mais de dois metros de altura, lâminas por toda parte e um rosnado nos lábios.

Mas a mulher não reage.

De todas as coisas, ela caminha em direção a ele e, em seguida, passa por ele até o balcão onde tenho guardado todas as coisas para levar de volta para a base.

Ela encontra uma das latas e a aperta contra o peito.

Então ela pega outro, e outro, enchendo os braços com eles.

Eu olho dela para Fi'rox e me pergunto se ele está tão confuso quanto eu.

Só que ele não parece confuso.

Ele parece lívido. Como se ele estivesse prestes a atacar a mulher e acabar com sua vida a qualquer momento.

Ela não parece notar.

Em vez disso, ela não parece se importar.

Com os braços agora cheios, ela se dirige para a porta e eu tenho um momento de surpresa antes de entrar em ação.

Ela está quase alcançando antes que eu consiga bloquear sua saída.

— Desculpe, você não pode sair com tudo isso.

Nada.

Ela faz uma pausa, olha diretamente para mim e tenta passar por mim.

Ela não está em choque.

Isso é outra coisa.

Ela está ciente o suficiente para saber quando tem comida, empilhou e agora está saindo.

Um arrepio desce pela minha espinha.

Estamos perdendo alguma coisa.

Eu confio nos instintos de Fi'rox, mas... talvez ele estivesse errado.

— Você tem um grupo lá fora esperando por você? — Olho para a estrada atrás de mim, mas não consigo ver ninguém. A neblina e a chuva também não ajudam. — Eles enviaram você para explorar por conta própria?

Existem clãs lá fora. Homens que se aproveitaram da situação da Terra para criar pequenos haréns cheios de mulheres que eles — resgataram.

Eu sei, porque eu já estive em um deles.

É a única razão pela qual estou aqui agora.

Meu clã encontrou o acampamento de Sam. Nós fomos atacados. Eu quase morri. Mas Fi'rox me encontrou.

Nos momentos que levei para fazer minhas perguntas, uma sombra escura aparece atrás da mulher.

Fi'rox.

Ele paira sobre ela, suas presas à mostra, as lâminas ao longo de seus braços e costas ainda totalmente estendidas.

Enquanto isso, estou tendo que apoiar os dois braços contra a porta aberta para impedir que a mulher, que ainda está me empurrando, lutando por uma saída, passe.

— Ela não pode te ouvir — Fi'rox diz, suas narinas queimando. — Está fêmea cheira a Gryken.

Outro arrepio desce pela minha espinha.

Aqueles alienígenas cinzentos.

Se houver mais deles por perto.

De repente, o medo passa por mim e minha garganta se fecha.

A memória de como aquela besta me ergueu e perfurou minha carne, mostrando suas fileiras de dentes quando estava prestes a me comer... todas aquelas imagens voltaram à tona.

— O que você quer dizer? — Minha voz está tão baixa que não tenho certeza se Fi'rox ao menos me ouviu.

Seu olhar pisca para fora da janela, direto na direção que ele estava olhando no dia anterior.

— Ela está sendo controlada. — Seu traje se arrepia e seu olhar se volta para a mulher. — Eu estou certo disso.

Meu coração bate forte.

Ela ainda está empurrando contra mim, determinada a sair com a comida.

Não entendo o que Fi'rox quer dizer com — ela está sendo controlada — mas ele não desperdiça palavras.

Se os alienígenas cinzentos tiverem algo a ver com o comportamento estranho da mulher, isso significa que eles estão por perto.

E essa percepção injeta uma dose de terror em mim.

— O que fazemos agora?

Meus olhos arregalados voam para Fi'rox enquanto eu empurro contra a mulher.

Para alguém tão frágil, ela tem força suficiente para me dar trabalho.

Fi'rox rosna e sem dizer uma palavra, ele avança, sua mão cobrindo o nariz e a boca da mulher enquanto a puxa para trás.

A força espalha as latas que ela está segurando no chão e ela nem mesmo luta contra ele quando ele corta seu ar. Tudo o que ela pega são as latas de comida.

É uma visão estranha de se ver. Um que tem tempo desacelerando enquanto eu a observo ser puxada para trás e para longe de mim, o vazio em seus olhos me assombrando.

CAPÍTULO VINTE

Fi'Rox

O corpo da fêmea fica mole em meus braços enquanto Dey'jah tranca a entrada da sala.

Todos os meus instintos me dizem que estou certo. Que está fêmea está sendo controlada por nosso inimigo.

Mas mesmo que isso me pareça verdade, a condição da fêmea não é como eu já vi antes.

De volta a Edooria, quando o Gryken pousou e começou a destruir nosso planeta, drenando nossos oceanos, matando nosso povo... nós lutamos.

Com tudo o que tínhamos, lutamos para destruir todos.

Encontramos uma maneira de derrubar suas grandes máquinas. Uma explosão de energia que torna o casco da máquina penetrável. Usamos todos os nossos recursos para equipar nossas naves com a nova tecnologia. Era nossa única esperança de derrotar o flagelo que havia caído sobre nós.

E estávamos progredindo.

Quando a primeira máquina caiu, um sentimento coletivo de triunfo passou por nós.

Mas isso foi o começo do fim.

O Gryken não precisava das máquinas para nos destruir. Quando destruimos seus orbes, forçando-os a rastejar na superfície, eles encontraram uma nova arma.

Nós.

Ainda não sabemos como eles fazem isso. Psiônicos não é algo que já havíamos experimentado antes.

Eles entraram primeiro nas mentes de nossos guerreiros mais fortes e através deles, o Gryken nos fez ajoelhar.

Enquanto eu encaro a mulher diante de mim, seus olhos agora fechados enquanto ela cai na inconsciência, um tremor percorre meu ba'clan.

Eu acredito que isso está acontecendo com essa mulher.

Eu estou certo disso.

Atrás de mim, Dey'jah se move rapidamente, puxando coisas grandes na frente da porta para bloqueá-la.

Há algumas longas coberturas sobre as janelas e ela as puxa, bloqueando a maior parte da luz que entrava da estrela.

Observo enquanto ela corre para os fundos, fazendo o mesmo com a entrada.

Ela a fecha, trancando-a antes de apoiar as costas contra um grande objeto de madeira. Ela grunhe enquanto a empurra, cerrando os dentes para colocá-la no lugar.

Ela está tentando proteger o quarto.

Eu não quero dizer a ela que não há nada que ela possa fazer para impedir que os Gryken entrem se eles vierem.

Ela se abaixa atrás de um balcão e ouço um farfalhar antes,

— Foda-se!

Sua cabeça aparece, seus olhos castanhos escuros selvagens e as contas em seus locs balançando.

— Não há nada aqui. Sem facas. Sem armas. Merda.

Ela procura um pouco mais antes de amaldiçoar novamente.

Mais uma vez, não quero dizer a ela que nenhuma de suas armas humanas funcionará contra o Gryken.

Eles são quase tão impenetráveis quanto as máquinas em que entram.

Volto minha atenção para a mulher diante de mim, logo antes de haver um estrondo.

É um aparelho de assento. Um de madeira. Dey'jah está de pé sobre ele com uma de suas pernas quebradas na mão.

Há um ponto agudo onde a perna se separa do resto da madeira e ela vira seus olhos selvagens para mim.

Ela encontrou uma arma.

— Ela ainda está viva, certo? — O peito de Dey'jah arfa quando ela corre de volta para mim.

— Por enquanto — respondo.

Ela se ajoelha do outro lado da mulher, seu olhar percorrendo o corpo da mulher.

— Ela está debilitada — ela sussurra, seus olhos voando para os meus. — O que você quer dizer com ela está sendo controlada? Como você sabe?

Meu olhar cai de volta para a fêmea.

Eu não sei como eu sei.

— Quando os Gryken assumiram o controle da mente de nossos guerreiros, eles se tornaram seres insensatos focados em um único comando: destruir a todos nós. Nada ficava em seu caminho. Eles lutaram contra suas próprias famílias... seus parentes... seus companheiros... seus filhotes... como se estivessem em transe. Meu olhar se move sobre a fêmea. — Um transe como este.

— Só que ela não é violenta. — As pálpebras de Dey'jah piscam como se ela estivesse tentando entender, e ela segura o pedaço de madeira afiado em sua mão. — Ela parecia puramente focada em encontrar comida.

Está escuro aqui e me pergunto se isso deixa Dey'jah com mais medo, mas ela fez bem em bloquear a luz do lado de fora.

Se o Gryken se aproximar, nos dará alguns segundos para reagir.

— Por que eles a controlariam para encontrar comida? — Dey'jah sussurra.

Eu sei. Faz pouco sentido.

Mas não é só isso que não faz sentido.

— Eles também precisam estar a uma certa distância do alvo para manter o controle.

Dey'jah estremece com isso, seu cheiro de medo aumentando enquanto seu olhar dispara para as janelas.

— Foda-se — ela murmura, sua garganta se movendo enquanto ela engole em seco.

Sua respiração fica mais difícil quando seu cheiro de medo sobe e um sentimento pesado se forma dentro do meu peito.

Não gosto do cheiro do medo dela.

Antes, esse mesmo cheiro me incomodava porque despertava meu instinto de caça.

Agora mesmo...

Agora, está criando um novo sentimento.

Não quero que Dey'jah tenha medo.

Não quero que ela tema o desconhecido.

É neste momento que percebo uma coisa.

Vou, sem hesitação, desistir da minha vida para que ela possa viver.

Seus olhos castanhos me atingem e meu órgão vital pula.

Dey'jah ...

O que está acontecendo comigo?

Sua voz é baixa, mas eu ouço o tremor em sua língua.

— Você acha que eles estão lá fora em algum lugar? Na floresta?

Eu quero puxá-la para mim. Dizer a ela que tudo ficará bem.

Deixe-la saber da minha promessa de que ela viverá.

— Não.

Seus ombros caem um pouco.

— Eles já teriam atacado. — Não haveria razão para esperar.

E... eu não os sinto.

Dey'jah engole novamente.

— Então... como... como eles a estão controlando?

— Não sei. Mas estou certo disso.

Com um dedo, engancho uma garra no topo das roupas da mulher e a divido em duas até o fim.

Os olhos arregalados de Dey'jah voam para os meus, mas ela não diz uma palavra.

Enquanto a vestimenta cai de cada lado da mulher, eu sustento o olhar de Dey'jah.

Não quero que ela pense que estou desnudando está fêmea para meu prazer.

— Eu devo verificá-la.

Eu mantenho o olhar de Dey'jah.

Eu não sei porque. Mas preciso que ela saiba que a noite passada foi...

Que ela foi a única mulher...

Que ela é a única...

— Eu sei. — Ela leva o queixo ao peito, mas seu corpo estremece quando ela solta o ar.

Seu cheiro de medo ainda nada entre nós, e ela agarra o pedaço de madeira em sua mão ainda mais apertado.

Meu olhar cai para a mulher abaixo de nós.

Sua pele é um contraste completo com a de Dey'jah.

Ela está pálida. Magra.

Fraca.

Há manchas de descoloração por toda a pele dela, e ouço quando Dey'jah inala profundamente ao vê-las.

Mesmo as frágeis roupas secundárias que a mulher usa não escondem os hematomas.

— Você acha que essas criaturas fizeram isso?

— Não. Isso não é obra do Gryken.

O corpo inteiro da fêmea está machucado, como se ela tivesse sido espancada.

Ela deveria estar com dor, mas ela estava se movendo como se não estivesse.

Até os pés dela estão inchados e sangrando.

— Talvez ela tenha caído e se machucado — Dey'jah sussurra, o olhar de horror em seus olhos aumentando. — Algumas... dezenas... vezes.

Eu me acomodo, meu ba'clan se contorcendo inquieto.

Estou perdendo alguma coisa.

Achei que despir a fêmea revelaria uma pista. Mas não há nada aqui e sua barriga não carrega nenhuma semente Gryken.

Não está inchada e não sinto vida lá.

Rek.

— O que você acha? — Dey'jah pergunta.

— Há algo que não está se encaixando.

Dey'jah respira fundo e balança a cabeça.

— Precisamos nos preparar. — Ela olha para a entrada bloqueada. — Eu os vi bem na minha frente e sei o quão aterrorizantes essas criaturas são. Se temos que lutar contra um em breve, temos que nos preparar.

Seu olhar cai para a mulher.

— Ela é apenas uma vítima como todos nós.

Dey'jah levanta a mão e alisa os filamentos marrons da mulher.

E então ela congela, seus olhos se arregalando e sua respiração cambaleante.

— Fi'rox?

Sua mão treme contra a nuca da mulher quando seu olhar encontra o meu, e o terror absoluto nos olhos de Dey'jah faz com que cada instinto dentro de mim grite para protegê-la.

— Acho que devemos virá-la de barriga para baixo.

CAPÍTULO VINTE E UM

Fi'Rox

Um arrepio visível percorre Dey'jah quando viro a fêmea de frente e corto uma garra na roupa que cobre suas costas.

Ele se divide em dois para revelar...

— Oh meu Deus. — Dey'jah se arrasta para trás, os olhos arregalados, o corpo tremendo.

— Que porra é essa?

Cada pêlo do meu corpo se levanta enquanto eu olho para a fêmea.

Em todas as suas costas há uma rede de veias que não vêm de seu ser.

Vermelhos e pulsantes, eles fazem um caminho desde a cabeça até a espinha.

Levanto a cabeça para encarar Dey'jah, mas não a estou vendo.

Essas veias.

Já os vi antes na base daquele Scrit abandonada.

Abaixo deles, tudo que era verde havia morrido.

Está tudo claro para mim agora.

É assim que eles têm controlado a fêmea.

Ela é uma marionete ambulante, controlada por algum parasita que determina seus movimentos.

— Está sob a pele dela. — Dey'jah se recupera rapidamente e avança.

— Não toque nela. — Eu me inclino sobre a fêmea para bloquear a aproximação de Dey'jah.

Ela para bem na minha frente, seu rosto a poucos centímetros do meu.

Posso sentir o cheiro doce de sua pele e luto para me concentrar.

— Não se aproxime.

Dey'jah assente, mas não há mais medo em seus olhos.

Em vez disso, resolução e determinação estão surgindo.

— Você acha que é contagioso?

— Nunca vi nada assim antes. — Eu olho de volta para a fêmea inconsciente. — O Gryken nunca fez isso em Edooria.

Dey'jah balança a cabeça.

— Isso não é bom.

— Não — eu digo enquanto me levanto. — Não é.

Eu tenho que investigá-lo.

Ao longe, o Scrit que estive observando... aquele que não está se movendo... tenho certeza que tem algo a ver com a mulher aos meus pés.

Pode não haver tempo suficiente para voltar à base, mas não posso deixar Dey'jah aqui sozinha.

Também não quero levá-la comigo.

— Podemos tirar isso dela? — Ela usa a perna quebrada do assento em sua mão para levantar o cabelo da mulher e um suspiro sai de seus lábios. — Está no cabelo dela, profundamente. Eu vejo isso pulsando. Eu não sei... — seu olhar encontra o meu e a preocupação passa por seus olhos — ... eu não sei se está embutido em seu crânio.

Eu me agacho e uso uma garra para separar os filamentos da fêmea para revelar as veias vermelhas pulsantes.

Eles não são macios e moles como as veias deveriam ser.

Eles são firmes.

Não acredito que possamos removê-los sem matar a fêmea.

— O que é isso? — Dey'jah se aproxima, seu olhar focado na mão da mulher. — Há algo na mão dela.

Uma das mãos da mulher está fechada e, de fato, há algo quase invisível na palma da mão.

Dey'jah avança, abrindo os dedos da fêmea.

Em seu estado inconsciente, não há muita resistência e a palma da mão da mulher se abre para revelar...

Não sei qual é o objeto...

Mas Dey'jah sim. Ela congela, sua mão parando sobre a da mulher, um olhar crescente em seus olhos que eu não gosto.

Ela pisca, estendendo a mão para pegar a coisa da palma da mão da mulher, com os dedos tremendo.

Sua reação ao objeto é inquietante e quando ela olha para mim, ela não me vê.

Ela está longe, algo aterrorizante brincando atrás de seus olhos.

— O que é?

Dey'jah pisca, seus olhos se aproximando de mim enquanto ela viaja de volta ao presente.

— É... um sapato.

Minhas orelhas se contorcem enquanto eu a observo.

— Um sapato de lã.

O pequeno objeto rosa treme em sua mão enquanto outro tremor passa por ela e seus olhos vão para aquele lugar distante novamente.

Não sei por que uma cobertura para os pés está tendo tanto efeito sobre ela.

É pequeno - um que não caberia em um humano adulto, apenas um minúsculo...

Meus ouvidos estremecem novamente quando a informação que falta aparece em minha mente.

A cobertura do pé pertence a uma criança humana. Se esta for a mãe da criança, a criança provavelmente não está mais viva.

E se eu esperar muito mais, podemos enfrentar o mesmo destino. Só há uma coisa que posso fazer.

— Dey'jah.

Seu olhar levanta para o meu, uma expressão de dor em seus olhos.

Ela está de luto por um filho que não é dela.

Como uma sacerdotisa guerreira fez quando encontrou uma jovem cria abandonada nas Dunas de Unsa, de bruços e imóvel.

Ela ergueu a criança e sentiu que nem tudo estava perdido.

Ela levou aquela criança para casa, uma cria não relacionada a ela, e a criou como se fosse sua.

Conheço bem a história.

Eu era aquela cria.

Ao olhar nos olhos de Dey'jah, não tenho dúvidas de que se ela fosse Vullan, ela teria sido uma daquelas raras mulheres.

Meu respeito por ela aumenta.

Ela se levanta lentamente, com os olhos em mim enquanto segura o sapato na mão.

Quero dar a ela tempo para processar o que quer que esteja sentindo.

Talvez ela até fale comigo sobre isso.

Mas não temos tempo.

— Dey'jah — eu chamo seu nome novamente para fazê-la se concentrar em mim. — Eu acredito que sei de onde está fêmea veio.

A garganta de Dey'jah se move, mas ela espera que eu continue.

— Devo levá-la de volta à base com pressa.

— Então o que?

Minhas orelhas tremem. Eu não sei o que ela quer dizer.

— Então você voltará e resolverá isso sozinho?

Sua voz tem um tom que nunca ouvi dela antes, mas não sinto cheiro de medo.

Essa emoção é nova. Não é algo que eu tenha sentido em Dey'jah até agora.

Seus ombros se endireitam e ela gesticula para a fêmea usando a madeira quebrada em sua mão.

— Esta não é apenas a sua luta, Fi'rox. Não temos tempo para você me levar até lá. Levará pelo menos dois ou três dias para voltar ao acampamento que Sam estava. Depois disso, não sei a que distância fica sua base. Se vamos vencer esta luta, não podemos esperar enquanto o inimigo avança sobre nós. — Ela faz uma pausa, seus dedos apertando o sapatinho em sua mão. — Você não pode me levar para a base. Não temos tempo.

Ela não está ciente da rapidez com que posso me mover, mesmo com ela em meus braços.

Mas não posso contar a ela porque um cheiro repugnante enche meus sentidos apenas um segundo depois.

Gryken.

Meus pelos se levantam imediatamente, minhas presas à mostra.

Dey'jah tem apenas um momento em que seus olhos se arregalam antes de eu agarrá-la a mim.

Não há tempo suficiente para ir para a pequena sala onde ela fez seu ninho.

Então vou para o único lugar que consigo pensar.

Acima.

Deja

Fi'rox se move tão rápido que é um borrão quando me agarra, e então vamos para cima.

Ele está pulando ou voando, não sei, mas o medo me atinge com tanta força que me deixa sem palavras.

Minha respiração está congelada no meu nariz enquanto eu o agarro.

Só há uma razão para ele ter reagido assim tão de repente, e esse pensamento me faz esquecer minha dor, meu medo, e eu morro por dentro.

E então eu ouço.

Está tão quieto que estou surpresa por ouvi-lo fora do meu coração trovejando em meus ouvidos.

É o som distinto de algo afiado batendo no vidro. Como a ponta de uma agulha ou as pontas de um garfo.

Mas eu sei que não é nenhum dos dois.

Tudo dentro de mim sabe que só pode ser uma coisa.

De alguma forma, estamos nas vigas e uma nuvem escura nos envolve.

Estou vagamente ciente de que o traje de Fi'rox meio que nos encobriu, mas ainda posso ver através dele.

Espero que isso não signifique que o que quer que esteja lá fora possa nos ver também.

Fi'rox está acima de mim, segurando-me contra seu peito enquanto ele se equilibra e nos mantém seguros.

Lá embaixo, a mulher está deitada no centro do chão, as veias em rede em suas costas ainda pulsando.

Fi'rox não fala. Ele não precisa. Mas posso sentir a ansiedade, ou é antecipação, passando por ele.

Ouve-se outro tilintar nas janelas de vidro da frente, depois outro.

Não é um humano fazendo isso.

Eles diriam alguma coisa.

Ou fazer algum outro barulho.

Tenho certeza.

Mas este é um daqueles momentos em que eu gostaria de estar errada.

Quando uma sombra aparece atrás das persianas, parece que por dentro, meus órgãos murcham.

Seis ou mais pernas desarticuladas...

Meu corpo está tão rígido de medo que não consigo nem me agarrar à viga abaixo de nós, mas nas minhas costas, Fi'rox me segura como se nunca fosse me soltar. E estou feliz.

Se ele me dissesse para esperar agora, não sei se conseguiria.

Nada me assusta tanto quanto a criatura que está lá fora. Nem mesmo Fi'rox o fez.

Por um momento, nenhum outro som passa pela sala e a sombra desaparece.

Quero pensar que a criatura se foi. Que o Gryken decidiu não verificar o lugar, e eu mordo meu lábio rezando para que seja exatamente o que aconteceu.

Se entrar aqui. Estou morta.

Fi'rox é ótimo e tudo, mas aquela coisa...

Eu vi o que ele pode fazer. Eu senti isso.

Se entrar aqui. Um de nós morrerá.

Eu tremo só de pensar.

Eu sempre corro, mas as coisas continuam me alcançando.

Agarro o sapato do bebê na palma da mão.

É como um presságio.

Rosa... como o que minha filhinha estava usando naquele dia.

Quais são as chances dessa mulher estar carregando o tipo exato de sapato.

Eu agarro enquanto olho para ela.

Ela ainda está viva.

Ainda lutando e ainda segurando algo querido para ela.

Meu coração dói por ela. Pelo que ela passou. Pelo que ela está passando agora.

Mas ela ainda está lutando.

E eu também.

Fi'rox me agarra com uma mão e procura por alguma coisa, mas estou muito ocupada olhando para as persianas, meu olhar passando rapidamente por elas, procurando por uma pista de onde aquela coisa foi parar. Não consigo prestar atenção nele.

Quando algo legal bate nas costas da minha mão, levo alguns momentos para olhar para ele.

É a estranha arma que ele me mostrou.

Ele me abaixa contra a grande viga abaixo de nós, então estou montado nela e empurra a arma para minha mão.

Eu tenho um momento em que eu olho para ele antes que ele desapareça de repente.

É difícil vê-lo na sala escura e com a rapidez com que ele se move, mas eu o vejo quando ele para nas vigas na frente da sala.

Meu olhar se move para a arma em minhas mãos.

Nunca disparei uma arma antes e essa coisa parece mais um estranho bumerangue semicircular do que qualquer outra coisa.

Eu não sei o que diabos eu deveria fazer com isso.

E também não tenho a chance de aprender.

O som alto das janelas quebrando ecoa na sala, seguido pelas persianas sendo arrombadas.

A penumbra que nos cerca não existe mais quando a luz do sol de repente inunda o espaço. E no centro dela...

Destruição.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

DEJA

Não dei uma boa olhada no último antes que ele me atacasse.

Este, no entanto, está à vista.

Nunca pus meus olhos em nada mais hediondo ou mais aterrorizante.

Ele faz uma pausa na frente da sala, o vento e a leve chuva atrás de si, enquanto ele entra na sala.

Eu rezo para que não olhe para cima. Se Deus pudesse me conceder um milagre, seria agora.

Se ele olhar para cima, estará olhando diretamente para mim. Fi'rox não está mais aqui para me cobrir com seu traje.

Mas acho que essa é a diferença entre predador e presa.

O Gryken passa por cima do vidro quebrado enquanto caminha mais para dentro da sala.

Aliás, ele não olha para cima, para o lado ou para qualquer lugar. Só uma criatura que não tem nada a temer se comporta assim, e esse é um pensamento que me arrepia.

Suas pernas têm a forma de uma aranha. Longas. Múltiplas articulações e pontas afiadas enquanto a criatura caminha em direção à mulher no chão.

Lá em cima, na minha visão periférica, a escuridão se move e sei que Fi'rox está se posicionando, talvez para atacar, não tenho certeza, mas não consigo tirar os olhos do alienígena cinza abaixo de nós.

Ele caminha lentamente até ficar bem acima da mulher e seus olhos grandes e escuros a contemplam.

A sua cabeça é enorme, como a de um polvo, e inclina-se ligeiramente para o lado enquanto olha para a fêmea.

Prendo a respiração. Eu não quero nem respirar.

Não quero que saiba que estou aqui.

Ele encara a mulher antes de uma de suas patas dianteiras avançar, a ponta afiada indo direto para o meio da mulher.

Meu estômago aperta, minha ferida pulsando com a memória do que o último Gryken fez comigo, e cerro os dentes enquanto espero que isso perfure a mulher também.

Mas... não.

Essas pontas afiadas parecem que vão perfurar qualquer coisa que tocam, mas o Gryken é... gentil.

Não acredito no que estou vendo.

Ele empurra a mulher suavemente até que ela esteja de costas novamente e então olha para o rosto dela.

Ela ainda está inconsciente, com os olhos fechados, e a criatura se inclina tão perto dela que fico feliz por ela não estar acordada.

Seu rosto quase toca o dela enquanto a observa antes de se levantar mais uma vez.

Eu não entendo o que está fazendo e meu olhar pisca para Fi'rox.

À medida que a criatura entra na sala, Fi'rox a segue ao longo das vigas, com todas as suas lâminas em punho.

Ele não emite um som e mais uma vez, ele aparece para mim como o ser mortal que ele realmente é.

Mas ele está do meu lado.

E eu não poderia estar mais feliz com isso do que agora.

Suas lâminas parecem tão afiadas quanto os membros pontiagudos do Gryken.

Um de aparência muito mortal se formou em seu braço e sei que ele está pronto para atacar.

Agarro a arma que tenho na mão e o pé quebrado da cadeira que ainda tenho na outra.

Estou me equilibrando de barriga para baixo e se tentar me mexer com certeza farei barulho, então permaneço congelada, seguindo a criatura com o olhar.

Ele anda tão devagar que cada passo que dá aumenta a tensão na sala.

Que porra ele quer?

Por que está aqui?

E, como se pudesse ouvir meus pensamentos, de repente para de se mover.

Está bem embaixo de mim agora, e meu sangue congela em minhas veias.

Ele sabe que estou aqui.

Meu coração bate forte quando a coisa se move em câmera lenta, inclinando a cabeça para trás para olhar diretamente para mim.

O tempo para.

Já ouvi pessoas dizerem que já olharam a morte bem nos olhos.

Pensei que sabia o que isso significava.

Não sabia.

Mas eu sei agora.

Fi'Rox

No momento em que o Gryken olha para Dey'jah, algo dentro de mim estala.

Não consigo ver nada além da raiva fluindo através de mim.

Ele ousou chegar perto de seu ninho.

Ousou ameaçá-la.

Ousou ameaçar o que é meu!

Ele solta um guincho que estilhaça as janelas restantes do abrigo.

Tão alto que Dey'jah tapa os ouvidos com as mãos, deixando um grito escapar de seus lábios.

A madeira quebrada que ela segurava cai e o Gryken desvia dela, seu foco total nela.

Pela primeira vez, o medo passa por mim.

Mas ela não está desprotegida.

Ela ainda tem o protótipo. E ela tem a mim.

O Gryken se lança em sua direção e eu vejo o passado novamente.

Observando toda a minha linhagem ser eliminada diante de mim.

Um rugido escapa dos meus lábios enquanto eu ataco, minha lâmina apontada para o centro da cabeça do Gryken.

Seu ponto fraco.

Eu pouso sobre a fera no mesmo momento em que ela envolve seus braços ao redor da viga de suporte em que Dey'jah repousa.

Ele tem um momento de choque com a minha chegada, um em que nossos olhares se encontram, e eu rugo para ele.

Todo o peso do meu corpo está sobre ele, mas ele não solta o suporte.

Dey'jah grita novamente e eu percebo com horror que a besta envolveu suas pernas ao redor dela, prendendo-a ao suporte enquanto se agarra a ele.

Eu tenho que me mover rapidamente. Eu tenho que derrubá-lo antes dele pega-la.

Mas mesmo enquanto penso nisso, posso sentir um latejar em minha mente.

É uma dor que cresce em poucos segundos enquanto a besta tenta tirar meu controle.

Eu empurro contra a dor na minha cabeça enquanto olho para Dey'jah.

Não.

Eu não posso. Deixá-lo. GANHAR.

Com um rugido, eu balanço meu braço com toda a força que tenho, depositando minha lâmina profundamente no crânio da criatura. Mas eu sei que preciso de mais do que isso para matá-lo.

— Agora, Dey'jah!

Há um momento de choque, confusão e medo em seus olhos, mas ela agarra o protótipo e se esforça para apontá-lo para o Gryken.

Nada acontece.

— Não sei o que fazer!

Meu controle sobre a criatura está enfraquecendo.

Meu domínio sobre a realidade...

Por um momento, quero soltar a fera e ir atrás de Dey'jah.

Mas esses não são meus pensamentos.

Eu sei que é a besta falando.

Eu tenho que manter... controle...

— Pense nisso — eu consigo dizer por entre os dentes cerrados.

Eu forço minha lâmina mais fundo e o Gryken grita novamente.

Eu vejo quando ele aperta seu domínio sobre ela... quando a dor se materializa em seu rosto enquanto ela engasga.

Seu olhar encontra o meu e acho que estamos perdidos.

Mas então...

Uma luz branca irrompe de Dey'jah direto para mim.

Ele atinge o Gryken direto em sua boca aberta enquanto se prepara para guinchar mais uma vez e então, o tempo para.

Ele fica flácido, suas pernas se soltam ao redor dela enquanto ele cai, e aquele latejar na minha cabeça, aquela dor, desaparece.

Minhas costas batem no chão quando a criatura cai em cima de mim. Mas não está mais se movendo.

Nós... nós conseguimos.

Estou puxando minha lâmina da besta, meus olhos em Dey'jah quando um novo medo dispara através de mim.

— Dey'jah!

Ela não está se movendo.

Seu corpo flácido repentinamente tomba, seu centro de gravidade deslocado pelo controle que o Gryken tinha sobre ela, e ela escorrega da viga de suporte.

Seu corpo está tão frouxo quando ela cai e uma sensação nauseante se desenvolve em meu peito.

Mas eu estou lá para pegá-la.

— Dey'jah!

Ela está flácida em meus braços e solto um rugido, uma dor que nunca esperei me enchendo até o âmago.

Eu a empurro, mas nada.

Fêmea irritante.

Eu preferiria que ela abrisse os olhos agora, sorrisse para mim com aquele brilho diabólico em seus olhos e então corresse para a saída assim que eu virasse as costas.

É melhor que ela não morra agora.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Deja

Meus olhos se abrem para a escuridão.

Onde estou?

Tusso e engasgo com o ar enquanto tento me levantar, mas um braço de repente me envolve e sou puxada para um peito quente.

Fi'rox.

Alívio que eu nunca esperei flui através de mim.

Fi'rox!

Nós sobrevivemos?

— Você está viva — eu resmungo, e algo frio toca meus lábios.

Água.

Eu bebo em grandes goles enquanto meus olhos se ajustam ao escuro.

— Nós o matamos?

Fi'rox faz um som de clique quando ele remove o recipiente dos meus lábios.

— Está morto.

Outra onda de alívio.

— Graças a Deus.

Ele me puxa para ele novamente, um estrondo em seu peito que vibra contra a minha pele.

Ele já me segurou assim antes, mas desta vez parece diferente. Quase como se ele estivesse com medo de me deixar ir.

— O que está errado? Por que você está assim?

Eu tento me afastar para poder olhar para ele, mas ele não está me permitindo.

— Você não estava respondendo — diz ele depois de alguns momentos.

Eu resmungo.

— Eu não morro tão facilmente.

Pela primeira vez, sinto seu peito se mover como se ele estivesse rindo.

— Não — diz ele. — Você não.

Eu não sei o que aconteceu.

Em um momento, eu estava olhando nos olhos de Fi'rox enquanto ele forçava sua lâmina no crânio da criatura e no momento seguinte, eu estava tentando disparar aquela arma estranha.

Só me lembro dele me dizendo para — pensar — e, por mais estúpido que pareça, foi exatamente o que fiz.

Imaginei puxar o gatilho e a bala indo direto para a boca daquela abominação... e um gatilho se formou sob minha mão.

Bem, a arma se formou ao redor da minha mão.

Isso não parece certo. Tudo parece nebuloso na minha cabeça. Eu poderia ter imaginado isso.

Pelo menos agora acabou.

— Está realmente morto? Nós realmente o matamos.

— Sim.

Nós o matamos. Uau.

De jeito nenhum eu teria sobrevivido se Fi'rox não estivesse lá.

— Onde estamos?

— No seu ninho.

Eu olho ao redor. Está escuro como o inferno. Mais escuro do que o normal, mas quando passo a mão pelo chão, sinto as revistas e camisetas que coloquei no chão.

Um arrepio passa por mim.

Ainda estamos no prédio?!

— Onde está a coisa? O corpo?

— Não aqui.

Bem, graças a Deus por isso, eu acho.

— E a mulher?

— A fêmea está segura.

Eu engulo. Não sei o que ele quer dizer com isso, mas sinto uma dor de cabeça que não vai embora, e pensar demais torna tudo pior.

Eu me movo para ele, e não leva mais do que um momento antes dos braços de Fi'rox me puxarem ainda mais para perto.

Não sei quanto tempo ficamos assim, mas deixá-lo me abraçar é bom. Reconfortante.

Tudo bem.

Matamos um Gryken juntos. Não consigo imaginar o quanto mais poderíamos fazer.

— Nós devemos ir. — Eu tento soltá-lo, mas ele não se mexe.

Em vez disso, ele rosna baixo.

— Ainda não.

Uma vibração cresce em meu peito.

— Devemos sair antes que outro Gryken apareça.

— Outro não virá procurá-lo. Não deu tempo de mandar um recado para o coletivo.

Pisco para a escuridão que nos cerca.

Quanto mais ele revela sobre essas criaturas, mais há a temer sobre elas.

— Como você sabe?

— Porque estava ocupado tentando invadir minha mente.

Eu congelo contra ele, mas ele não retira o que disse.

Ele não está brincando.

Se aquela coisa tivesse conseguido controlá-lo lá fora...

Porra.

Eu não quero nem pensar nisso.

— Devemos sair de qualquer maneira. — Eu olho para onde a porta deveria estar. É tudo preto. Não consigo ver nada e meus ouvidos se aguçam para qualquer som. Mas é tudo silêncio.

— Ainda não.

Estou confuso.

— Por que?

— Não até eu saber que você ficará bem.

Suas palavras me assustam.

Ele ... se importa tanto assim comigo?

— Mas...

— Estamos protegidos. Lá fora, está sala não existe.

Não entendo o que ele quer dizer com isso.

No meu mundo, eu estava cara a cara com um Gryken novamente.

O terror ainda não passou.

Achei que ia morrer quando aquela coisa quase acabou com a minha vida.

Senti minhas costelas estalarem e então ficou difícil respirar.

Com esse pensamento, eu solto Fi'rox para tocar meu peito.

Não dói mais...

Isso não é possível.

Senti meus ossos estalarem.

Mas quando toco meu peito, sinto a mesma sensação de quando toquei meu lado pela primeira vez.

Ele me remendou com seu traje novamente.

— Você está me curando. — Eu olho para ele.

Ele não está mais usando seu traje e estou melhorando em enxergar no escuro porque posso ver seu rosto bonito e estranho olhando para mim.

Fi'rox não responde, mas mesmo com aqueles olhos escuros, seu olhar parece caloroso.

Eu me inclino para ele novamente, e ele não hesita em me deixar afundar contra seu peito.

Ele me segura em seus braços enquanto o silêncio nos envolve e ficamos assim por um longo tempo.

— Tem certeza de que estamos seguros aqui?

— Estamos seguros — Fi'rox responde.

Qualquer tensão que eu ainda abrigasse em meus ombros se desvanece a cada minuto que passa.

À medida que o terror do nosso encontro desaparece lentamente, eu finalmente olho para ele para descobrir que ele está me observando.

— Obrigada — eu sussurro. — Por tudo.

Eu levanto minha mão para tocar sua mandíbula e juro que ele inclina a cabeça para que possa esfregar sua bochecha na minha pele.

Isso me dá uma ideia e eu movo minha mão mais alto para tocar a base de suas orelhas élficas.

Seu corpo inteiro treme e aquele estranho ronronar enche a sala.

Minhas sobrancelhas sobem enquanto eu o observo.

Não tenho ideia do que ele está fazendo, mas gosto.

Muito.

Isso me aquece.

O som é como uma vibração profunda que cobre minha pele, me relaxando, e conforme Fi'rox se aproxima, eu aperto minhas coxas sem pensar.

Ele fareja o ar e rosna.

Eu trago minha outra mão até sua bochecha enquanto olho em seus olhos.

Como eu poderia ter pensado que ele era mau?

Quantas vezes ele já me salvou?

Ele me acomoda de costas e tenta me soltar, mas, desta vez, sou eu quem não o deixa ir.

Eu o seguro com força, meu olhar procurando o dele, enquanto a realidade do que estou sentindo vem à tona.

Eu não posso negar isso.

Eu tenho uma queda por esse alienígena.

Mais que uma paixão.

Eu quero muito.

As narinas de Fi'rox dilatam e tudo o que ele cheira faz um rosnado ressoar em seu peito.

Seu olhar cai para os meus lábios, e ele os encara por tanto tempo que começo a ficar constrangida.

— Eu me dei apenas um tempo — ele diz de repente.

— Um tempo? — Eu sussurro.

— Você me tenta, pequena humana.

Uma bola se forma na minha garganta enquanto prendo a respiração, um arrepio delicioso descendo pela minha espinha.

— Eu tento você?

Um rosnado sai de seus lábios e suas orelhas se contorcem quando ele se abaixa sobre mim, apoiando-se em cada lado do meu corpo com os braços.

Eu não deveria, mas eu... eu quero que ele diga mais.

— Como eu tento você?

Juro que vejo uma faísca naqueles buracos dele.

— Tudo — ele sussurra. — Toda você

EU...

Algo doce e bom estremece e floresce dentro de mim.

— Eu quero comer sua boca — ele diz de repente.

A sensação desaparece de repente.

— O que?

Suas orelhas se contorcem.

— Eu vi meus irmãos fazerem isso com seus companheiros humanos.

— Comer suas bocas? — A imagem não é bonita em minha mente.

Sua língua desliza um pouco para fora, apenas a ponta dela, e eu imediatamente me lembro do que fizemos, como ele se sentiu entre minhas coxas.

— Eles gostam do costume humano — diz ele.

Franzo a testa, tentando organizar meus pensamentos.

— Oh! — Percebo — Beijos.

Eu olho para ele em silêncio, aquele sentimento estranho florescendo dentro de mim ficando mais forte.

— Você quer me beijar?

Fi'rox rosna novamente.

— E seu suu'ci também. Eu quero beijá-lo novamente. Como da última vez. Eu preciso sentir você. Eu preciso de...

Minhas coxas apertam com suas palavras, meu coração batendo com um som estrondoso.

Talvez seja o efeito da adrenalina, esse sentimento.

Esta necessidade .

Pois ele não é o único a sentir isso.

Eu preciso dele também. Eu preciso sentir...

Eu preciso me sentir vivo .

Fi'rox rosna tão alto que vibra contra mim quando ele se aproxima, seu corpo pressionando o meu.

— Meu sazi lateja com a ideia de afundar em sua carne macia — diz ele. — Eu quero

Ele faz uma pausa, suas orelhas estalando.

— O que?

— Você, Dey'jah. Quero você.

Minhas pálpebras caem lentamente enquanto absorvo suas palavras.

Meu clitóris lateja com o pensamento dele afundando dentro de mim e eu tremo quando ele passa a língua ao longo da minha bochecha.

É tão quente e úmido que faz meu clitóris pulsar.

Já estou respirando com dificuldade quando abro meus olhos para olhar para ele.

A parte de baixo de suas cristas está brilhando mais agora e ele é tão... lindo.

Quando subo minha cabeça, inclinando-me para que meus lábios encontrem os dele, não há hesitação.

É como se ele estivesse apenas esperando que eu indicasse que eu também queria.

A boca de Fi'rox bate contra a minha, pressionando minha cabeça para trás enquanto sua língua mergulha em minha boca.

Ele rola em volta da minha e, foda-me no o inferno, não deveria ser tão bom, mas é.

Isso é... isso é outra coisa.

Ele se afasta, passando a língua pelo meu lábio inferior enquanto suas mãos se movem pelo meu corpo.

Estou levemente ciente das camisetas que eu fiz sendo rasgadas em pedaços enquanto Fi'rox me despe, mas não consigo pensar em nada além dos sentimentos que ele está incitando em mim.

Meus seios de repente estão em suas mãos e ele os aperta suavemente, deixando escapar um ronco baixo contra a minha língua.

Ele é tão diferente de tudo que já conheci que me pergunto se também sou estranha para ele. Mas isso não parece importar.

Se ele acha meu corpo estranho, não demonstra, porque seus lábios se chocam contra os meus mais uma vez antes de traçar um caminho pelo meu pescoço. Ele lambe e chupa minha pele enquanto se move para baixo, direto para meus seios. Eu só posso estremecer com a sensação de sua boca quente cobrindo meu mamilo, um gemido agudo deixando meus lábios.

O som o assusta porque ele para e olha para mim, suas orelhas estremecendo, e eu percebo agora que é um sinal de que ele está surpreso ou inseguro sobre as coisas.

— Eu machuquei você? — Há quase uma nota de tortura em sua voz, e eu sorrio para ele.

— Não. — Estou sem fôlego. — Eu gosto disso.

Um ronronar baixo sobe do seu peito enquanto ele toma meu mamilo em sua boca novamente.

Meus olhos reviram quando ele segura meu peito com uma mão enquanto a outra vagueia para o meu centro.

Sua mão grande me segura enquanto seus dedos roçam minha umidade e ele faz uma pausa novamente, desta vez para levar a mão ao nariz.

Meus olhos se arregalam de horror, mas tudo que Fi'rox faz é inalar profundamente antes de rosnar.

Ele passa a língua sobre os dedos antes de liberar meu seio e ir direto para baixo.

Eu sei o que está por vir, mas quando ele agarra minhas pernas, abrindo-me para ele, ainda não estou preparada para sua língua deslizando entre minhas dobras.

Uma onda de prazer passa por mim. Estou sem palavras.

Minha cabeça cai para trás quando Fi'rox me leva com a boca e minhas pernas tremem, ficando fracas.

Ele mordisca e chupa, girando sua língua sobre e ao redor do meu clitóris antes de me levar inteira em sua boca.

Estou tremendo tanto que não consigo ficar parada, mas Fi'rox me mantém parada.

Não há para onde ir.

Estou perdida neste prazer.

E quando sua língua desliza dentro de mim, perco toda a noção de pensamento.

Ele me perfura com isso, indo fundo enquanto sua boca me cobre novamente e o orgasmo que me atravessa é tão poderoso que tenho que morder meu braço com força enquanto grito.

Mas meu demônio não para.

Ele permanece, rosnando, aquele ronronar profundo vibrando contra meu clitóris enquanto meus quadris se movem contra seus lábios.

É só quando estou tremendo que ele finalmente me solta.

Porra.

Todo o meu corpo está tremendo enquanto eu olho para ele.

Estou tão embriagada que não percebo o calor de algo duro e pesado batendo suavemente contra meu centro.

O corpo de Fi'rox treme tanto quanto o meu quando ele me solta, seu olhar indecifrável enquanto ele olha para mim, mas suas orelhas estão levantadas.

Algo pulsa forte contra meu clitóris e esse movimento finalmente me acorda.

Olho para baixo. Escondido nas sombras, a sua enorme vara lateja com tanta força que levanta do meu ventre num enorme puxão antes de cair de novo contra mim. Meus olhos se arregalam.

Eu não posso acreditar no que estou vendo.

Ele é fodidamente grande e duro.

— Fi'rox?

— Não me importo. Ele vai se retirar em breve.

Onde diabos ele esconde essa coisa?

Em seu traje, não parece que ele tinha um pênis.

Seus lábios puxam para trás enquanto suas presas aparecem em um rosnado silencioso, e eu percebo exatamente o que ele está fazendo.

Ele está tentando se livrar de sua ereção.

Mas...

Eu não quero que ele faça isso.

Não é algo que eu vou considerar.

Eu envolvo minhas pernas em torno de sua cintura, fazendo com que seu eixo suba contra meu clitóris.

Está tão quente.

Tão foddidamente quente e latejante...

Um gemido me atravessa enquanto eu empurro meus quadris e o forço a deslizar contra mim novamente.

— Dey... jah. — Sua voz é uma mistura de prazer e dor quando ele de repente se inclina sobre mim, uma mão agarrando meu pescoço enquanto a outra segura meus quadris com força suficiente para que eu não possa mais me mover. — Pare.

A decepção não é a única coisa que surge dentro de mim.

Sua rejeição é chocante.

Ele me deu prazer com a boca, mas não quer ir até o fim?

— Por que? — Eu o desafio.

— Porque — seu peito arfa com respirações pesadas e eu sinto seu pau pulsar contra meu clitóris novamente, — você não quer isso.

Eu aperto a mão no meu pescoço. Eu posso sentir os músculos tensos em seu braço, mesmo que ele não esteja me machucando nem um pouco.

Ele está tentando tanto se segurar.

Eu quase morri hoje, e no dia anterior, e antes do dia anterior...

Eu não dou a mínima para reservas ou retenção.

— Como você sabe o que eu quero?

Fi'rox solta um suspiro trêmulo e todo o seu corpo treme.

— Quando você voltar para a base, você pode encontrar um companheiro. Você vai me odiar — ele diz, seu olhar envolvendo o meu. — Já sou odiado lá. As fêmeas humanas nos chamam de

demônios. Eu... — Seu corpo estremece novamente com sua contenção. — Eu não quero que você me odeie também.

Não tenho tanta certeza disso.

Se ele quer dizer "odeio-o" no sentido de "não consigo tira-lo da cabeça", então tem razão. Mas pelo jeito que ele está olhando para mim, eu sei que ele está falando sério.

E isso é... isso é importante para ele.

— Estou me dando um tempo — eu digo. Eu uso suas palavras exatas e vejo quando a realização surge nele. — Você não sabe o que eu quero.

— O que você quer, Dey'jah?

— Quero você.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

DEJA

Fi'rox faz o grunhido mais profundo que eu já ouvi quando ele avança, seu pau esfregando contra meu clitóris.

A sensação me ilumina, minha boceta doendo, apertando em nada.

Eu quero senti-lo dentro de mim.

Ele se afasta e avança novamente, soltando outro rosnado baixo que me faz doer um pouco mais.

— Ainda não te perfurei — ele geme, — mas sinto que posso derramar.

Oh?

Acho que ele está exagerando, mas um líquido quente de repente cobre minha barriga enquanto Fi'rox estremece acima de mim.

Meus olhos se arregalam com a quantidade disso. Posso senti-lo escorrendo pelo meu lado e espero que ele pare de se mover agora e caia ao meu lado, mas isso não acontece.

Em vez disso, um fogo profundo começa em seus olhos enquanto ele agarra meu quadril ainda mais apertado e se posiciona na minha entrada.

Ele ainda está duro... mesmo depois de liberar tanto sêmen...

— Fogo selvagem — ele abaixa a cabeça e seus lábios pairam sobre os meus. — Você é muito pequena para mim. Isso não funcionará.

Engulo em seco quando sinto sua cabeça roçar na minha entrada e minha respiração fica irregular.

— Eu me viro. — Eu respiro. — Eu quero te sentir.

Minha boceta aperta novamente, a antecipação é suficiente para me fazer pingar.

Fi'rox se move lentamente, empurrando a cabeça de seu pênis para frente.

É cônico.

Eu não posso ver. Eu só posso sentir, e parece afunilado. Está ficando cada vez mais grosso quanto mais ele empurra para dentro de mim, e não demora muito para eu sentir que estou no meu limite.

Fi'rox faz uma pausa, seu peito arfando enquanto ele olha para mim.

Sua mão no meu pescoço inclina minha cabeça para cima e eu junto meus lábios aos dele.

Ele ronrona, profundo e baixo, enquanto se afasta de mim, apenas para avançar novamente.

É uma lenta agonia.

Ele não se move mais do que um centímetro de cada vez, mas cada movimento leve me aperta, minha barriga estremece quando raios de eletricidade disparam através de mim.

Fi'rox se afasta, apenas para avançar com aquela tortura lenta novamente, até que ele me preenche.

Eu aperto minhas pernas em torno de suas coxas enquanto ele se afasta para avançar novamente.

Meus quadris são empurrados para trás enquanto ele me pega, abrindo-me para ele, e eu estendo a mão para segurar seu rosto entre minhas mãos.

À medida que Fi'rox se move para trás e avança, repetindo os movimentos várias vezes até que ele tenha um ritmo que nos faça mover em uníssono, todo o meu ser parece transcender para um plano diferente.

Eu olho em seus olhos, meu corpo estremece enquanto eu grito contra seus lábios.

Suas presas roçam minha pele e eu nem me incomodo.

Ele é meu.

Este alienígena é meu.

Não posso voltar ao normal depois disso.

Nada parece mais vivo do que agora enquanto ele me enche, seu pau grosso pulsando com cada estocada.

Estou tão dilatada a ponto de não poder mais ser preenchida, e cada estocada faz meu clitóris se esticar e se dobrar contra ele.

O pico à frente vem muito rápido e eu estou gritando os efeitos da minha liberação em sua boca.

Ele pega tudo, absorvendo minha energia, apenas para alcançar sua própria liberação.

Fi'rox me agarra com mais força, um rugido passando por ele enquanto seu pau lateja dentro de mim. Seu esperma quente irrompe pela costura apertada entre nós quando ele diz meu nome.

— Dey'jah — ele geme. — Você será o meu fim.

Não, Fi'rox.

Eu acredito... você será meu.

Fi'Rox

Tenho que liberar Dey'jah rápido demais.

Não a quero fora dos meus braços.

Eu não quero deslizar meu sazi de seu calor.

Mas não posso levá-la uma segunda vez enquanto estiver neste deserto.

Só cedi à minha fraqueza desta vez porque... depois de levá-la de volta para a base, irei embora... e... talvez nunca mais volte.

É egoísta da minha parte querer experimentar a única coisa que me deu alegria desde que os Gryken invadiram Edooria.

Eu não esperava que uma humana se tornasse tão importante para mim.

Mas Dey'jah é.

Ela está mole quando olha para mim e me pergunto se fui muito rude.

Segurar foi a coisa mais difícil que já fiz. Nem sequer a montei na posição correta, ansioso demais para sentir seu calor.

Mas ela sorri para mim, um olhar lânguido em seu rosto.

O olhar em seus olhos é de calor.

Eu nunca... nenhuma outra mulher olhou para mim assim.

Suas mãos caem de mim para descansar em seu peito, e me pergunto se ela está doendo lá. Eu tinha tentado não agarrá-la com muita força.

— Seu peito. Dói? — Eu pergunto.

Ela olha para baixo, franzindo as sobrancelhas, e eu uso suas roupas rasgadas para limpar meu sêmen de sua barriga.

Eu pretendia colocar até a última gota dentro dela, e esse pensamento faz meu sazi pulsar novamente.

Rek.

Eu tenho que forçá-lo de volta para dentro da minha bolsa de acasalamento antes que se torne muito difícil para mim controlar.

— Dolorida — ela responde antes de levantar o olhar para a escuridão acima de nós.

Caindo de costas ao lado dela, também olho para cima.

O que acabamos de compartilhar...

É uma experiência única que talvez nunca mais tenha.

Dey'jah geme e se aconchega em mim, descansando a cabeça no meu peito.

O movimento me surpreende.

As fêmeas vulanas não gostam de atenção após o acasalamento. Elas preferem que o macho vá embora.

Mas conforme Dey'jah se aconchega mais perto, seu desejo pelo meu calor faz um sentimento reconfortante crescer dentro de mim.

Ela joga um braço em meu peito. — Eu sei que você diz que estamos seguros aqui... mas provavelmente deveríamos nos preparar para ir, não deveríamos?

— Quando você estiver bem...

— Estou bem o suficiente para viajar. — Ela inclina a cabeça para olhar para mim e não tenho escolha a não ser contar a verdade.

— Não sei o que podemos encontrar quando partirmos.

Ela enrijece, seu queixo empurrando para o peito.

— E aquela mulher. Você disse que a protegeu, mas precisamos lidar com ela também.

Posso sentir a aflição, a tristeza de antes voltar para ela.

Mas ela está certa.

Há apenas um problema.

Se formos para a base, temos que deixar aquela fêmea aqui ou libertá-la.

Duvido que Dey'jah vá querer qualquer uma dessas opções.

Essa é a razão pela qual liberei meu ba'clan. Permiti que eles cobrissem todas as paredes deste ninho, escondendo nossas assinaturas de energia e camuflando esta sala enquanto eu cuidava de Dey'jah.

— O que? O que é? — Dey'jah se aproxima de mim, seu olhar procurando o meu.

Estou surpreso que ela possa me ver na escuridão, como se seus olhos estivessem se adaptando.

— A outra fêmea lá fora... teremos que deixá-la.

Dey'jah está balançando a cabeça e eu já sei o que está por vir.

— Você pode carregá-la. Eu posso andar.

Eu já estou rosnando antes que ela possa terminar.

Se ela pensa que estou prestes a deixá-la caminhar pela floresta até a base, especialmente enquanto estiver ferida...

Uma respiração estremece dela.

— Não podemos deixá-la. — Então ela congela. — Você acha que aquela coisa veio procurá-la?

Essa é uma boa pergunta, mas não para a qual eu tenha uma resposta ou algo com o qual eu queira arriscar.

— Você deveria carregá-la. Eu vou andar.

— Absurdo. Não faremos tal coisa. Minhas narinas dilatam quando eu olho para ela. — Você está machucada.

— Ela também. — E ao ver meus olhos, ela sorri e coloca a mão na minha bochecha. Sua pele é macia e quente contra a minha.

Reconfortante.

— Olhe, não estou tão ferida quanto você pensa. Não estou sentindo dor.

— Isso é porque meu ba'clan está dentro de você. Você está muito mais ferida do que imagina.

Ela pisca para mim.

— Seu traje está dentro de mim?

Sua voz tem um tom de incredulidade quando ela se afasta e olha para mim.

— Meu ba'clan... eles estão dentro de você. — Eu olho ao nosso redor. — Alguns deles, pelo menos. Os outros estão cobrindo este ninho.

Ela olha em volta. — Ah, então é por isso que está muito escuro aqui.

Ela passa a mão no peito.

— Eu não me sinto diferente. Quero dizer, posso sentir um pequeno pedaço do seu traje no meu peito, mas...

— Eles não são apenas um traje, Dey'jah. Eles são... eu.

Suas sobrancelhas se erguem e me pergunto se comecei algo que deveria ter guardado para mim.

Se ela rejeitar o ba'clan quando descobrir o que eles realmente são, será como me rejeitar.

Eu tinha aceitado que nunca poderia reivindicar uma companheira como minha. Mas a ideia de Dey'jah me rejeitar completamente... Percebo agora que não estou preparado para isso.

Eu não estou nada preparado.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Deja

— O que você quer dizer com 'eles são você'?

Fi'rox não está me dizendo algo. Eu posso sentir isso na maneira como ele faz uma pausa antes de responder.

— Como uma pele extra — diz ele. — Eu os controlo da mesma forma que controlo meus membros — com pouco pensamento consciente.

— O que você quer dizer?

Ele hesita novamente, sem responder, como se estivesse lendo minha resposta e tivesse que me dizer algo lentamente.

— É tecnologia alienígena, não é? A maneira como você pode fazê-lo desaparecer e aparecer. A maneira como ele forma aquelas lâminas em você quando você quer. Espero que ele continue, mas ele não o faz.

O que estou perdendo?

— Eles são como aquela arma que você me deu. Eu apenas pensei sobre isso e formou-se em torno da minha mão. Eu não imaginei isso, imaginei?

— Não. Você não.

— Ok, então essa tecnologia está... dentro de mim agora?

— Eles não são tecnologia. Os ba'clan são uma parte de mim. Como minhas próprias células. Eles formaram um vínculo vitalício comigo no meu nascimento.

Eu inclino minha cabeça para o lado, meus olhos se estreitando enquanto tento entender.

— Você fala como se seu traje estivesse vivo.

Fi'rox não responde.

Quando muito ele endurece.

Meus olhos se arregalam.

— Está vivo.

— Sim. Tão vivo quanto você e eu.

Bem, isso é um choque que eu não esperava.

— O que?

— Não tenha medo, Dey'jah.

Engulo em seco e naquele momento, bem debaixo da minha mão, o adesivo no meu peito pulsa.

Minha mão voa para longe, meus olhos se arregalando ainda mais.

Algo vivo que pode fazer as coisas que eu vi fazer? Que pode se mover e interagir com seu hospedeiro?

Isso é um... parasita.

Meu coração acelera e eu quero bater minha cabeça contra a parede. Eu nem perguntei sobre isso. Eu apenas assumi .

— E... está dentro de mim agora?

Fi'rox se aproxima, seu olhar procurando o meu.

— Eu estou dentro de você.

Minhas bochechas esquentam um pouco enquanto luto para me concentrar.

Porra.

Isso não deveria me assustar.

Outra parte dele estava dentro de mim também, e eu a recebi de pernas abertas.

Não é tão ruim.

Este... parasita ou o que quer que seja, já me curou antes.

A única diferença é que agora sei que está vivo.

— Senciente?

As orelhas de Fi'rox movem-se.

— Eles são.

— Eles?

— Simbiontes — diz ele. — Meu ba'clan são milhões de nanoorganismos que vivem como um só.

Uau. Merda.

— Eles podem sentir? Eles estão conscientes?

Eu olho ao redor das paredes. E pensar que estou cercada por organismos alienígenas que nem sabia que existiam...

— Sim — Fi'rox responde.

— Como você tem tanta certeza de que eles não vão me machucar?

— Porque, Dey'jah. Eu nunca faria isso.

Sua expressão é calmante, e eu libero uma respiração pesada.

Eu não estou assustada. Apenas chocada. Mas o fato de agora ser o hospedeiro de alguma forma de vida alienígena é chocante.

Eu deveria estar com dor agora.

Em vez disso, além da dor agradável entre minhas pernas, eu me sinto... bem.

Minha mão paira sobre a mancha no meu peito e eu juro que um fio da mancha escura se estende para tocar minha palma antes de se afastar.

Calma, Deja. Calma. Está do seu lado...literalmente. Tem sido desde o início.

Engulo em seco enquanto tento organizar meus pensamentos.

— Ainda assim devemos deixar este lugar. — Eu apoio minhas mãos no chão abaixo de nós em um esforço para me levantar.

As orelhas de Fi'rox movem-se novamente, como se ele estivesse surpreso com minha reação.

Mas coisas estranhas aconteceram hoje.

Prefiro ter um alienígena dentro de mim que está me curando do que enfrentar outro que tenta me matar quebrando todos os ossos do meu corpo.

Estou de pé, diante dele agora, e olho ao redor da sala.

— Você sabe tão bem quanto eu que precisamos ir embora. — Eu o encaro. — Temos que dar o fora daqui. Quanto mais esperamos, mais nos colocamos em perigo.

Fi'rox se ergue e se eleva sobre mim. Lentamente, a escuridão na sala diminui à medida que seu traje - seus simbioses - viajam de volta para ele.

Espero que aqueles na minha pele voltem para ele também, mas quando toco meu peito, eles pulsam contra meus dedos novamente e permanecem lá.

Ele realmente tem controle único sobre eles.

— Eles estão pulsando contra a minha mão. Já senti isso antes, mas desta vez é mais forte.

As orelhas de Fi'rox movem-se novamente. — Eles estão esperando que você não os rejeite... ou a mim .

Eu franzo a testa para ele.

— Por que eu iria rejeitar você?

Ele congela, olhando para mim com aqueles olhos escuros, e não sei o que disse para causar essa reação.

Acabamos de fazer sexo.

Certamente, está claro para ele que agora é um pouco tarde para rejeição.

— Não estamos mais encapuzados nesta sala. Qualquer coisa fora deste espaço saberá que esta sala está aqui — ele diz de repente. — Temos que nos mudar.

Concordo com a cabeça e quando ele se vira e caminha em direção à porta, sigo atrás dele.

Assim que chegamos à porta, Fi'rox estica um braço em minha direção sem olhar para trás.

Espere .

Eu paro no meio do caminho, meu coração batendo forte enquanto ele sai da sala.

A cada segundo que passa, meu pulso aumenta e o silêncio mortal da sala principal é a única indicação de que não há luta.

É a única razão pela qual não saio correndo da sala para garantir que meu alienígena esteja bem.

Ele retorna logo depois, com a cabeça aparecendo por trás da porta entreaberta.

— Venha. Está limpo. Não sei por quanto tempo.

Saio da sala, meus pés descalços roçando o chão empoeirado com tanto silêncio quanto consigo.

A primeira coisa que noto é que o cadáver de Gryken está faltando, mas não o espaço no chão onde caiu com Fi'rox. O piso de madeira quebrou onde eles caíram.

— Cadê?

— Eu descartei. Achei que você não gostaria de testemunhar isso de novo.

Concordo com a cabeça, meu olhar se movendo sobre o vidro quebrado e, em seguida, ao redor da sala.

Não há muita luz aqui. A noite chegou.

Fiquei inconsciente por um tempo.

Mas isso não me impede de ver a mulher presa a uma mesa virada.

Minha respiração falha quando meu olhar pousa sobre ela.

Fi'rox a amarrou para que ela mal pudesse se mover, mas suas mãos se estenderam em direção à porta, um suave gemido estranho deixando seus lábios enquanto ela tentava ir para o que quer que ela estivesse tentando alcançar.

— Meu Deus...

Ela está de costas para mim e estou caminhando lentamente para ela quando Fi'rox bloqueia meu caminho.

— Talvez seja melhor que você não olhe para ela.

Eu procuro seu olhar, minhas sobrancelhas franzindo um pouco.

— Por que?

Ele não responde, então passo por ele, tomando cuidado com os estilhaços de vidro no chão até ficar diante da mulher.

Minhas mãos voam para cobrir minha boca enquanto eu olho para ela.

Seu rosto está tenso, seus olhos vermelhos e sua pele esticada contra seus ossos.

Mais hematomas escuros apareceram por toda a pele dela, e estremeço de horror quando olho para ela.

— Fi'rox, ela está...

— Morrendo.

— Mas como? Pelo menos, como ela parece tão pior tão cedo?

— As veias que o Gryken incorporou dentro dela. Ela precisa de sustento para manter o fluxo de sangue vital. Eles estavam tirando do corpo dela.

Lágrimas brotam de meus olhos quando olho para a mulher. Ninguém merece morrer assim.

Ela solta outro coaxar sinistro, ainda lutando contra as restrições, com as mãos estendidas em direção à entrada.

Ela é como um zumbi e estremeço quando percebo que é exatamente o que ela é.

Meu olhar segue para onde ela está apontando e vejo as latas ainda espalhadas pelo chão.

— Ela quer a comida.

Meu coração bate forte.

Talvez ela ainda esteja viva em algum lugar. Talvez a mente dela não tenha sido tomada completamente.

— Ela está morrendo de fome. — Volto correndo para o balcão onde havia deixado uma lata meio aberta de milho doce e a trago para a mulher. Aceno para ela, mas não há reconhecimento em seus olhos. Nem mesmo quando o levo ao nariz.

— Eu não acho que ela deseja a comida para si mesma, Deja.

Eu sei que Fi'rox está certo. Eu só não quero acreditar.

— Para que ela quer isso então?

Fi'rox não responde e eu não espero que ele o faça.

Nenhum de nós sabe que objetivo foi plantado no cérebro dessa mulher.

Estou me movendo com um propósito enquanto um plano surge em minha mente.

— Ela ainda é humana. O mínimo que podemos fazer é dar a ela uma morte honrosa.

Eu me movo através da carnificina na sala e pego uma camiseta seca, vestindo-a antes de colocar meu jeans molhado. Estou calçando meu tênis quando meu olhar pousa no sapatinho rosa no chão.

Está bem onde deve ter caído da minha mão depois que fiquei inconsciente.

Eu me movo e o levanto, segurando-o no centro da palma da minha mão antes que meu olhar volte para a mulher.

A dor emocional de antes retorna.

O tempo todo, Fi'rox me observa, suas orelhas mexendo como se ele estivesse tentando ler minha mente.

É silêncio enquanto volto para a mulher e me agacho diante dela, mas dentro meu coração está gritando.

— Você teve um bebê — eu sussurro, meu olhar se movendo sobre seu rosto.

Ainda não há reconhecimento lá.

— Você estava segurando isso. — Eu levanto o sapato na frente do rosto dela e, por um momento, juro que algo muda em seu olhar.

Eu espero, mas talvez seja apenas minha imaginação.

Estou prestes a me levantar quando a mulher de repente me agarra pelo braço e Fi'rox está imediatamente ao meu lado.

Ele está prestes a arrancá-la de mim, mas algo me faz dizer para ele parar.

— Espere!

Ela está olhando para mim.

Não olhando através de mim, mas... olhando para mim .

E um gemido suave sai de seus lábios enquanto ela se esforça para falar.

Eu me inclino mais perto, meu pulso trovejando.

— Saaaave... elllaaa.

Eu cambaleio para trás, meus olhos arregalados.

Tenho certeza de que ouvi corretamente.

Salve-a .

Meus olhos caem de volta para o sapato na minha mão e a compreensão surge.

Não.

Não pode ser.

Eu me aproximo da mulher, segurando sua mão na minha, meu olhar procurando o dela.

— Salvar quem?!

Mas ela se foi novamente. Seu olhar vago.

Meu peito arfa enquanto os pensamentos disparam em minha mente.

É impossível... mas eu sei o que a mulher quis dizer.

Eu sei quem ela quer que eu salve... e sei o que tenho que fazer.

Eu nunca me perdoaria se nem tentasse.

Agarro o sapatinho em minha mão enquanto volto meu olhar para Fi'rox.

— Você fez um plano — diz ele.

— Sim. — Eu tenho que fazer isso. Não posso correr para a segurança sem saber. Sem tentar. — E você não gostará.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Fi'Rox

Dey'jah está prestes a embarcar em algo que eu já sei que vou me opor.

Eu posso ver na forma como seus ombros estão definidos e como aquele olhar problemático cresceu em seu olhar.

— Não — eu digo antes mesmo que ela me conte sobre seu plano.
— Se envolve colocar você em perigo, minha resposta é não.

Eu avanço sobre ela, mas ela nem se mexe.

Sou léguas mais alto que ela. Mais forte. Mais assustador.

Mas ela simplesmente levanta o olhar para encontrar o meu. Suas mãos se fecham em punhos ao lado do corpo e suas sobrancelhas mergulham no nariz.

— Você está planejando me levar de volta para aquela base e depois voltar aqui por conta própria, não é?

Minhas orelhas se achatam contra minha cabeça, minhas pupilas se dilatam quase imperceptivelmente.

Como ela sabia?

— Eu não sou um idiota, Fi'rox. Eu vi sua preocupação com o que quer que esteja ao longe, muito longe para eu ver, especialmente com esta névoa. Eu não sou nenhuma tola. Eu sei que só há uma coisa que faria você rosnar e matar desse jeito. — Ela faz uma pausa, dando um passo mais perto de mim. Ela está tão perto agora, apenas uma respiração nos separa, e ela inclina a cabeça para me encarar.

— Uma daquelas máquinas está lá fora, não é?

Minhas mandíbulas apertam enquanto eu tento segurar um rosnado.

Eu tinha planejado manter essa informação para mim, mas agora esse pequena humana está me desafiando.

Se fosse algum dos machos do acampamento, eu já o teria atacado.

Mas é Dey'jah.

Eu não posso nem me mover.

Metade do meu tamanho, e ela me submeteu.

— Responda-me, Fi'rox — ela sussurra.

— Sim.

Sua respiração acelera, seus punhos ficando mais apertados em seus lados.

— Eu sabia. De que outra forma uma dessas coisas nos encontraria no meio do nada? E de onde diabos ela teria vindo? Ela faz um gesto para a fêmea que eu prendi. — Tem que haver uma máquina em algum lugar lá fora. Perto.

— Não perto. Uma grande distância para um humano.

A mandíbula de Dey'jah aperta.

— Mas não para um vullano.

Eu não preciso responder. Isso é óbvio.

Posso devolvê-la à base e voltar ao Scrit estacionado, tudo na mesma rotação.

— Você estava planejando me deixar lá enquanto saía em alguma missão para derrubá-lo.

Seu tom é acusatório e meus ouvidos estalam novamente. Não tenho certeza do que fazer com a mudança de humor dela.

— Você estará segura na base.

— E você?

Minhas mandíbulas apertam novamente.

— Devo fazer o que é melhor para todos nós. Enquanto os outros trabalham para criar mais armas, devo retornar e coletar informações sobre o inimigo.

— Sozinho?

— Apenas alguns de nós vieram a este mundo. Não temos muitos lutadores de sobra.

— Por que? — Ela cerrou os dentes planos enquanto olhava para mim. Há água se acumulando em seus olhos agora e isso é outra coisa que não tenho certeza de como ler.

— Porque, eu fiz um juramento para destruir este flagelo!

— Você acha que é o único que fez um juramento para destruí-los?! Você acha que é o único que perdeu tudo!

A água escorre por suas bochechas e ela a ignora.

Suas palavras, porém, me abalam.

Claro, ela está certa.

Não é algo que eu tenha considerado.

Eu só fui consumido pela minha necessidade de fazer o Gryken pagar.

— Eu também perdi tudo, Fi'rox. Tudo. Eu não tenho mais nada. Eu não quero perder você.

Suas palavras terminam e ela olha para baixo, finalmente enxugando a água de suas bochechas. Ela funga e olha para mim, piscando para afastar a água de seus olhos.

— E então isso. — Ela olha para a mulher e esfrega a cobertura do pé entre os dedos. — Quando você perde algo querido para você... algo que muda sua vida... a tristeza... a dor... isso faz você se agarrar

à menor coisa que toca seu coração e você não ousa deixar ir. — Sua garganta se move. — O bebê desta mulher está por aí em algum lugar.

Suas palavras me fazem hesitar.

Uma criança sozinha lá fora provavelmente está morta.

Mas não posso dizer isso. A dor nos olhos de Dey'jah já é muito real.

E... pode não ser verdade.

Eu não estaria aqui agora se uma mulher como Dey'jah não me encontrasse.

— Eles sabem que você está aqui? — ela pergunta.

— O Gryken? Eles sabem agora.

Dey'jah engole em seco enquanto olha para a janela quebrada.

— Mal podemos esperar. Mal podemos esperar até que você me leve de volta àquela base para descobrir o que diabos está acontecendo aqui. Ela olha para a mulher, seus dedos ainda se movendo sobre a cobertura do pé em sua mão. — E...

Ela não diz isso, mas eu sei o que está acontecendo em sua mente.

E... se há uma criança em algum lugar, ela quer encontrá-la.

— Você diz que isso é diferente. Não é algo que você já viu antes.

— Ela encontra meu olhar. — Isso significa que o tempo não está do nosso lado.

Mais uma vez, sei que ela está certa, mas já odeio onde sei que ela está indo com isso.

— E esta mulher... seu bebê... não podemos simplesmente deixá-los morrer. Assim não.

O olhar de Dey'jah se fixa novamente.

— Nós vamos deixá-la ir. E nós daremos a comida para ela.

Minhas narinas dilatam.

— Esse não é o fim do seu plano. É isso?

Dey'jah fica em silêncio enquanto balança a cabeça. — E...

— E?

— E nós vamos segui-la.

Um rosnado rasga através de mim e meus pelos se erguem na metade do caminho diante dela.

— Não.

— Sim. — Ela pressiona. — Isso não está em discussão. Você sabe que estou certa.

Rek ela.

Ela sabe que está certa.

— E se encontrarmos um Gryken?

— Você pode nos proteger com seus simbioses como fez antes.
— Ela aperta o lábio inferior em sua boca, mas não move seu olhar do meu. É como se o plano dela estivesse sendo formado enquanto conversamos e ela acrescentando os detalhes. — Quando aquele Gryken entrou nesta sala, não estava ciente de você. Eu, porém, acho que me cheirou ou algo assim.

Minhas narinas dilatam novamente com a memória.

— Você poderia morrer.

Ela mostra os dentes para mim da maneira muito humana que mostra alegria.

Mas não há nada para ser feliz.

Eu odeio o plano dela.

— Eu não morro tão facilmente, lembra?

Deja

Ele não gosta nada disso.

Enquanto pego as latas do chão, Fi'rox fica parado no meio da sala, rosnando como uma fera que foi amarrada e quer escapar, mas não consegue.

Um pequeno sorriso faz cócegas em meus lábios e de alguma forma consigo esconder meu nervosismo.

Estou apavorada com esse plano, mas não posso simplesmente correr para um lugar seguro sem fazer alguma coisa.

Meu olhar desliza para a mulher que ainda está lutando para cumprir uma missão com a qual não concordou.

Ela está lutando por duas coisas.

Para se libertar e voltar para seu filho.

Agarro o sapatinho na mão.

Se houver um bebê por aí em algum lugar...

Julgando pela rapidez com que a mulher está se deteriorando, imagino que as veias do pescoço dela agem rápido.

Isso pode significar que eles a capturaram recentemente.

Se o bebê dela estiver por aí, talvez ele ainda esteja vivo.

Agarro o sapato com mais força.

Estou rezando para que ela esteja.

Enquanto meu olhar desliza de volta para a mulher, tenho que encarar a verdade.

Eu poderia ter sido ela.

E... eu gostaria que alguém fizesse o que estou fazendo agora. Eu gostaria que eles tentassem salvar a coisa mais importante para mim: meu filho.

Imagens dos bombeiros tentando puxar o metal para entrar no meu carro voltam correndo.

Lembro-me da desesperança que senti. Como eu olhei para eles como meus salvadores. Como eu rezei para que eles pudessem tirar meu bebê e salvá-la.

Eu não me importava comigo mesmo.

E agora está mulher está dependendo de mim.

Respirando fundo, endireito os ombros enquanto trago uma das latas para a mulher.

Suas mãos trêmulas o agarram e ela levanta a cabeça, seu olhar ainda olhando através de mim.

Algo se contorce dentro de mim novamente.

Eu gostaria de poder ver até mesmo uma lasca de consciência lá mais uma vez.

— Nós vamos matá-los — eu digo a ela. — Vamos matar aqueles filhos da puta que fizeram isso com você e vamos encontrar seu bebê.

Por um momento, é como se ela me visse novamente.

Não sei se imagino.

Talvez eu tenha.

Mas eu pego aquele olhar e me afasto antes que seus olhos fiquem vazios mais uma vez.

— Solte-a, por favor.

Fi'rox rosna.

Eu sei que ele odeia esse plano e sua hesitação aquece meu coração.

E pensar que ele estava planejando investigar isso sozinho...

Ele não está pensando em sua própria segurança, mas alguém tem que fazer isso.

Também não quero perdê-lo.

O pensamento me atinge profundamente e eu não o questiono.

Ele é a única coisa a que me agarrei desde que este pesadelo começou, e não estou pronta para deixá-lo ir. Alienígena ou não. Espécies diferentes ou não.

Tudo isso não importa.

— Fi'rox...

Mas ele já está cortando as vinhas da mulher.

Mesmo antes de estar livre, ela está tentando chegar à janela aberta.

Ela caminha até lá, atravessando o vidro quebrado.

Farpas perfuram seus pés descalços e ela não para.

Meu coração se parte quando a vejo partir.

Mas eu saio rapidamente quando ela sobe na janela quebrada, fazendo suas mãos sangrarem.

Nem uma vez ela emite um grunhido de dor.

— Vamos — eu digo para Fi'rox.

Ele rosna para mim, seus olhos raivosos perfurando os meus.

Ele está do jeito que estava no primeiro dia em que o vi.

Nervoso.

Incomodado.

Perigoso.

Mas o medo que eu sentia em relação a ele se foi.

— Eu primeiro — diz ele.

Ao contrário da mulher, Fi'rox não entra pela janela.

Em vez disso, ele move as coisas que empilhei na frente da porta, abrindo um caminho que eu também posso seguir.

Eu resmungo quando ele os empurra para longe com facilidade.

Eles eram uma espécie de barreira.

Eles nem impediram o Gryken de entrar.

Ele aparece na janela quebrada logo depois.

Soltando outra respiração, meus ombros sobem e descem enquanto eu aceno para ele.

É hora de ir.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Deja

A mulher caminha à nossa frente, com os pés e as mãos sangrando em novos pontos depois sua caminhada através do vidro.

Ela parece saber exatamente para onde está indo, rumo a um destino singular.

A chuva ainda está caindo e voltou a aumentar.

Ela escorrega em Fi'rox, mas estou encharcada. Um arrepio passa por mim, mas continuo avançando.

Temos que levar isso até o fim.

Há um rosnado nas minhas costas e, quando olho para trás, o olhar lívido de Fi'rox me queima com um profundo fogo de cobalto.

Ele está chateado. Ele não precisa dizer uma palavra para eu saber.

Mas eu me recuso a deixá-lo me carregar ou parar para nos abrigar.

A mulher não está diminuindo a velocidade.

Ela não vai parar e o tempo não está do nosso lado.

Temos que continuar.

Nós nos movemos através de matagais e vegetação rasteira por horas, a única coisa que me mantém em movimento é a minha vontade.

Sinto uma leve dor no peito quando respiro fundo e sussurro uma oração silenciosa.

Se Fi'rox não estivesse aqui, eu já estaria morta.

Digo a mim mesma que estou fazendo isso porque o sacrifício dele para me salvar deve significar alguma coisa.

Não posso voltar àquela base quando pode haver uma criança aqui em algum lugar.

Não consegui salvar a minha... talvez possa salvar outro.

E...

E, bem, mesmo que Fi'rox me levasse de volta para a base, não há como eu ficar sentada lá sabendo que ele está vindo para cá sozinho também.

É uma decisão difícil, mas não posso deixá-lo fazer isso sozinho.

Posso não ser capaz de lutar como ele, mas talvez juntos possamos entender o que essas feras estão fazendo aqui.

Então eu engulo meus medos e tento acalmar as batidas aceleradas do meu coração enquanto seguimos em frente.

A chuva está caindo tão forte que me pergunto como a mulher sabe para onde está indo.

Mas o que quer que a esteja comandando não é visual.

Ela parece atraída pelo instinto... e ela simplesmente continua se movendo.

Nem a chuva, nem as árvores, nem o terreno... nada a impede de seguir em frente.

Chegamos a uma área de árvores caídas e a mulher tropeça em uma e cai de cara.

Ouçó algo estalar e o alarme passa por mim.

Estou correndo para frente quando um braço forte me segura.

— Não. Eu vou verificar.

Fi'rox passa por mim enquanto eu aceno.

Eu entendo porque ele não me quer muito perto da mulher.

Eu também me pergunto se essas veias são contagiosas ou se foram implantadas.

Mas já a toquei várias vezes.

Se forem contagiosos, é uma reação tardia.

Ainda assim, eu fico a uma curta distância, piscando através da chuva enquanto olho ao nosso redor para qualquer movimento antes de voltar meu olhar para Fi'rox.

Ele está ajudando a mulher a se levantar, mas ela tropeça novamente.

Durante todo esse tempo, ela está dando aquele gemido estranho, agarrando a lata de comida enquanto tenta rastejar para a frente.

Eu vejo que seu tornozelo está estranho enquanto ela tenta se levantar mais uma vez e meu coração aperta.

Está quebrado.

Não tem como ela andar.

No entanto, ela se levanta, colocando peso no tornozelo quebrado enquanto se puxa para frente.

É uma visão tão angustiante que tenho que me virar, piscando para conter as lágrimas que surgem em meus olhos.

Ela era irmã de alguém. Esposa. Amiga.

Mãe.

E agora... agora ela é uma concha vazia.

Meus ombros balançam quando coloco a mão na boca para afastar minhas emoções.

Quando me viro para encará-los novamente, ela já se foi alguns metros à frente, quase desaparecendo por entre as árvores, mas Fi'rox continua no local onde ela caiu, com os olhos em mim.

— Eu posso acabar com isso — diz ele, e eu engulo em seco.

Eu enxugo minhas lágrimas e caminho em direção a ele.

Acabar com isto não é uma decisão minha.

Quem sou eu para decidir que deve morrer?

— Ela ainda pode sobreviver. Ainda não sabemos ao certo.

Ele me estuda por um momento.

— Ela está com dor. Ela pode sentir seu membro quebrado... as feridas em suas pernas e mãos... as contusões em seu corpo. Ela pode sentir a vida se esvaindo dela. — Ele faz uma pausa. — Ela só é incapaz de reagir a isso.

Suas palavras me fazem parar diante dele, meus olhos se arregalando de horror.

— O que?

— Quando o Gryken assumiu o controle de nossos guerreiros. Derrubamos alguns deles. Eles voltaram a si antes que seus espíritos fossem embora. — Ele faz uma pausa e olha na direção em que a mulher foi. — Eles sentiram tudo. Eles sabiam exatamente o que estavam fazendo. Podia sentir cada lâmina que enfiamos em sua carne para derrubá-los. Mas eles não puderam reagir. A codificação do Gryken prevaleceu sobre sua própria necessidade de sobrevivência.

Suas palavras me congelam profundamente, aumentando o horror crescente que já estou sentindo.

— Ela está com muita dor, Dey'jah.

Engasgo quando um soluço se aloja em minha garganta.

Como uma espécie pode fazer isso com outra?

Isso... isso é pura maldade.

— Ela continuará até que seu corpo expire por conta própria.

A ideia de permitir que isso aconteça com a mulher... não posso.

Eu não a conheço. Ela é uma estranha para mim. Mas eu não posso.

Se fosse eu, gostaria que alguém me poupasse desse fim.

Eu aceno para Fi'rox, desviando meu olhar dele.

— Faça isso. — Minha garganta aperta com as palavras e eu cerro meus punhos. — É melhor do que deixá-la sofrer.

Fi'rox faz uma pausa, olhando para mim por alguns momentos.

Ele não me diz o que está pensando ou sentindo, mas posso dizer que ele sente o quão difícil é uma decisão para mim.

Sinto o movimento do ar e quando olho para cima, ele se foi.

Eu viro meu olhar para cima, para as folhas acima de mim enquanto elas estremecem e balançam com a torrente de chuva que cai sobre nós.

O sapatinho em minha mão está encharcado, mas eu o seguro mesmo assim, meu coração se partindo em mil pedaços.

Fico assim pelos próximos minutos até Fi'rox retornar e de repente estou em seus braços.

Seu calor me envolve e eu me apoio nele.

— Acabou? — Eu pergunto.

Ele não responde. Ele simplesmente me segura em seus braços.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Fi'Rox

Embora estejamos ao ar livre, aproveito o tempo para segurar Dey'jah.

Humanos gostam do conforto do toque e é tudo que posso oferecer a ela agora.

Seu corpo treme contra mim e vejo água em seus olhos que não é da chuva que cai ao nosso redor.

Olhos lacrimejantes significam tristeza...e minha Dey'jah está muito, muito triste.

Então eu a seguro, a chuva caindo ao nosso redor em lençóis grossos, e ela se acomoda em mim.

Eu a seguro pelo tempo que ela quiser até que ela pressione as mãos contra o meu peito.

— Devemos nos mexer. — Seu peito arfa com uma respiração e eu sei que ela está se forçando a parar de lamentar, mas eu empurro seu queixo para o meu peito de qualquer maneira.

— Para onde vamos agora? — Ela olha ao nosso redor e eu pego seu braço em minha mão, virando na direção que eu sei que o Scrit está.

— Tudo bem — ela diz e continua abrindo caminho entre as árvores.

Eu poderia erguê-la agora, carregá-la em meus braços, mas estamos caminhando há muito mais tempo do que acho que ela percebeu.

Estamos perto do Scrit e tenho certeza de que o veremos erguendo-se entre as árvores em breve.

Por esse motivo, continuarei nossa abordagem lenta.

Tenho que manter meus sentidos abertos, pois não posso confiar no cheiro com esta chuva.

E não vou me aproximar muito dessas bestas com Dey'jah no meio.

Então deixei que ela ditasse o ritmo na minha frente.

Essa fêmea...

Ela é tão diferente do que eu esperava que ela fosse.

Quando Ga'Var me disse que uma fêmea havia fugido durante o ataque de Gryken, eu esperava uma coisinha assustada e fraca se escondendo nos arbustos.

Não alguém que conseguiu sair da floresta com vida enquanto cuidava de um ferimento, e certamente não alguém que tentaria revidar depois que eu a pegasse.

...Não alguém que me faria desejar algo além de vingança.

Meu ba'clan não deu nenhuma indicação de que ela é minha companheira. Mas Dey'jah é minha.

Ela sempre será.

Eu só tenho que descobrir como vou viver sabendo que ela é minha, mas não posso reivindicá-la totalmente.

Esse pensamento domina minha mente quando algo se agita em meus sentidos.

Eu paro abruptamente, puxando Dey'jah contra meu peito.

Um galho quebrou bem à nossa frente.

Além de um suspiro agudo, Dey'jah não faz nenhum outro som e ela não se move.

O seu peito arfa enquanto a sua respiração se torna rápida e o seu olhar percorre a floresta à nossa volta, tal como o meu.

Acho que ela não ouviu o som. A chuva torrencial quase o amorteceu, mas não há como negar o que era aquele som, então puxo Dey'jah para o chão enquanto me agacho acima dela.

Seu olhar sábio dispara para mim, uma pergunta em seus olhos.

Eu quero dizer a ela que não é um Gryken. Que eles não são tão descuidados a ponto de fazer barulho enquanto caminham. Mas não quero fazê-la baixar a guarda.

Em vez disso, pego o protótipo do meu quadril e o coloco em suas mãos.

Ela treme um pouco quando olha para ele, mas quando seu olhar encontra o meu novamente, há uma firme determinação neles.

Eu a mantenho agachada comigo, pronta para camuflar com ela quando vejo a causa do meu alarme.

É outra humana.

Feminino desta vez também.

Mas não preciso me aproximar para ver que ela está na mesma condição que a outra estava.

Seu rosto está encovado, suas vestes rasgadas e seus olhos não veem nada.

— Outro humana — eu sussurro baixo.

A cabeça de Dey'jah aparece debaixo de mim, seus cabelos roçando meu queixo.

— Igual a outra — murmuro.

Ela engole em seco, mas não sinto o cheiro de seu medo.

— Deve estar perto disso então? Certo?

Ela olha para mim e aqueles olhos castanhos me envolvem com calor.

— Sim.

— OK. Vamos. — Ela agarra o protótipo e se levanta como eu.

A fêmea humana se aproximando de nós não para quando nos vê. Ela simplesmente olha através de nós e segue em frente.

— Deus, isso é tão assustador. — Dey'jah observa a fêmea ir, e outro arrepio passa por ela, mas ela se sacode, seus olhos voltando para mim novamente.

— Você acha que terei que usar isso?

Meu olhar cai para o protótipo.

— Espero que não.

Deja

Nada me prepara para o que vejo quando a floresta some de repente.

Há uma clareira à nossa frente e nem mesmo a chuva torrencial e a névoa podem proteger a visão diante de mim.

Enormes pernas imponentes plantadas na terra erguem-se bem acima.

Um arrepio passa por mim e quase me viro e sigo para o outro lado.

Mas chegamos até aqui.

Isso é o que estamos caçando.

Aqui está.

Uma das máquinas que dizimou meu mundo.

Muito, muito acima, sei que um orbe está sobre essas pernas e sei que dentro daquele pedaço redondo de metal reflexivo está a causa desse caos.

Engulo em seco, todo o meu corpo estremecendo enquanto tento entender o que estou vendo no chão à minha frente.

Durante toda a nossa jornada até aqui, passamos por uma floresta verde.

As árvores estavam vivas.

A chuva... a beleza natural... tudo parecia relativamente normal fora das circunstâncias.

Mas aqui...

Meu olhar se move sobre a clareira enquanto meu horror aumenta.

Aquelas veias vermelhas que estavam incrustadas no crânio e na coluna da mulher... elas estão aqui. Em todos os lugares.

Eles se espalham pelo chão, cobrindo cada centímetro do espaço, e embaixo deles, tudo o que tocam... morreu.

Fi'rox rosna enquanto estende um braço na minha frente, como se para me impedir de ir mais longe.

Seus simbiosites crescem, ficando mais nítidos a cada segundo enquanto seus músculos ficam tensos com a visão diante de nós.

Eu não poderia me mover mesmo se eu quisesse.

Estou congelada.

O que está diante dos meus olhos é...

Meu olhar se move ao longo das pernas de metal da máquina imponente, seguindo a rede de veias que correm ao longo dela.

Como o pé de feijão de Jack, eles se enrolam cada vez mais alto até desaparecerem na névoa.

Um arrepio passa por mim.

Isso é...

Uma infestação.

Não sei o que esses alienígenas cinzentos estão fazendo ou qual é o plano deles, mas está claro que não é nada bom.

O mundo e tudo dentro dele morrerão se os deixarmos vencer.

Segurando a arma na minha mão, eu olho para Fi'rox.

E agora?

Suas presas estão à mostra enquanto ele olha para longe.

— Lá — diz ele.

Eu me viro para olhar na direção que ele está indicando, mas tudo que posso ver é neblina.

A diminuição da luz à medida que a noite se aproxima também não está ajudando.

Eu aperto os olhos, um arrepio passando por mim quando vejo o movimento.

Outra mulher, caminhando tão lentamente quanto as outras e, conforme a névoa se dissipa, vejo o que Fi'rox está olhando.

Uma estrutura estranha é revelada quando o vento dispersa a névoa. Um objeto tosco de forma quadrada completamente infestado pelas veias que cobrem o chão.

A mulher traz um objeto nas mãos e ela entra na estrutura e desaparece. Algo me diz que, se quisermos descobrir o que diabos está acontecendo aqui, é para lá que precisamos ir.

E se quisermos encontrar o bebê... essa é a nossa melhor aposta também...

Minha mente está definida.

Chegamos até aqui e estou cansada de correr.

— Quantos desses idiotas cinzentos você pode sentir? — Eu sussurro para Fi'rox.

— Nenhum.

Eu olho para ele, surpresa.

— Eles estão dentro do orbe ou em algum lugar distante na floresta. Longe demais para eu senti-los.

Engulo em seco, voltando minha atenção para a máquina diante de nós.

— Temos que entrar lá.

Fi'rox rosna em resposta.

— Posso estar errada, mas está máquina parece bastante enraizada. Eu não acho que está se movendo tão cedo.

Fi'rox rosna novamente.

— Eu não gosto deste plano.

— Eu sei. — Eu dou a ele um sorriso irônico. — Mas estamos camuflados, certo?

Levanto a camiseta e olho para o adesivo que ele colocou na minha barriga. Ele pisca em um azul fraco e eu olho para Fi'rox para confirmação.

— Sim. Majoritariamente.

Eu aceno com a cabeça apertando o lábio entre os dentes. Não acredito que estou pensando nisso.

Eu deveria fugir.

Mas estou cansado de correr.

— Bom. E você disse que não consegue cheirar tão bem na chuva? Meu olhar sobe pelas pernas da máquina. — E eles?

— O mesmo — diz ele.

Eu encontro seu olhar, minha mente definida.

O destino de toda a humanidade depende de obtermos essas informações e agirmos rapidamente.

Estamos fazendo isso.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Deja

Esperando a metros de distância de nosso inimigo, arrepios passam por mim, e não é por causa da chuva.

Mais de uma vez, minha confiança diminui e quero ir para a segurança da base e esquecer isso.

Mas a humanidade já está em desvantagem.

Não consigo, em sã consciência, não fazer nada enquanto estou aqui fora.

Então, esperamos.

O anoitecer chega rapidamente, nos protegendo, e com a chuva torrencial continuando a cair, espero que tenhamos cobertura suficiente para chegar perto da estrutura das veias.

Fi'rox não fala e nem eu, mas há uma certeza tácita entre nós.

Vamos entrar lá, obter as informações de que precisamos e dar o fora daqui.

Ele está completamente nervoso, e eu também.

Mas a floresta está silenciosa, exceto pela ocasional fêmea que passa, longe de nós.

Eu quero saber o que eles estão fazendo. Onde elas estão indo? Para quem eles estão trazendo comida e por quê?

O momento da nossa ação chega quando a escuridão ao nosso redor se fecha completamente.

Fi'rox se levanta e estende a mão para mim, ajudando-me a levantar.

— Eu desejo que você fique aqui — ele rosna, e por um momento, eu acho que ele vai me forçar a esperar aqui fora. — Mas você estará mais segura ao meu lado.

Ele fareja o ar, verificando mais uma vez se há algum cheiro fraco de nosso inimigo, mas não há nenhum.

— Por aqui.

Nos movemos devagar e silenciosamente, cortando a floresta para chegar o mais perto possível da estrutura com os veios sem nos revelar.

Quando Fi'rox nos conduz para a borda da floresta mais uma vez, logo antes da estrutura, minhas sobrancelhas se erguem.

À luz das estrelas, posso ver que é muito maior do que pensei que fosse, e assim de perto, mesmo na penumbra, posso ver as veias pulsando.

A visão faz minha pele arrepiar.

— Preparada?

Eu aceno antes de sussurrar.

— Sim. Vamos.

Fi'rox se move tão furtivamente, embora eu esteja bem ao lado dele, tenho que olhar para ele para saber que ele está lá.

Ele abre caminho em direção à estrutura, movendo-se pelas veias que cobrem o solo, e eu sigo seus passos, tomando cuidado para não pisar em nada.

Assim que alcançamos a estrutura, ele faz uma pausa.

Estou tão perto dele que sinto seus simbioses se eriçar.

— Humanos — ele sussurra baixo. — Muitos deles.

Meu coração bate forte.

O bebê. Ela pode estar lá.

— Temos que entrar — eu sussurro.

Fi'rox não rosna desta vez, mas ele olha para mim.

Pego a arma e aceno para ele.

Ao entrarmos, a escuridão nos envolve.

Há um caminho aqui na terra por onde não correm as veias, mas isso não diminui o arrepio do que nos rodeia.

Quase posso ouvir as veias pulsando ao longo das paredes dessa estrutura que eles fizeram.

É grande por dentro. Grande o suficiente para eu me virar, mas sem luz, é difícil ver o que está acontecendo.

Eu aperto os olhos, desejando que meus olhos se ajustem à escuridão mais rápido, mas quando Fi'rox emite um rosnado baixo, sei que tudo o que está ao nosso redor não é bom.

Algo sinistro está acontecendo aqui.

Eu posso sentir isso, como um fino véu do mal roçando minha pele.

Entramos em algo que é ainda mais assustador do que pensávamos.

Aperto os olhos com mais força, tentando ver algo, qualquer coisa, ao nosso redor, e meu olhar pousa em uma coisa singular.

Um arrepio passa por mim que quase me faz mijar.

Na minha frente está um rosto.

Um homem.

E ele não está morto.

Fi'Rox

É pior do que eu pensava.

Conto sete humanos, todos contidos pelas veias que pulsam ao nosso redor.

Eles se enrolam em torno dos corpos como casulos, mantendo os humanos no lugar ao longo das paredes.

Quatro machos. Três fêmeas.

As veias perfuraram a carne dos machos, puxando diretamente de seu sangue vital, enquanto as fêmeas parecem simplesmente estar em um casulo.

Eu não posso ter certeza.

Eles estão muito entrelaçados para ter certeza.

Meu ba'clan se arrepia em agitação, meus pelos ficam mais afiados a cada segundo que passa.

Estou feliz que a visão de Dey'jah não seja tão boa quanto a minha, feliz que ela não pode ver os detalhes tão claramente quanto eu, mas quando um suspiro suave sai de seus lábios, sei que ela pode ver o suficiente para ficar horrorizada.

Isso é... um ninho.

O movimento atrás de nós me fez voltar para Dey'jah, meu ba'clan protegendo nós dois e eu sinto quando ela para de respirar, seus olhos arregalados enquanto ela tenta ver no escuro.

É uma das humanas femininas que está sendo controlada. Ela passa por nós ao entrar, sem perceber nossa presença.

Há algo pequeno em sua mão e ela se dirige diretamente para um dos machos encasulados.

Ela faz uma pausa antes de levantar a mão e forçar o conteúdo em sua garganta.

Ele engasga e engasga, mas ela não para.

Essa alimentação vigorosa continua por muito tempo, até que tudo o que ela trouxe esteja goela abaixo do macho, e então ela se afasta novamente, seus olhos vagos, seu corpo perto de quebrar.

Meu olhar se move sobre a rede de veias, um arrepio passando por mim quando meus olhos pousam nas fêmeas em casulos.

Como eu perdi isso antes?

Meu ba'clan pulsa ao nosso redor enquanto meu olhar cai para a barriga das mulheres.

Grande. Inchada.

INFESTADO.

Elas são hospedeiros de cria Gryken.

Este não é apenas um ninho... é um berçário.

E... não estamos mais sozinhos.

CAPÍTULO TRINTA

Deja

O Gryken aparece na entrada da estrutura, sua pele cinza refletindo a luz das estrelas, e uma parte de mim morre.

Eu nem respiro.

Aqueles buracos escuros sem alma que tem como olhos perscrutam o interior onde nos escondemos e o tempo desacelera quando a criatura não se move.

Estamos protegidos pelos simbiontes do Fi'rox. Só espero que a besta não saiba que estamos aqui.

Mas é tão perto...

Muito perto.

Meu coração bate em uma batida irregular, e eu seguro a arma na minha mão.

Eu sinto o momento em que se forma em meus dedos, o gatilho pronto para eu puxar.

Se aquele filho da puta entrar aqui, eu vou atirar.

Mas o Gryken se move. Ele simplesmente desaparece como se não estivesse lá em primeiro lugar.

Uma respiração estremece através de mim quando Fi'rox me puxa para mais perto, seus lábios descendo para roçar minha orelha.

— Eu sei o que os Gryken estão fazendo aqui — ele diz. — É hora de irmos.

Boas notícias, mas hesito.

O bebê.

Ele parece sentir a tensão crescendo dentro de mim porque ele roça seus lábios contra minha orelha novamente.

— Não há nenhum jovem humano aqui.

Outra parte de mim morre, uma tristeza profunda surgindo.

Tinha sido tolice ter esperança.

— Espere aqui. — O ba'clan de Fi'rox desliza ao nosso redor e ele é apenas uma sombra enquanto se move em direção à entrada, bloqueando a pouca luz que estava entrando.

Ao mesmo tempo, a chuva lá fora diminui, apenas para ser substituída por outro som, e eu me viro horrorizada para olhar para o homem preso nas veias.

É um gemido quase silencioso a que se junta um coro de outros.

Como alguém que não consegue respirar tentando o seu melhor para fazê-lo.

Não podemos salvá-los.

Agora não.

Não com o inimigo tão perto.

Eu me consolo com o fato de que pelo menos ganhamos alguma coisa vindo até aqui.

Fi'rox tem a informação de que precisa.

Mas quando olho em sua direção, sinto quando ele se vira da entrada e olha para mim.

Outro calafrio me percorre.

Algo está errado.

Um guincho corta o ar, tão alto, tão próximo, que tenho de tapar os ouvidos com as mãos.

Meus olhos se arregalam quando Fi'rox é repentinamente arrancado da entrada da estrutura, um braço cinza quase invisível envolvendo seu torso.

Ele solta um rugido, suas lâminas estendendo-se ainda mais enquanto ele corta a perna e a besta grita novamente.

— Dey'jah!

Corro para a entrada, erguendo a arma na mão, mas não consigo atirar.

A escuridão e a chuva caindo levemente inibem minha visão, mas posso ver o suficiente para dizer que Fi'rox e o Gryken estão se despedaçando.

Eles se movem pela superfície tão rápido, um esmagando o outro na terra antes que os papéis se invertam e tudo aconteça novamente.

Fi'rox ruge enquanto arranca duas das pernas da criatura e o Gryken o agarra com outras duas, perfurando sua carne enquanto o pressiona contra a terra abaixo.

Há um momento singular em que sua cabeça bulbosa está à minha vista e cerro os dentes.

Merda, eu ODEIO ELES.

Uma explosão de luz branca ilumina o espaço quando eu puxo o gatilho, meu objetivo está longe... mas o mundo para diante de mim quando a escuridão ao redor da clareira é dissipada.

O tempo para e o mundo se move em câmera lenta.

Até as gotas de chuva diminuem.

Ah Merda.

Oh,merda,merda,merda,merda!

Lá fora, ao nosso redor...

Eles estão por toda parte.

Não é um.

Há mais deles. Muitos, muitos mais.

A arma quase cai de meus dedos quando vejo a morte diante de nós. É apenas o som doentio de esmagamento atrás de mim, o som de algo sendo liberado de um saco molhado, que me abala.

Eles estão aqui também!

Conforme a lâmina de Fi'rox atravessa o Gryken acima dele, minha consciência retorna.

Eu afasto o medo e só vejo ele.

Estamos sozinhos nisso.

E vamos sobreviver.

Eu não vejo ou sinto as veias ao meu redor enquanto corro em direção a ele.

No fundo da minha mente, o som de centenas de pernas viajando pela terra, indo em nossa direção, é registrado em minha cabeça, mas mantenho meu foco em Fi'rox enquanto levanto a arma e atiro novamente, iluminando a clareira.

Enquanto o Gryken acima dele cai, Fi'rox se levanta, seu olhar assassino passando rapidamente ao nosso redor.

— Vamos! — Eu agarro seu braço, pronta para voltar para a floresta.

A única coisa em minha mente é fugir.

Estou correndo de novo.

Engraçado que tudo voltou a isso.

Mas eu perco o equilíbrio e de repente estou sendo jogado no ar.

A força de Fi'rox para me levantar tão facilmente me surpreende. Eu caio de costas enquanto ele se move com uma velocidade estonteante e apenas seus reflexos me salvam da queda.

Meu coração está apertado no peito quando olho para trás e, naquele momento, uma luz ilumina o céu, iluminando a clareira mais uma vez.

Eu os vejo como uma infestação vindo em nossa direção. Demais para contar.

Como um ninho de aranhas gigantes, e nós somos a presa.

— Vá! — Eu grito para Fi'rox enquanto agarro seu pescoço com um braço e me viro, apontando a arma para trás.

Eu nem tento mirar. Eu simplesmente aperto o gatilho.

Feixes de luz saem da arma, iluminando o terror que nos persegue.

Eles desviam das balas e cada vez que a clareira se acende, vejo muitos para contar.

Estamos cercados. Talvez por centenas dessas coisas.

Eu olho para frente, esperando ver a cobertura da floresta, apenas para perceber que Fi'rox não está indo para lá.

Ele está correndo ao longo do perímetro da clareira e, por um segundo, não entendo por quê.

Então me ocorre.

Não podemos fugir deles.

Existem muitos.

O vento sopra contra meu rosto e minhas tranças batem em minhas costas enquanto Fi'rox se move.

Ele está indo em direção às pernas da máquina e me pergunto qual é o plano dele.

Eu não questiono isso, no entanto.

Em vez disso, eu me viro e atiro.

Eles estão se esquivando das balas, mas logo descubro um padrão.

Eu não tento acertar nenhum deles. Eu aperto o gatilho e varro meu braço, enviando as balas em um amplo arco que derruba mais de um.

No momento em que Fi'rox chega às pernas da máquina, cortei alguns, mas não o suficiente.

Terror e urgência inundam minhas veias quando ele começa a subir. Eu me agarro a ele, meu braço em volta de seu pescoço enquanto aponto para baixo e atiro.

Eles estão nos seguindo, as veias que pulsam ao longo da perna da máquina dando-lhes força para subir.

Mas eles estão todos agrupados em um ponto agora, tentando chegar ao topo. — Filhos da puta! — Eu grito enquanto miro e atiro, a luz ofuscante cortando a escuridão e o inimigo abaixo de nós.

Vários caem, se espatifando no chão abaixo, mas outros vêm.

— Aguenta! — Fi'rox grita enquanto ganha velocidade.

Ele alcançou uma seção da perna onde as videiras param e eu não sei como ele está segurando a superfície lisa, mas nunca estive tão agradecida por suas habilidades únicas.

— Eles estão criando uma colônia. — Sua voz corta o ar. — Um exército. Não sei por que razão.

Um exército?

Eu olho de volta para baixo, calafrios passando por mim.

Estamos no alto. Não consigo mais ver o chão por causa da escuridão e do nevoeiro.

Eu tento não pensar em um deles controlando Fi'rox neste momento.

Espero que ele tenha colocado distância suficiente entre nós e eles para que isso aconteça.

Meu olhar se volta para cima quando o orbe gigante aparece.

— O que faremos quando chegarmos lá em cima?

Fi'rox parece se mover mais rápido a cada palavra e o grande orbe paira sobre nós conforme nos aproximamos.

— Nós vamos derrubar essa coisa.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Fi'Rox

Dey'jah se agarra a mim e posso sentir seu órgão vital batendo em seu peito com cada feixe de luz que dispara da arma em sua mão.

Vai ficar sem energia em breve.

Eu tenho que alcançar meu objetivo.

Eu posso ouvir o Gryken atrás de mim. Ouvi-os subindo em nossa perseguição e isso me deixa ainda mais forte.

Só um pouco mais...

Estou no orbe, os tendões em minha mente ameaçando quebrar quando sinto a atração do Gryken dentro dele.

— Fogo! — eu grito.

Eu não tenho muito tempo sobrando.

— Estou atirando!

— Não! Fogo aqui! — Eu soco o orbe, a força passando por ele como uma onda sem efeito.

A respiração de Dey'jah vem rapidamente quando ela se vira para o orbe e, sem questionar, atira nele.

Toda a estrutura externa estremece. É uma fraqueza momentânea e eu bato minha lâmina nela, abrindo uma abertura.

A água jorra e eu tenho apenas um momento para me preparar com Dey'jah ainda nas minhas costas.

Eu mal posso ver o Gryken dentro, mas Dey'jah não precisa acertá-lo diretamente.

Uma vez que a carga atinge a água...

Mas eu nem preciso dizer a ela o que fazer.

Eu sinto quando ela sente um movimento interior. Seu corpo enrijece, sua mão treme, mas ela aponta e atira.

Uma explosão de luz ofuscante passa por nós, no orbe, eletrificando a água dentro e deixando temporariamente o Gryken indefeso.

— Prenda a respiração!

É o único aviso que tenho para dar a Dey'jah antes de mergulharmos no Scrit. Tenho que me mover rapidamente antes que a máquina se conserte e a abertura se feche.

Ela cai das minhas costas, afundando no fluido enquanto descemos e meu olhar procura freneticamente pelo Gryken flutuante. Eu o vejo no próximo segundo e meu ba'clan me empurra em sua direção.

Eu sinto quando seu olhar se fixa em mim. Quando ele tenta uma última tentativa de entrar na minha cabeça.

Mas é muito fraco.

Eu não hesito.

Agora, ainda mais do que antes, o tempo não está do nosso lado.

Estendo a mão para a besta, segurando sua cabeça e no segundo seguinte, mais rápido do que ela pode reagir, minha lâmina afunda profundamente em seu crânio.

A sensação de minha lâmina perfurando o inimigo, deixando-o sem vida, deveria me dar muito prazer.

É tudo o que sonhei enquanto viajávamos de Edooria. É tudo o que ansiamos.

Mas o triunfo de matar o Gryken não acontece.

Eu tenho que encontrar Dey'jah.

O fluido escuro se acumula na água ao nosso redor e corro de volta para Dey'jah. Com a arma ainda na mão, ela está nadando, tentando alcançar a superfície desta câmara.

Mas não há superfície.

O casco do Scrit já foi fechada.

Não há orifício para respiração.

Meus braços se fecham em torno dela e, por um momento, ela luta contra mim antes de perceber que sou eu quem a segura.

É um único comando mental que envio para ela antes que meu ba'clan se mova pela água para cobrir seu rosto.

Respire.

Seu corpo se agita quando ela respira pela primeira vez.

Conseguimos entrar. Mas não temos tempo para nos alegrar.

Eu a agarro a mim enquanto me impulsiono para os controles do Scrit.

Eu tenho um plano. Um que inventei enquanto subia no orbe.

E assim como quando Dey'jah me contou sobre seu plano, sei que ela não gostará do meu.

Mas não temos outra escolha.

Chego no painel de controle e a seguro com mais força contra mim.

A essa altura, as centenas de Gryken do lado de fora da máquina já terão quase nos alcançado.

Só há uma maneira de sobreviver a isso.

Grandes olhos castanhos procuram os meus.

Segure firme, Dey'jah.

Meu punho bate no painel de controle, a lâmina em meu braço vai fundo, injetando um pouco do meu ba'clan no sistema da máquina.

Ele faz exatamente o que eu acho que faria. O Scrit liga imediatamente, as luzes iluminando a água.

Dey'jah empurra contra mim quando o corpo do Gryken flutua diretamente diante de nós e uma vibração percorre a água ao nosso redor.

O Scrit ativou suas defesas.

Ele deve reconhecer meu ba'clan como DNA inimigo e pensar que estou tentando controlá-lo.

A vibração me diz isso.

Isso não deve demorar.

Puxo Dey'jah para perto de mim, estendendo meu ba'clan ao redor de nós dois.

É tempo suficiente antes que a água vibre com tanta força que as moléculas pareçam sólidas.

A explosão é poderosa. Só estou ciente de ser atirado no ar enquanto o Scrit se autodestrói.

Eu me preparo para o impacto, mantendo Dey'jah acima de mim e de costas para a floresta que se aproxima abaixo.

Um líquido espesso se mistura com a chuva ao nosso redor, os corpos de nossos inimigos sendo incinerados pela explosão, assim que atinjo a superfície.

Nós batemos em várias árvores e elas quebram sob a força.

Conseguimos.

Nós fizemos.

A dor me atravessa quando meu ba'clan escorrega de Dey'jah e corre de volta para mim.

Eu vejo o terror em seus olhos quando ela levanta a cabeça, e quando o ba'clan sobre seu rosto volta para mim também, todo o meu ser se contrai.

Esta dor.

Meu corpo se move sem minha intervenção enquanto sou erguido e Dey'jah cai de meus braços.

A dor... se espalha...

Eu só vejo a causa porque ela me perfura mais fundo, vindo direto pelas minhas costas para aparecer na frente do meu peito.

O braço de um Gryken.

Atravessou meu... órgão vital.

O conhecimento atinge ao mesmo tempo que outro braço me atravessa... depois outro.

A realidade se esvai diante de mim e percebo vagamente que Dey'jah está engasgando com alguma coisa.

Mais do meu ba'clan sai de sua boca e se dirige para mim. O mesmo ba'clan que a estava curando.

Só há uma razão para eles voltarem para mim agora.

Eles estão tentando me salvar.

Eu estou morrendo?

— Fi'rox!

Não, Dey'jah.

Corre.

Afaste-se daqui.

Eu torço os braços que estão dentro de mim o suficiente para enfrentar a besta que me perfurou e trocamos olhares.

Rekking, imundo, Gryken .

Praga, responde em minha mente.

Agarro um dos braços que me perfuraram e, com o último esforço que consigo, corto-o em dois.

O Gryken guincha, sua cabeça se projeta para trás e me solta. Enquanto caio, bato em outro braço também.

Isso deve desacelerar.

Dei uma chance a Dey'jah.

Mas ela não está correndo.

Essa minha mulher irritante.

Por que diabos ela não está correndo?!

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Deja

O medo está ausente quando você sabe que está prestes a morrer.
Você sente... nada.

E... nada mais importa.

É a única razão pela qual permaneço inabalável diante da besta na minha frente.

Estou diante do flagelo que tomou meu planeta e olho em seus olhos escuros.

Com os dentes cerrados, levanto minha arma e aponto direto para o rosto da criatura.

Ele nem se mexe.

Equilibrando-se nas pernas restantes, ele se inclina sobre o corpo imóvel de Fi'rox.

Ele faz uma pausa enquanto olha para mim, e eu encontro seu olhar.

Minha cabeça pulsa, uma dor que nunca senti antes passa pelo meu cérebro e não tenho dúvidas do que seja.

Corajoso? Ou tolo? Uma voz pergunta .

É estranho. Como um sussurro na minha cabeça e eu sei que é o alienígena diante de mim falando.

Pela primeira vez, estou cara a cara com um deles quando não está tentando me matar ativamente, e parece que o mundo parou quando olho naqueles olhos.

Eu respondo à criatura.

— Tola — eu digo em voz alta.

A cabeça do Gryken se inclina um pouco. Está me estudando.

Mas eu sou uma tola.

Tola para ficar diante dele.

Tolice não dar o fora daqui.

Mas não deixarei a única pessoa em quem posso confiar neste mundo.

Não o deixarei morrer aqui sozinho.

Então você morrerá por sua loucura.

— Não — eu digo a ele. — Você vai.

Meu dedo desce com força no gatilho e espero ver uma explosão de luz brilhante saindo dele, mas nada acontece. Aperto de novo e de novo e nada.

Não.

Agora não.

Mil sussurros enchem minha mente, fazendo minha cabeça doer e eu cair de joelhos diante da besta.

A arma escorrega de meus dedos, mas me recuso a morrer assim.

Não posso

Do fundo de mim, sei que, embora tenha desejado a morte muitas vezes, ainda não é minha vez de morrer.

Estou perdendo alguma coisa.

Algo que pode me salvar agora.

O corpo de Fi'rox estremece apenas um momento antes do Gryken mostrar os dentes e se lançar contra mim.

E então, eu entendi.

Eu sei o que fazer.

Jogo meu corpo para frente, agarrando o braço de Fi'rox com a enorme lâmina na ponta.

O Gryken para, sentindo minha falta completamente. Virando-se, ele se lança contra mim novamente.

Mas desta vez, estou pronta.

Eu levanto o braço de Fi'rox, apontando sua lâmina para cima.

Mas o Gryken está chegando rápido. Incapaz de parar seu impulso para frente, ele se empala na lâmina.

Um guincho ensurdecador enche o ar, ameaçando estourar meus tímpanos. Mas eu não deixo ir.

O Gryken luta. Ele tenta recuar, mas eu empurro para frente com tudo o que tenho em mim, empurrando a lâmina mais fundo.

Meu corpo parece que está se partindo em dois com a dor nas costelas, mas continuo, um rugido deixando meus lábios.

Sinto quando Fi'rox responde, usando sua última energia para empurrar também, mas não é o suficiente.

Não somos fortes o suficiente.

É quando o sentimento mais estranho me envolve.

Como uma onda quente, eu sinto isso se movendo em cada centímetro da minha pele e então... uma pulsação em todo o meu corpo.

Os simbiosites.

Eles querem me ajudar.

E a voz de Fi'rox vem à minha cabeça.

— Pense nisso.

Pense nisso.

Então eu faço.

A lâmina que se forma em meu braço atravessa a cabeça da fera e uma energia que eu não sabia que tinha irrompe em meu ser.

Com outro rugido, empurro a besta para trás, enterrando minha lâmina mais fundo, até que o corpo da criatura caia mole na ponta da arma.

Não está mais se movendo.

Conseguimos?

É quase bom demais para ser verdade.

Eu me viro, meu olhar se movendo pela escuridão para ver se há mais alguém por perto, mas não vejo nada.

Mas ainda não acabou.

Voltando-me para Fi'rox, minhas mãos pairam sobre sua forma.

Ele também não está se movendo.

Meu coração dá uma guinada no meu peito.

Ele não pode estar morto.

Não!

Estou tremendo enquanto agarro as pernas cortadas de Gryken que ainda estão presas dentro dele e as puxo uma a uma. Eles se soltam de seu corpo, cobertos de sangue, para revelar grandes buracos.

Estou tremendo enquanto passo a palma da mão sobre um deles.

Ele pode sobreviver a isso.

Eu sei que ele pode.

Ele só precisa de seus simbioses de volta.

Eu balanço meu braço sobre ele, tentando fazê-los voltar para ele, mas eles não vão.

Eles estão presos a mim.

Ajude-o, imploro, e sinto uma pulsação.

Obedecendo ao meu comando, alguns simbioses fluem de meu braço como água, movendo-se em sua pele, preenchendo os buracos em seu peito.

— Nós conseguimos, Fi'rox. Não morra agora.

Espero que ele possa me ouvir porque...

Eu preciso dele para viver.

Parece que horas passam quando eu sei, realisticamente, que foram apenas alguns minutos.

Estou ajoelhada sobre Fi'rox, esperando, rezando para ver alguma mudança.

Não ajuda que haja escuridão ao nosso redor e a chuva ainda caia.

Não ajuda saber que estou em um cemitério cheio de nossos inimigos.

Ainda não acredito que sobrevivemos a isso, mas preciso que Fi'rox acorde.

— Eu preciso de você para sobreviver. — Eu seguro seu rosto em minhas mãos, mas ele não responde.

Há uma pulsação em toda a minha pele e sei que seus simbioses ainda estão me cobrindo.

Apenas alguns deles voltaram para ele.

Não quero considerar o que isso pode significar, então considero isso um bom sinal.

Talvez ele não precise de todos eles para curá-lo.

Não sei.

— Fi'rox — eu sussurro antes de levantar minha cabeça, meu olhar procurando na escuridão.

Os pelos dos meus braços se arrepiam e engulo em seco.

Eu não gosto de estar ao ar livre assim, mas não há como mover Fi'rox sozinha.

Engulo em seco novamente quando uma sensação estremece através de mim.

Eu tenho que tentar.

Agarrando seu braço, jogo-o por cima do meu ombro e levanto.

Seus simbioses pulsam sobre minha pele enquanto eu me esforço muito, a dor em meu peito disparando por todo o meu ser.

São necessárias várias tentativas, mas a cada tentativa, eu o levanto um pouco mais acima do meu ombro, e os simbioses continuam pulsando.

Eles estão me ajudando.

Mas eu só cambaleio alguns metros antes que seu peso seja demais para suportar.

Desmoronando, eu o inclino contra uma árvore.

Pelo menos não estamos mais na beira da clareira.

A chuva está diminuindo agora; o suficiente para ser apenas uma garoa.

O tempo passa devagar quando você está com pressa.

Tudo o que posso fazer é manter meus ouvidos abertos, meus olhos abertos, embora eu mal consiga ver alguma coisa.

Com esse pensamento, os simbioses que me cobrem pulsam e sinto quando eles se movem lentamente pelo meu pescoço e cabeça para cobrir meu rosto.

Eu não me movo enquanto a sensação faz cócegas na minha pele, e quando elas cobrem totalmente meu rosto, é como se tivessem levantado um fino véu da escuridão.

As gotas de chuva rolam de mim enquanto eu aperto os olhos.

É como se a luz das estrelas fosse ampliada, tornando o ambiente mais brilhante, e eu posso ver tudo com muito mais clareza.

Eles podem me entender.

Eles estão reagindo ao que eu preciso.

Eu pisco com essa percepção e meu olhar voa de volta para Fi'rox.

Ajude-o, por favor.

Estendo minhas mãos para ele, mas nada acontece.

Eles não migram. Em vez disso, eles pulsam contra mim como se quisessem me confortar.

Mas não quero conforto.

Eu quero que Fi'rox viva.

— Vamos, Fi'rox — murmuro, agarrando sua mão.

Seus dedos se contorcem e meu coração dispara contra a parte interna do meu peito.

— Fi'rox? — Eu me inclino, procurando seu olhar, e seus olhos se abrem de repente.

Alívio não explica o que sinto.

Ele olha para mim por alguns momentos, seu olhar ilegível.

— Eu não... morro tão facilmente — ele rosna e tenta se mover.

Engasgo com um soluço enquanto o empurro para baixo.

— Não se mova. — Meus dedos se movem sobre o buraco em seu peito para sentir que está liso agora. Não há mais uma abertura lá. — Você se machucou muito.

Ele resmunga um pouco, mas ainda relaxa o suficiente para olhar ao nosso redor.

— Você conseguiu, Pequeno Fogo.

Eu sorrio para ele, lágrimas brotando em meus olhos.

— Não teria conseguido sem você.

Não me preocupo em mencionar que nada disso teria sido possível sem ele.

Eu não esperava por isso e respirei fundo quando de repente ele me agarrou e me puxou para ele.

— Você deveria ter fugido.

Eu o agarro também.

— Eu não poderia deixar você.

— Minha vida não é importante.

Eu o relaxo com isso.

— É importante para mim.

Seu olhar passa pelo meu rosto por alguns momentos e me pergunto o que ele está pensando antes de olhar ao nosso redor.

— Eliminou todos eles com a explosão — ele resmunga. — Mas devemos nos mover.

— Sua ferida...

— Você também está ferida.

Eu não posso nem sentir minhas costelas quebradas agora que seus simbioses estão de volta em mim novamente. É como se a lesão não existisse.

— Você me protegeu da queda — eu respondo.

Fi'rox olha para mim e suas orelhas de repente saem de sua cabeça.

Ele estende a mão para mim e para um pouco antes de tocar minha pele.

Eu sei. Estou coberto com seus simbioses. Meu corpo inteiro.

Devo parecer estranha para ele.

— Eles vieram até mim no último minuto para matar aquele Gryken.

Suas orelhas se contraem um pouco mais.

— Tentei enviá-los de volta para você para te curar, mas apenas alguns retornaram. A maioria não voltou.

— Isso é porque eles não são... — Ele para de falar de repente, suas orelhas se contraindo incontrolavelmente.

— Ah, Dey'jah. — Sua mão roça meu queixo antes de se agachar.

— Devemos nos mover. Acabamos de destruir um ninho inteiro de Gryken e frustrar seus planos. Não podemos ficar aqui.

Eu sei que ele está certo, então quando ele se levanta, eu o sigo.

Este lugar me dá arrepios, e quanto mais cedo nos afastarmos dele, melhor.

Enquanto voltamos pela floresta, caminhando pela clareira, as veias que pulsavam no chão não pulsam mais.

— Morto — Fi'rox disse, percebendo também.

— Você acha que destruimos tudo? — Olho para onde estava a estrutura das veias. Não está mais lá.

E a máquina, só as pernas ficam em pedaços no chão.

— Nós destruimos tudo — Fi'rox diz antes de seu olhar deslizar para mim. — Mas isso foi apenas uma pequena parte disso.

Meu coração se contrai ao pensar nas pessoas que foram aprisionadas lá dentro. Aperta ainda mais pela criança que não encontramos.

— A criança — eu sussurro.

Isso é um pesadelo.

Mas então Fi'rox fica mais alto, suas narinas queimando enquanto seus simbioses se arrepiam.

— Tem cheiro de Gryken — ele rosna.

Minha cabeça estala quando olho para trás, procurando nas sombras por qualquer movimento.

— Mas há um cheiro... fraco. Eu não cheirei antes por causa da chuva forte.

Meu coração bate uma batida enorme.

Não quero ter esperança, mas a esperança é tudo o que surge dentro de mim.

— Que tipo de perfume?

Suas narinas dilatam novamente e ele congela enquanto olha em uma direção.

— Humano.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Fi'Rox

É apenas pelos deuses que estou me movendo tão rapidamente.

De alguma forma, meu ba'clan regenerou qualquer ferimento que o Gryken causou muito mais rápido do que o normal.

Estou em uma imensa nebulosa; a realidade parece irreal.

Dey'jah... minha Dey'jah feminina é a razão de eu estar vivo.

Eu olho para ela, descrença nublando minha visão.

As bugigangas em seu cabelo, sua semelhança com as que as sacerdotisas guerreiras do meu povo usavam... não é coincidência.

Eu tropecei em uma lutadora.

— Você ainda sente o cheiro? — ela sussurra.

Apesar de sua voz suave, não sinto o cheiro de seu medo, e quando inclino meu queixo para o ar e inalo, sinto apenas um cheiro de sua impaciência.

Ela quer sair desta floresta tanto quanto eu.

— Sim, fica mais forte.

— Talvez uma daquelas mulheres que estavam sendo controladas pelo Gryken?

Eu cheiro novamente.

— Não.

Há uma mudança na respiração de Dey'jah enquanto continuamos mexendo na vegetação rasteira.

O cheiro é fraco. Muito fraco.

Eu não teria sentido o cheiro se a chuva estivesse caindo tão forte quanto antes.

Ainda assim, são necessárias várias tentativas para chegar perto da fonte, mas quanto mais longe vamos, mais forte ele se torna.

Eu paro quando o cheiro se torna insuportável e olho ao redor.

— A fonte está em algum lugar aqui.

Dey'jah gira em um círculo lento, seus olhos semicerrados, mas mesmo eu, que posso ver muito melhor do que ela, não consigo sentir nenhum humano escondido nos arbustos.

— Tem certeza? — Dey'jah sussurra enquanto ela se vira para a escuridão, suas costas contra as minhas.

Meu ba'clan pulsou ao senti-la pressionada contra mim, erigido contra o ba'clan em sua pele.

A conexão me faz estremecer e olho por cima do ombro para ela.

Ela não parece notar.

Estou olhando para ela, aquela nebulosa em que estou flutuando, ficando desordenado, e meu ba'clan se eriça sem meu controle.

O ba'clan que cobre seu corpo não é meu.

Senti isso quando tentei tocar seu rosto.

Meu ba'clan não os reconhece como parentes.

Eles os reconhecem como... companheiros.

Meu órgão vital galopa com o pensamento.

Não posso negar... mas também não posso acreditar.

Algo mudou mais uma vez entre nós quando ela ficou ao meu lado em vez de correr.

Eu soube no momento em que provei seu suu'ci que ela era minha.

Mas agora meu ba'clan confirmou isso.

Eles também a escolheram.

Meu órgão vital bate novamente.

O que eu faço agora?

Dey'jah se move atrás de mim e congela por uma fração de segundo antes de começar a caminhar lentamente para o lado.

— Oh meu Deus... — ela sussurra, olhando para mim.

— Fi'rox... eu acho... eu acho que nós encontramos.

Ela se agacha ao lado de uma pequena caixa no chão e tenta puxá-la para abri-la.

— É uma casinha de cachorro, e está trancada, mas... — Ela olha para dentro, seus olhos se arregalando e seus esforços duplicam para abrir a coisa.

Não consigo ouvir nem ver do que ela está falando. Tudo o que posso pensar é o fato de que a mulher diante de mim é verdadeiramente minha.

Eu tenho uma companheira.

— Suas garras — ela olha na minha direção, seu olhar ansioso e eu volto à realidade por um momento. — Você poderia rasgar isso, certo?

Abrir a caixa estranha não é problema. Arrombei a porta com uma garra, meus olhos em Dey'jah o tempo todo.

Ela ainda não sabe.

Ela ainda vai querer estar ao meu lado quando descobrir que estamos predestinados?

Suas mãos tremem quando ela enfia a mão no compartimento tosco para pegar algo envolto em pedaços de pano molhado.

— Oh meu Deus — ela sussurra novamente, com as mãos tremendo ainda mais.

Meus olhos se movem sobre a coisa e meus ouvidos se movem quando ela abre o pano para revelar um rosto pequeno e pálido.

— É um bebê.

Seu sussurro roça a garoa e faz cócegas no meu ba'clan.

O humano jovem é pequeno, possivelmente com menos de um ciclo completo de idade.

— É um bebê. — Os olhos de Dey'jah estão arregalados quando eles olham para mim e mesmo na chuva leve, posso ver a água se acumulando em seus olhos. — Nós a encontramos.

Meu olhar volta para a criança humana. A criança que estimulou minha companheira a embarcar nesta perigosa missão.

Pequeno e pálido, não se move, e Dey'jah treme enquanto engole um grito.

— Ela não está se movendo — ela engasga novamente.

— Mas ela vive — eu sussurro.

A cabeça de Dey'jah se encaixa na minha, a esperança preenchendo seu olhar.

— Use seu ba'clan. — Agarro a mão dela e a coloco sobre o peito do jovem. — Deixe que sintam por você.

Meu ba'clan pulsa com o contato de nossos corpos.

Ainda não acredito no que estou vendo.

Mas se Dey'jah pode controlar o ba'clan... então estou certo. Eles são dela. E ela realmente é minha.

Mas quando ela pousa a mão na criança e fecha os olhos, sei que não há como contestar.

Eu sinto a energia de seus simbioses.

Forte.

Desafiador.

Como fogo.

E quando seus olhos se abrem de repente, posso ver em seu olhar.

É a maravilha de sentir a vida através do ba'clan.

É uma das primeiras coisas que aprendemos a fazer quando jovens em Edooria, e Dey'jah está experimentando isso agora.

A admiração em seu olhar acende um fogo dentro de mim.

— O coração dela ainda está batendo. — Suas palavras escapam de seu peito em soluços sufocados. — É fraco, mas de alguma forma posso senti-lo. Ela não está morta.

Ela agarra a pequena fêmea enquanto balança para frente e para trás.

— Eu sinto muito, querida. Eu sinto muito. — Ela pressiona os lábios contra a cabeça da pequena humana antes de olhar para mim.

— Nós temos que ir, Fi'rox. Temos que chegar àquela base agora.

Ela olha para trás, o medo finalmente aparecendo em seu olhar do desconhecido que encontraremos à frente.

Mas nós apenas fizemos o impossível. Não tenho dúvidas de que vamos perseverar.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Deja

Ela está com frio.

Muito, muito frio.

A pele do bebê está congelando e não tenho nada seco para cobri-la.

Tudo o que posso fazer é agarrá-la a mim enquanto corremos pelos arbustos.

Fi'rox enviou alguns de seus simbiosantes para ela. Só espero que a mantenham viva o tempo suficiente para conseguirmos ajuda.

Temos que passar pela clareira novamente e desta vez não paramos.

Corremos pelo espaço, olhos e ouvidos atentos até chegarmos do outro lado.

Ela é tão macia em meus braços.

Tão pequena.

Ela me lembra...

Um nó se forma em minha garganta quando penso em minha filha, e um soluço escapa de mim.

Cinco anos... e não me permiti falar ou pensar nela livremente.

Mas enquanto seguro este bebê, percebo que a minha merece mais do que isso.

Ela merece ser falada. Sua memória deve ser mantida viva, mesmo que me destrua.

— Ela é tão pequena — eu sussurro, segurando o bebê para mim. Fi'rox olha de volta para mim, suas orelhas balançando.

— Você deve estar se perguntando por que quase te matei por isso. É que... eu...

Não sei como dizer isso, e quando Fi'rox de repente para de andar para olhar para mim, acho que devo uma explicação a ele.

— Eu tive um bebê uma vez. — Engulo em seco. — Pequena assim. — Faço uma pausa, lutando contra as memórias crescentes que me fazem querer me enrolar em uma bola e morrer. — Ela... ela morreu. Aconteceu tão rápido que eu...

De repente estou nos braços de Fi'rox.

— Fi'rox, eu tentei. Eu realmente tentei. Eu tentei salvá-la. Eu não fui rápida o suficiente. O outro carro desviou. Batemos na barreira e giramos fora de controle. EU...

Eu engasgo. Eu não posso continuar.

Fi'rox não responde.

Ele apenas me segura e, enquanto os soluços me atravessam, percebo que é exatamente disso que preciso.

Sem julgamento.

Nenhum conselho.

Apenas conforto. Entendimento.

— O espírito de seu filho ajudou você a salvar outro — é tudo o que ele diz e eu sei que é sua maneira de me dizer que fiz a coisa certa vindo aqui.

— Devemos continuar andando — ele diz, — ela está perto daqui.

— Ela?

— A mãe.

A mãe do bebê... seu corpo.

Eu sigo atrás dele.

Talvez eu possa prestar meus respeitos. Deixa-la saber que seu bebê ficará bem.

Que cuidarei dela como se fosse minha.

No lugar dela, eu teria desejado o mesmo.

Quando Fi'rox de repente para debaixo de uma árvore e olha para cima, eu sigo seu olhar.

A princípio, não sei para o que estou olhando, mas logo me dou conta.

Minha respiração falha.

A mulher.

Ela está lá, amarrada no alto dos galhos por vinhas.

Ele não...

Ele não acabou com a vida dela...

— Fi'rox — eu sussurro.

Observo enquanto ele escala a árvore, indo até onde prendeu a mulher, e corta as vinhas.

Ela cai em seu ombro e me pergunto se ela ainda está viva.

Meu coração bate forte quando ele desce com ela em seus braços, e quando ele finalmente atinge o chão novamente, ele se vira para mim.

— Você não a matou — eu sussurro.

Eu não posso acreditar.

Este alienígena implacável não é tão implacável quanto eu pensava.

Ele tem coração.

— Ela vive — diz ele. — Mal, mas seu corpo luta para permanecer vivo.

Aproximo-me deles e seguro a mulher com uma das mãos enquanto equilíbrio o bebê com a outra.

— Nós a pegamos — eu digo a ela. Os olhos da mulher estão fechados, mas continuo falando mesmo assim. — Encontramos seu bebê. Ela está viva.

Talvez ela possa me ouvir, de qualquer maneira. Talvez a notícia a ajude a continuar lutando.

Meus olhos encontrando os de Fi'rox mais uma vez, eu aceno para ele.

— Vamos. Temos que levá-las àquela base. Tem uma clínica lá, não é?

— Med Bay — ele acena com a cabeça. — E He'rox.

Não sei o que é um He'rox, mas quando Fi'rox se vira para continuar andando, ele para novamente.

— Eles estão vindo.

Meu coração para.

O Gryken?

De novo não.

Não podemos lutar contra eles novamente.

Mas eu ouço isso logo depois. Um zumbido baixo se aproximando.

Meu olhar procura através do dossel, mas não vejo nada.

— Esse não é o Gryken, é?

Fi'rox balança a cabeça.

— Não.

As folhas acima de nós se abrem quando uma nave desconhecida chicoteia ao nosso redor.

Os simbiosntes contra mim pulsam e eu agarro o bebê mais perto de mim.

Eu posso sentir seu pequeno coração batendo contra o meu peito. Suas pequenas batidas pulsam através dos simbiosntes que me cobrem e sei que farei tudo o que puder para que ela sobreviva.

Quando olho para cima, uma caixa que se mistura à noite desce flutuando.

Eu só vejo porque bloqueia a luz das estrelas e tudo que passa, mas uma olhada no Fi'rox e eu não me assusto.

Ele fica um pouco diante de mim, mas ele não se move.

E ao contrário da tecnologia de Gryken, a enorme máquina prateada, eu me conforto na escuridão deste objeto.

Algo me diz que isso é ajuda.

Os vullanos estão aqui.

A caixa flutua à nossa frente e se abre.

Está vazia e eu olho para Fi'rox novamente.

Ele aponta o queixo para mim.

— Venha — ele diz e enquanto avança para dentro da caixa, eu agarro o bebê comigo e o sigo.

Assim que entramos, a caixa se fecha e começa a se mover como um estranho elevador sem fio.

O mais surpreendente é que consigo ver as formas escuras da floresta lá fora, como se não estivéssemos em uma caixa.

Mas essa visão é toda cortada alguns momentos depois, quando estamos cercados por mais escuridão e a caixa para de se mover de repente.

Eu olho para Fi'rox, mas ele simplesmente olha para frente. Esperando.

Luzes suaves piscam e eu aperto os olhos com força, tentando entender o que está ao meu redor.

Estamos em uma pequena sala, e na frente aparece uma abertura.

Não posso chamar isso de porta. Mais como um buraco oval na parede de onde um enorme macho, idêntico a Fi'rox, sai.

Eu o encaro com admiração enquanto ele se aproxima.

Outro vulano.

Ver outro tipo de Fi'rox apenas enfatiza uma coisa para mim: tudo isso não foi um sonho.

Existem espécies realmente diferentes no cosmos.

Existem espécies sobrenaturais aqui.

O macho se aproxima e uma série de cliques saem de sua garganta.

Fi'rox responde da mesma forma e percebo que deve ser sua língua nativa.

Os olhos do outro homem são de um tom de chocolate escuro e eles me perfuram quando ele finalmente olha na minha direção.

Seu olhar faz uma pausa em mim antes de voltar para Fi'rox, e suas orelhas saem de sua cabeça quando uma série de cliques agudos saem de sua garganta novamente.

Essa troca acontece por alguns segundos e posso dizer que eles estão discutindo.

— O que ele está dizendo? O que está errado?

O macho fala então.

— Bem-vinda, fêmea. Eu sou Dri'ro. Suas amigas estão preocupadas com você.

Eu pisco para ele. Ao meu lado, Fi'rox está congelado, seu olhar assassino, mas ele não diz nada.

Minhas amigas?

Eu não tenho amigas.

Mas não me debruço sobre isso. Estico meus braços em direção a Dri'ro para que ele possa ver o bebê.

— Eles precisam de ajuda. — Eu olho ao redor. Está claro que estamos em alguma nave.

— Existe uma enfermaria ou algo assim?

Os aviões geralmente não têm baias médicas, mas eu assisti a filmes de ficção científica. As naves alienígenas sempre têm um monte de merda nelas.

— Sinto muito, fêmea. Isto é apenas uma nave auxiliar. Ele olha para Fi'rox.

— Só fui enviado para procurar por você... e para investigar uma anomalia que nossos sensores detectaram.

— Anomalia? — Eu pergunto.

— Uma grande explosão.

Oh... o ninho Gryken que destruímos.

Mas tudo isso parece um passado distante. Tudo o que importa agora é ajudar o bebê e sua mãe.

Ele deve ver o pânico em meus olhos quando meu olhar voa de volta para o bebê. Eu a seguro mais perto de mim agora.

— Chegaremos à base em breve. — Seu olhar se volta para Fi'rox antes de pousar de volta em mim.

— Mas enquanto isso, venha comigo.

Fi'rox rosna enquanto se move para ficar diante de mim, seus simbioses subindo ao longo de seus braços e ombros em lâminas de aparência cruel.

Quando Dri'ro rosna, seus simbiontes subindo também, eu sei que algo está acontecendo aqui que eu não entendo.

— Seu cheiro de medo sobe — Dri'ro rosna. — Deixe ela ir.

Mas Fi'rox cresce ainda mais. Não sei como ele consegue.

— Não — o poder profundo de sua voz parece que ressoa e sacode a nave.

— Dey'jah fica comigo.

Seus simbiontes se arrepiam, e eu olho nervosamente para a mulher em seus braços.

Se ele acidentalmente a cortar...

Mas ela está segura contra o peito dele, onde nenhum simbiote parece enlouquecer.

— Você foi longe demais, irmão — diz Dri'ro. — Deixar. ela. Vir.

— Prefiro morrer primeiro.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Deja

Não conseguiremos chegar à base rapidamente.

Não sei a que velocidade estamos nos movendo - não parece que a nave está se movendo -, mas quando há uma sensação repentina de mudança de gravidade, sei que estamos afundando.

Meu peito está apertado. Não sei o que esperar e Fi'rox e os outros vullanos estiveram no limite, rosnando durante toda a jornada.

Estou muito ocupada tentando embalar o bebê, esfregar sua pele e obter alguma resposta dela.

Sua pele ainda está muito fria, ficando azul, e quando estendo minha mão sobre ela, tenho a sensação de que seu batimento cardíaco está ficando mais fraco a cada minuto.

O que é pior, sua mãe também não está se movendo.

Ela está mole nos braços de Fi'rox.

Há um solavanco suave e o zumbido baixo da nave diminui e presumo que tenhamos aterrissado.

Agarro o bebê mais perto de mim.

Ela ainda está pingando da água que nos molhou, e sei que a primeira coisa que precisamos fazer é aquecê-la.

Estou olhando para o rosto dela, imaginando o que vem a seguir, quando a porta da nave se abre de repente.

— Fi'rox...

A única razão pela qual sei que ele me ouviu é porque seus ouvidos apontam para mim e seus simbioses se eriçam um pouco.

O olhar do outro vullano se volta para o meu conforme a porta se abre, deixando a luz fraca entrar.

— Oh meu Deus! Déja!

Não reconheço a voz e só quando a mulher entra correndo na nave, agarrando a mim e ao bebê, meus sentidos voltam.

É uma das mulheres que estiveram no acampamento.

Jillian.

Ela está viva.

Eu sabia que Fi'rox não estava mentindo todo esse tempo, mas acho que uma parte de mim ainda pensava neles como mortos.

Quando eu fugi do acampamento, certamente parecia que esse seria o destino deles.

Seu olhar preocupado passa pelo meu enquanto mais pessoas chegam à entrada da nave e então ela percebe o que estou carregando em meus braços.

Seus olhos se arregalam.

Eu nem vejo ou ouço as outras pessoas ao meu redor. Seus gritos de alegria.

Os tons de preocupação.

Eles se calam quando avistam Fi'rox e eu, seus olhos arregalados enquanto seus olhares se movem sobre mim.

Devem ser os simbiontes que ainda me cobrem, mas tudo em que consigo pensar é na criança em meus braços.

Estou olhando para Jillian e só quando ela me toca, tentando tirar o bebê de meus braços, percebo que estou tremendo.

— Você tem que salvá-la — eu sussurro.

O olhar solene de Jillian encontra o meu, e ela não responde, apenas acena com a cabeça.

Ela toca a pele fria do bebê e seus dedos param, seu olhar ficando ainda mais sombrio.

— Ela ainda está viva.

Seu olhar se volta para uma mulher que vem em nossa direção, vestida com simbiontes como todos os vullanos e eu.

Sam. A mulher que me contou sobre esta base quando encontramos seu acampamento na floresta.

Seu olhar parece preocupado quando ela olha de Jillian para mim antes de tocar o bebê em meus braços.

Eu vejo o momento em que ela sente o que eu tenho sentido.

O pequeno batimento cardíaco fraco.

Seus olhos se arregalam e sua voz se eleva sobre o silêncio.

— Ela está certa. O bebê está vivo. Leve-a para He'rox.

Ela tenta tirar a criança de mim, mas eu não a solto, e antes que eu perceba, estamos sendo levados para fora da nave.

Eu só tenho um momento para olhar para trás, meu olhar pousando em Fi'rox.

Ele está me observando enquanto seus companheiros o cercam.

A mulher não está mais em seus braços.

Um deles está correndo ao nosso lado com ela.

O olhar de Fi'rox perfura o meu e algo dentro de mim o chama.

— Ele está ferido também — eu digo para Sam, e ela olha para trás, preocupação cobrindo seu olhar.

— Ele tem que vir conosco — eu pressiono.

Ela coloca uma mão reconfortante nas minhas costas, seu olhar demorando na minha pele, nos simbiontes, antes de molhar os lábios.

— Não acho que essa seja a maior preocupação com a qual ele tenha que lidar agora.

Sei que é a enfermaria assim que entramos.

Há uma luz branca imaculada que preenche o espaço e assim que o outro Vullan coloca a mulher em uma superfície plana e branca, um alienígena alto e branco entra na sala.

Sua aparência me choca, mas além de sua cor, a semelhança com a espécie vullana é inegável.

— He'rox, veja o que você pode fazer por essa mulher — Sam diz, — e alguém chame Adira. Ela está nos túneis. Diga a ela que temos uma emergência.

— Já aqui. — Outra mulher, também vestida com simbiontes, entra correndo na sala, seus olhos se arregalando também quando ela põe os olhos em nós.

— Traga a criança aqui.

Há outra mesa na sala e corremos para ela, colocando o pequeno embrulho em cima dela.

Ela é tão pequena... meu coração aperta.

As memórias da minha filhinha na UTI voltam.

Parece que fui transportado de volta no tempo para revivê-lo.

Adira se move com rapidez pela sala, juntando coisas, e está claro que ela já fez isso antes.

Ela volta para a mesa com vários objetos que não consigo identificar, e a observo tirando a roupa molhada do bebê.

— Você é uma médica? — Eu pergunto.

Ela não olha para mim enquanto trabalha, totalmente concentrada no bebê.

— Algo parecido.

Ela aplica uma espécie de gel transparente no rosto do bebê. Ele infla e pulsa, fazendo com que o peito do bebê suba e desça.

Todo o meu corpo está tremendo enquanto eu assisto.

Eu não posso reviver isso.

Não sozinha.

— Onde está Fi'rox?

Ambas as mulheres olham para mim antes de olharem uma para a outra e um momento se passa antes que Adira responda.

— Não se preocupe com ele. Ele ficará bem.

Essa não é a resposta que eu quero.

— O dano é muito extenso. — O Vullan branco puro vira a mulher em sua mesa, colocando-a de lado.

Ele faz uma pausa ao ver a rede de veias nas costas dela. — Pelos deuses... — ele murmura.

— Deve haver algo que você possa fazer. — Eu olho para o bebê. — Eu senti o batimento cardíaco dela.

Ela e sua mãe têm que viver.

Elas têm que lutar.

Elas têm que sobreviver a isso.

Adira olha para o Vullan branco.

— O tanque de regeneração.

Ele tem tentáculos nas laterais da boca que se movem enquanto ele estuda a mulher por um momento.

— Ainda não está completamente calibrado para humanos...

— Acho que não temos escolha. Este bebê mal está se segurando e aquela mulher... — Seu olhar desliza para a mulher. — Temos que fazer isso.

Há uma pausa antes que o Vullan branco se afaste.

— Muito bem. — Ele faz uma pausa. — Mas só você pode entrar na sala.

Os simbiontes em Adira se irritam, mas ela assente com firmeza.

— Não. — Estou falando enquanto ela levanta o bebê, embalando o corpinho delicadamente contra o peito.

— Eu quero ir com você.

Há pena em seus olhos, mas ela encontra meu olhar.

— Desculpe. A área é restrita por enquanto. Mas é a melhor chance que temos de salvar esses dois. Ela toca meu braço. — Eu prometo. Faremos tudo o que pudermos.

Sem mais hesitação, eles estão saindo da sala. Adira correndo com o bebê e os dois vullanes atrás dela com a mulher em seus braços.

Dou um passo na direção deles antes que uma mão se feche em volta do meu braço.

— Você pode confiar neles. Eu prometo a você, eles farão de tudo para que eles fiquem bem.

É Sam, e ela aperta meu braço para me tranquilizar.

Eu sei que isso é diferente, que não estou lá naquela UTI do hospital enquanto o pequeno berço é removido para uma cirurgia de emergência, mas é como se o tempo tivesse parado e eu estivesse preso em um loop.

Eu me movo com Sam enquanto ela puxa meu braço levemente.

— Vamos arrumar um quarto para você.

Mas eu não quero um quarto.

Eu quero saber que o bebê ficará bem... e eu quero Fi'rox.

— Onde está Fi'rox? — Eu pergunto enquanto ela me leva para fora da sala.

Eu sinto quando ela endurece contra mim.

— Você vai vê-lo novamente em breve.

Os simbioses pulsam contra mim como se sentissem o que eu faço, que ela acabou de mentir para mim.

Ela sente o pulso porque engasga, mas rapidamente o esconde.

— Vamos conseguir um quarto para você por aqui — diz ela.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Deja

Eles o estão mantendo longe de mim.

Já se passaram dois dias e eles o estão mantendo longe de mim.

Eu olho ao redor da sala escura.

Tem uma área de dormir e uma área de limpeza que também opera com algum tipo de luz anti-sujeira.

Em outras circunstâncias, eu ficaria impressionada com a tecnologia alienígena em meu novo quarto, mas não agora.

Estou preocupada com Fi'rox.

Isso parece uma prisão, independentemente de eu poder sair da sala e me mover livremente pela nave e pela caverna lá fora.

Eu faço isso agora, deslizando para fora da área de dormir elevada e indo em direção à parede.

A porta se materializa e eu saio para encontrar Sam lá.

Seu lábio inferior está na boca e atrás dela está a outra mulher, Adira.

— Ah, oi, Deja! — Sam é baixa e tem que inclinar a cabeça para encontrar meu olhar.

Eu não respondo a ela.

Eu pedi Fi'rox muitas vezes, apenas para ouvir uma desculpa boba como ele estará na nave em breve, ou ele está nos túneis ou algo assim.

Cada vez, os simbioses se revoltam contra mim.

Eles sabem que são mentiras. Eu posso sentir isso também.

Essas pessoas estão escondendo algo de mim.

Meus olhos se estreitam quando o sorriso forçado de Sam vacila.

Não conheço essas pessoas, nenhuma delas.

Fi'rox é a única pessoa em quem confio.

Ele é a única pessoa que eu quero ver.

Adira dá um passo à frente, um painel plano em sua mão que se acende quando ela move a palma da mão sobre ele.

Ela tem me trazido o vídeo do bebê e de sua mãe a cada poucas horas e eu seguro o tablet enquanto olho para a imagem.

Aparentemente, o acesso à sala com os tanques de regeneração é genuinamente restrito, então esta é a única maneira de vê-los.

Eu olho para a imagem. Eles estão em tanques separados de líquido claro, flutuando livremente.

Eles se parecem com espécimes em um laboratório.

— Eles ainda são em estado crítico, mas achamos que já passamos da fase mais difícil — diz Adira.

Meu olhar volta para o dela.

Apesar do alívio relaxando em meus ombros, isso não é tudo que eu quero ouvir.

— E Fi'rox?

Ela olha para Sam, cujos ombros caem.

— Faz dois dias, Adira. Acho que ela não está mais em choque. Podemos contar a ela.

Os pelos da minha pele ficam arrepiados - ou melhor, os simbiossomas ficam.

Por toda a minha pele, pequenas lâminas se formam, cuja presença me surpreende.

Desde aquela noite quando derrubamos o Gryken, eu me acostumei tanto com eles que quase não os percebo na maioria das vezes.

E eles se esconderam.

Esta é a primeira vez que eles fizeram algo assim.

A frieza do meu olhar quebra quando olho para as mulheres diante de mim para ver a mesma resposta nelas. Seus simbioses também estão subindo.

Sam estende as mãos para mim.

— Deixa, acalme-se. Se eles acharem que você está ameaçada, vão atacar e então...

— E então os nossos não terão escolha a não ser responder. — Adira encontra meu olhar. — Acalme-se. — Ela faz uma pausa. — Por favor.

Eu cerro os dentes, o estresse de tudo se resume a esse ponto delicado.

— Não me diga para me acalmar, porra . Você me traz aqui. Você não responde às minhas perguntas. E está claro que você está escondendo algo de mim.

Minha palma aperta com tanta força que, se o tablet não fosse uma tecnologia alienígena, ele teria quebrado.

Adira faz o mesmo movimento de Sam, estendendo os braços em minha direção, com as palmas para baixo, como se não parecesse ameaçador.

— Olha, vamos contar tudo. Mas devemos conversar lá dentro.

Ela gesticula para a sala, e uma carranca se desenvolve na minha testa.

O que pode ser tão importante que eles não podem dizer agora?

Meus olhos se estreitam um pouco mais quando volto para dentro da sala.

Elas ficam em silêncio enquanto me seguem e, quando a entrada volta ao lugar, os ombros de Adira caem.

— Você provavelmente não acreditará no que estou prestes a dizer, mas acho que a melhor maneira é mergulhar de cabeça nisso.

Eu espero que ela continue.

— Fi'rox está em confinamento.

Os simbioses contra mim se irritam novamente e tento controlar minha raiva crescente.

— Por que? — Eu pergunto.

— Eles acham que ele... — Sam olha para Adira antes que ela suspire e seu olhar me alfinete. — Eles acham que ele forçou você a acasalar.

Suas palavras dissipam a raiva dentro de mim e a confusão toma seu lugar.

— O que?

— Acasalou á força com você. — Ela faz uma pausa e limpa a garganta. — Presumo vocês dois fizeram sexo?

Minhas bochechas queimam.

— Como você sabe disso?

Ela sorri.

— Não foi difícil adivinhar.

Eu pisco para ela. Fui tão transparente ao pedir para vê-lo tantas vezes?

— Ele disse a você o que são? — Adira aponta para os simbioses na minha pele e eu olho para eles e aceno com a cabeça.

— Ele fez. Seus simbioses.

Ela balança a cabeça lentamente.

— Sim. — Ela faz uma pausa. — Só que esses não são os simbioses dele ... são seus.

Minhas sobrancelhas franzem novamente.

— Eu não tenho.

— Acontece quando um vullano encontra sua verdadeira companheira ou, em casos extremos, força uma fêmea a ser sua companheira. Sua colônia de simbioses sofre uma espécie de divisão, semelhante à meiose. — Ela se atrapalha. — Ele cria uma cópia de si mesmo. Como... a metade feminina de si mesmo quando encontra uma companheira perfeita para seu hospedeiro.

— O que? — Não consigo processar o que ela está dizendo.

— É difícil de explicar. Ainda não sabemos exatamente como isso funciona. Não funciona assim em seu planeta, onde todos têm seus próprios simbioses em primeiro lugar. Mas nós, humanos, não temos nenhum e parece que os simbioses se adaptaram a isso se dividindo. — Adira respira fundo. — Estou divagando.

— O que Adira está tentando dizer é que os vullanos acham que Fi'rox acasalou com você à força e causou a divisão de seus simbioses — Sam acrescenta.

Estou franzindo a testa para eles agora, descrença nublando meu rosto.

— Eles acham que ele me estuprou?

Sam acena com a cabeça.

— Essa palavra me dá angústia, mas sim.

— Por que eles pensariam isso? Eu não corri para vocês reclamando dele ou algo assim. Na verdade, estou tentando fazer com que você me deixe vê-lo!

Adira assente.

— Nós sabemos, mas eles acham que é porque você está em choque. Você parecia bastante abalada quando entrou.

— Sim, por causa do bebê! — E as memórias que me perseguem por causa do meu filho. Mas isso é algo que não tenho vontade de compartilhar.

Balanço a cabeça, ainda sem acreditar.

— Ele não tem sido nada além de bom para mim lá fora. Sim, fizemos sexo. Minhas bochechas esquentam de novo, mas não é mais um segredo e não tenho vergonha disso. Mas não entendo por que eles pensariam que ele me forçou.

Faz pouco sentido.

Sam suspira.

— Minha companheira Ga'Var, viu como Fi'rox estava olhando para nós quando nos pegou em flagrante uma vez, e porque a maioria desses caras mataria por uma companheira, ele pode ter pensado que Fi'rox não tinha as melhores intenções quando você voltou vestindo ba'clan.

Eu pisco para ela várias vezes.

— Seu companheiro?

Ela sorri para mim então, um sorriso totalmente genuíno, e acena com a cabeça.

— O ba'clan de Ga'Var me escolheu. Fer'ros escolheu Adira. E os de Fi'rox... os dele escolheram você.

Olho para mim mesma.

Eu ainda estou vestindo minha camiseta e jeans, embora os simbiontes estejam sobre minha pele. Eu limpei minhas roupas na

unidade de limpeza durante meu primeiro banho, mas Adira e Sam estão nuas.

Bem, não nua, nua.

Os simbiosantes os cobrem completamente como um traje colante.

— Então, só para ficar claro — Adira quebra minha linha de pensamento,

— Fi'rox não forçou você?

— Não, claro que não. — Eu balanço minha cabeça, minhas sobrancelhas mergulhando com a declaração ridícula, mas suas palavras circulam no fundo da minha mente.

Companheira?

Escolhida?

Isso deveria me assustar mais do que faz.

Adira solta um grande suspiro.

— Eu pensei o mesmo, mas os vullanos são teimosos. — Ela sorri para mim. — Eles acham que você é bonita, por sinal. Você os lembra de suas sacerdotisas guerreiras com seu lindo cabelo e pele. Eles não podem acreditar que uma mulher como você olharia na direção de Fi'rox. Ele é o mais novo membro de seu regimento. Eles acham que você teria escolhido alguém de posição mais alta, talvez.

— Discordo. Ele é a única coisa que me manteve lá fora.

Sam sorri e estende a mão para tocar meu ombro.

— Eu entendo. Confie em mim. — Ela sorri novamente. — Venha, vamos levá-la até ele e tentar esclarecer isso. Não se preocupe, eles também pensaram que Ga'Var me forçou também. Seu planeta está morto, a maioria de suas fêmeas perdidas. Eles nunca pensaram em encontrar companheiras quando vieram nesta missão.

Eu endureço um pouco.

Não me parece muito uma escolha.

Eu olho para minha pele, para os estranhos simbioses que habitaram lá nos últimos dias.

Eles ficaram grudados em mim todo esse tempo, apenas se movendo para permitir que eu me banhasse, e pulsando contra mim, movendo-se sobre minha pele, sempre que sinto um arrepio no ar.

Eu pensei que eles estavam fazendo tudo isso por conta própria.

Agora, o que Sam está dizendo é... Eu que tenho feito isso?

Eles são meus?

Como se dissessem sim, eles pulsam contra mim agora, e eu reviro isso em minha mente.

Lembro-me daquele dia, no mesmo dia em que fizemos sexo e estávamos naquele quatinho, como Fi'rox insistiu que eu entendesse que os simbioses faziam parte dele.

Foi porque eles começaram a se tornar parte de mim a partir de então?

Ele estava tentando me dizer que os simbioses estavam me escolhendo naquele momento?

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Fi'Rox

Sento-me na parte de trás da cela, abrigada na escuridão.

Na minha frente, através da barreira invisível que me mantém dentro da minha prisão, um dos meus irmãos caminha.

Dri'ro, e pelo rosnado em seu rosto, ele gosta disso tanto quanto eu.

Eles me mantiveram aqui, contra minha vontade, impedindo-me de ver Dey'jah.

Assim que eu sair, cortarei cada um deles tão profundamente que seu ba'clan não será capaz de curá-los.

Uma viagem aos tanques de regeneração será necessária.

Dri'ro olha na minha direção e para de andar por um momento. Seu ba'clan está agitado.

Ele preferia estar minerando nos túneis do que ficar aqui em cima, me observando como se eu fosse um jovem que precisa de supervisão.

Seu olhar me encontra sem hesitação. Ele não tem nenhum problema em me ver na escuridão.

Ele avança e para um pouco antes do ponto onde fica a barreira invisível.

— Sabe — ele me olha, — você não estaria aqui se não fosse um quu'mion.

— E você não teria que ficar de guarda.

Ele rosna, suas narinas queimando.

— Exatamente. Eu poderia estar minerando o minério. Ser útil.

Seu ba'clan se eriçou novamente e eu entendo sua agitação.

Contei a eles sobre o ninho que Dey'jah e eu descobrimos. Disse a eles que os Gryken estavam obviamente construindo um exército.

Contei a eles sobre a estrutura, como as veias envolviam os humanos. Como eu vi fêmeas infestadas, suas barrigas inchadas com crias de Gryken.

A maior parte não entendemos, mas existem teorias.

Nenhum deles é bom.

— Então deixe-me ir. — Eu me levanto e me aproximo dele. Não paro até estarmos cara a cara.

Para quem olhasse para nós, parecia que podíamos nos tocar, mas a barreira me impedia de passar para a outra metade da sala.

Rekking Ga'Var.

Só porque todos nós pensamos que ele forçou a fêmea, Sa'am, isso não significa que eu forcei Dey'jah.

Ela é minha.

Ela se entregou a mim de bom grado.

Eu não a forcei.

No entanto...

A idéia dela me rejeitar agora.

Sei que Adira já deve ter falado com ela sobre isso. Sobre o fato de seu ba'clan ser dela e não meu.

Era uma conversa que eu próprio queria ter com ela na privacidade dos nossos aposentos.

Isso não aconteceu.

E ela não veio.

Pelos meus cálculos, foram duas rotações.

Duas rotações completas...

— Você deve acalmar sua energia — diz Dri'ro.

Vivemos o mesmo número de luas, mas ele sempre se comportou como se fosse meu irmão mais velho.

— Quando eles trouxerem sua fêmea aqui, você deve acalmar sua energia.

Minha fêmea...

Um zumbido ressoa em meu peito.

Eu gosto do som disso.

Dri'ro me ignora e continua. — Você deve se lembrar, os humanos não viram nada como nós antes. Eles não sabem sobre ba'clan. É provável que ela o rejeite.

— Não. — Meu rosnado vibra contra a barreira, mas Dri'ro parece entediado. Ele não vacila e meu respeito por ele cresce.

Ele pode ser silencioso, optando por ficar longe dos humanos e dos meus na escuridão dos túneis, mas ele é um guerreiro digno de ficar na linha de frente ao meu lado.

— Sua escolha — diz ele. — Só estou avisando.

Seu ba'clan se eriçou novamente, a onda se movendo por todo o seu corpo.

— É melhor perdê-la agora, antes...

Ele para, seu olhar encontrando o meu antes de se afastar de mim.

Certo.

De volta a Edooria, ele tinha uma companheira e uma jovem.

Ambos morreram nos estágios iniciais da guerra.

Não consigo imaginar como isso deve ser.

A ideia de perder Dey'jah depois de passar tão pouco tempo com ela me dá vontade de destruir a cela.

Imagine rotações com ela, órbitas completas...

O conselho de Dri'ro é bom.

É melhor perdê-la agora do que mais tarde... e se ela não vier, pode significar que eu já a perdi.

A angústia faz meu ba'clan se contorcer enquanto eu me movo de volta, mais fundo na cela e sento na escuridão mais uma vez.

Se Dey'jah não vier...

A fechadura da porta principal estala e minhas orelhas saem do lado da minha cabeça.

Ao contrário das outras entradas e saídas nesta nave, as portas para as celas são arcaicas, feitas de fechadura inquebrável e chave que nem mesmo meu ba'clan pode penetrar.

A porta se abre e a companheira de Fer'ro, Adee'ra, entra.

Dri'ro dá a ela a habitual saudação de respeito, inclinando a testa para descansar nas palmas das mãos voltadas para cima e eu as observo com tédio até que um cheiro passa pelo meu nariz.

Estou de cócoras enquanto ele anda para dentro do quarto, fazendo minhas narinas dilatarem e meu sazi pulsar em sua bolsa.

Dey'jah.

Ela entra na sala parecendo uma deusa.

Ela ficou ainda mais bonita nas duas rotações que não a vi.

Ela olha na minha direção, seu olhar procurando a escuridão antes que a confusão franza sua testa.

— Onde ele está?

Percebo o momento em que Dri'ro se recompõe e desvia o olhar da minha fêmea.

Eu não gosto de como ele estava olhando para ela.

Como eu, ele nunca viu nada tão bonito, mas deve ficar com a língua na boca ou eu enfiarei na garganta dele.

Um grunhido de aborrecimento rola por mim e Adee'ra ri.

— Ali está ele.

Dey'jah olha para mim novamente e avança.

— Cuidado, tem uma barreira aí. — Adee'ra adverte, avançando para tocar a mão contra a parede invisível.

As sobrancelhas de Dey'jah se erguem quando ela se aproxima e pressiona as mãos contra ele também.

— Fi'rox?

Ohhh...

A maneira como está fêmea diz meu nome.

Eu rosno de novo, por uma razão totalmente diferente.

Minha sazi lateja. Senti falta do som da voz dela.

Enquanto saio da escuridão e me aproximo dela lentamente, o momento em que ela me vê é evidente.

Seus olhos se arregalam, movendo-se sobre mim, e seus lábios se contraem.

— Fi'rox.

Lá vai ela de novo.

O meu nome.

— Dey'jah...

Eu quero tocá-la. Puxa-la em meus braços e apertar seu corpo macio contra o meu.

— Deixe-me derrubar a barreira — diz Adee'ra, movendo-se pela sala para o painel de controle.

— E a fêmea? — Dri'ro diz e eu percebo que seu olhar ainda está em Dey'jah.

— Ela ficará bem. — Posso sentir Adee'ra olhando fixamente para mim e resisto à vontade de rosnar para os dois.

Mas eu não sou o único que está irritado.

Dey'jah faz um som estranho quando ela suga os lábios nos dentes. Eu nunca a ouvi fazer esse som antes, mas a curva de seus lábios mostra seu óbvio aborrecimento. — Apenas abaixe a barreira. Eu não sou uma criança. Se eu tivesse medo, eu diria a você. Eu com certeza não estaria aqui.

Dri'ro inala, e eu sei que ele a está cheirando.

Eu rosno de novo e suas orelhas se contorcem e abaixam contra os lados de sua cabeça.

Adee'ra suspira, e eu sinto o momento em que a barreira cai.

O cheiro doce de Dey'jah é ainda mais forte agora que a barreira não existe.

— Saiam — A palavra sai como um rosnado quando olho para Dri'ro e depois para Adee'ra.

Ela ri e levanta as mãos no ar.

— Está bem, está bem. — Mas quando ela sai da sala com Dri'ro seguindo atrás dela, ela olha para mim.

— Desculpe pela espera. Mas espero que você entenda. Estávamos apenas tentando protegê-la.

Sim.

E eu aprecio isso.

Mesmo que a ameaça fosse eu.

Eu não respondo a Adee'ra e como se ela fosse minha parente que me conhece bem, ela não insiste mais no assunto.

Ela sorri novamente, acenando para Dey'jah antes que ela e Dri'ro saiam da sala.

Dey'jah está em meus braços no próximo segundo.

Ela envolve os braços sobre meus ombros e pressiona a cabeça contra o meu peito.

Eu só posso segurá-la para mim, seu corpo macio derretendo contra o meu enquanto uma onda de emoções passa por mim.

Uma batida começa no fundo da minha barriga e meu pulso ba'clan. O pulso dela em resposta.

Minha fêmea...

Minha.

Mas então, com a cabeça ainda encostada no meu peito, Dey'jah chama meu nome e diz três palavras que me arrepiam.

— Fi'rox... precisamos conversar.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Deja

Eu tento me afastar de Fi'rox o suficiente para que eu possa encontrar seu olhar, mas seus braços apertam em volta de mim.

— Não se mova.

Uma risada borbulha na minha garganta e meus ombros tremem contra ele.

Ele não quer me deixe ir. É um pensamento caloroso.

— Precisamos falar sobre... nós. — Ele endurece com as minhas palavras e eu tenho que respirar. — Eles me disseram que esses simbiosistas...

— Que eles são seus. Que eles se uniram a você. Ele olha para mim e eu estou perdida naqueles olhos profundos de cobalto dele.

Apenas dois dias, mas senti sua falta.

— Isso te incomoda? — Ele fareja o ar acima de mim e sei que é sua maneira de tentar determinar minhas emoções, meu estado de espírito.

— Não, isso não me aflige. — Eu lambo meus lábios e quando seu olhar segue o movimento da minha língua, um formigamento se desenvolve em minha barriga. — É sobre a outra parte que quero falar com você.

Ele endurece ainda mais.

— Que outra parte?

— A parte em que agora sou sua companheira?

As orelhas de Fi'rox apontam para fora antes de ficarem completamente achatadas contra sua cabeça e ele faz aquela coisa estranha de estátua que o Vullan faz.

Nada nele se move. Nem mesmo seus simbioses.

— Eles me disseram que os simbioses me escolheram para ser sua.

Há um estrondo em sua garganta.

— Não é assim tão simples.

— Não é? Então me explique.

— Nossas almas se uniram — diz ele, me estudando. — O ba'clan sabia que você era minha antes mesmo de mim. Você é a mulher perfeita para mim. Nenhuma outra jamais será.

Meu olhar percorre as saliências que revestem suas maçãs do rosto antes de encontrar seu olhar.

Parece uma responsabilidade enorme.

— Você está dizendo que se eu concordar em ser sua companheira, você será forçado a ficar comigo por causa do ba'clan?

Desta vez, suas orelhas se contorcem e saem de sua cabeça.

— Forçado?

— Os simbioses me escolheram. Não parece que nenhum de nós teve uma palavra a dizer sobre isso.

Eu lambo meus lábios novamente e mais uma vez, seu olhar segue o movimento.

— Não havia nada para escolher. Foi o destino. — Ele faz uma pausa, seus ouvidos se aguçando ainda mais. — Você quer uma escolha... agora?

Parece que o ar para e estala sob o peso de sua pergunta e eu tomo meu tempo antes de responder.

— Não.

Sinto o momento em que ele relaxa, mas respiro fundo antes de continuar. Estou querendo fazer minha próxima pergunta desde que Adira e Sam me revelaram essa informação.

— Você sabia?

— Eu sabia o quê?

— Você sabia que os simbiontes se ligariam a mim se você os fizesse me curar? Foi por isso...

Eu paro.

Isso tudo é meio confuso, mas não quero acusá-lo de algo que ele não fez.

— Não. Eles não se ligaram a você mesmo depois de curá-la. Duas vezes. Eu não sabia que você era minha companheira. Eu não sabia até...

— Até quando?

— Até que você se colocou na frente de um Gryken por mim. Eu senti pela primeira vez então... que você era verdadeiramente minha.

Suas palavras fazem meu coração acelerar e minha respiração acelerar.

— Ok — Eu tenho que limpar minha garganta porque um bando de emoções de repente está florescendo dentro de mim. — Você quer que eu seja sua companheira? — Eu procuro seu olhar. — Suponho que seja como uma namorada ou algo assim, certo?

A próxima pergunta é difícil de fazer, mas continuo de qualquer maneira.

— Você teria me se não fosse pelo ba'clan?

Fi'rox rosna e me levanta, seus braços vindo sob minhas coxas para segurar minha bunda enquanto ele atravessa a sala e me prende contra a parede.

— Mesmo que você me negue agora, Pequeno Fogo, você sempre será minha. Eu não quero outra — ele rosna. — Eu soube disso desde o primeiro momento em que provei você.

O calor viaja através de mim e uma risada ofegante sai dos meus lábios.

— Que você queria que eu fosse sua namorada?

Fi'rox rosna novamente.

— Eu não quero ser seu amigo.

Huh?

— Eu quero ser seu tudo. — Ele levanta meus braços de seu pescoço, prendendo-os contra a parede atrás de mim.

A única coisa que me segura é seu corpo pressionado contra o meu e outra onda de calor percorre meu corpo, fazendo minhas pernas tremerem.

— Eu quero você em minhas penas, suas tetas entre meus lábios enquanto meu sazi mergulha profundamente dentro de você — ele continua, seus lábios chegando perigosamente perto dos meus. — Quero encher sua barriga com meu sêmen enquanto você se contorce debaixo de mim. Quero preencher esse seu pequeno suu'ci apertado com cada centímetro de mim até que você grite meu nome.

— Fi'rox — eu ofego.

— Siiim, Dey'jah. Exatamente assim...

Suas palavras me aquecem como uma panela sobre o fogo e eu tenho que forçar meus pensamentos a focar no que precisamos

conversar ao invés dos sentimentos que ele está incitando dentro de mim.

— Você é minha, Dey'jah. Eu viverei para agradá-la. Eu viverei para a sua felicidade.

Isso soa mais do que uma coisa de namorada/namorado e me ocorre que eles não estavam jogando a palavra — companheiro — descuidadamente.

Estou ofegante quando encontro seu olhar e Fi'rox mostra a língua apenas para que a ponta traceje meus lábios.

Porra, esse leve toque é tão bom que as palavras se dissipam da minha mente, e eu tenho que fechar os olhos para me concentrar.

— Fi'rox...

Ele rosna ao som de seu nome, o estrondo vibrando entre nós e deixando a sala ainda mais quente.

— Por quanto tempo o Vullan acasala?

— Pela vida toda — ele rosna contra meus lábios.

Porra.

Por que isso não me assusta?

Por que a ideia de estar com esse estranho ser de outro mundo não me assusta pra caralho?

Porque é Fi'rox.

O pensamento me atinge como um tijolo.

É Fi'rox , e depois de tudo que passamos, sinto que o conheço desde sempre.

A ideia de passar o resto da minha vida com ele me dá uma sensação de paz.

Mas há apenas um problema com o para sempre...

Eu endureço contra ele e ele congela, sentindo minha mudança de humor imediatamente.

— O que te incomoda, Deja? — Ele se afasta um pouco de mim e solta meus braços para poder me levantar pelas coxas.

Meus braços abaixam para descansar levemente em seus ombros e me pergunto como direi as próximas palavras.

— Será... — Eu paro, a dor do meu passado ressurgindo. — Não sei se é possível. Discutir isso agora parece apressado, até, mas somos duas espécies diferentes. Contracepção não é mais uma coisa neste mundo e...

— Contracepção?

— Controle de natalidade. — Eu engulo e decido apenas empurrar direto para ele. — Você quer filhos? No futuro?

Meu coração bate forte quando um tremor desce pela minha espinha.

Não há resposta certa.

Eu quero que ele diga sim.

Mas também quero que ele diga não.

Sim, porque no fundo é um desejo meu não realizado.

E não, porque estou com muito medo.

Com muito medo de ter que passar pela dor de perder um novamente.

Percebo naquele momento que é apenas outra coisa da qual estou fugindo.

— Não que criar filhos seja algo que faríamos agora. O mundo está acabando...

— Não. Não o nosso mundo. O olhar de Fi'rox perfura o meu como se suas palavras trouxessem o julgamento da verdade. — Vamos

vencer o Gryken. Nós vamos matar cada um deles. Nosso mundo está apenas começando.

Concordo com a cabeça, mas ele não respondeu à pergunta que eu realmente preciso de uma resposta.

— Dey'jah — diz ele. — Um dia de cada vez.

Eu descanso meu queixo contra seu peito e Fi'rox pressiona sua testa contra a minha.

Um dia de cada vez.

— Mas agora — diz ele, — há algo que preciso fazer.

Minha cabeça se levanta, meu olhar procurando o dele.

— O que?

Um rosnado ressoa através dele enquanto seus olhos caem nos meus lábios e um fogo se acende dentro de mim quando os lábios de Fi'rox colidem contra os meus.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Deja

Fi'rox me agarra a ele enquanto ele passa a língua contra a costura dos meus lábios.

Ele está tão duro e quente contra mim que gemo com a sensação que seu corpo cria.

Eu posso sentir cada sulco ao longo de sua pele, mesmo com roupas, e meu corpo estremece em resposta.

Com as mãos apoiando minhas coxas, ele sai da parede e se dirige para a porta.

Estamos no corredor ao lado e dois vullanos param quando nos veem.

Eu não os reconheço, e eles não dizem nada. Apenas suas orelhas se destacam enquanto nos observam.

Não tenho certeza se Fi'rox percebeu a presença deles quando ele rosnou meu nome contra meus lábios.

Os corredores desta nave parecem todos iguais. Talvez seja por isso que Fi'rox está completamente focado em mim enquanto caminha em uma direção que obviamente tomou muitas vezes.

Não sei se ele me levou para um quarto diferente do meu até que a entrada se abre na parede e entramos.

Quebro o contato de nossos lábios enquanto olho em volta, mas Fi'rox geme como se não se cansasse de mim.

Foram duas rotações.

Passei todo esse tempo querendo ele. Precisando dele.

Eu também sinto a tensão da necessidade.

Ele acaricia o lado do meu rosto, sua língua se movendo sobre minha bochecha até meu pescoço, e eu suspiro quando minha cabeça se inclina para trás.

— Este é o seu quarto? — Minha voz é um sussurro áspero, e minha pele estremece quando ele mostra suas presas e as roça em minha nuca.

— Nosso — ele rosna. — Eu quero levar você. A noite toda. Pelo tempo que você me permitir. Eu quero você dentro das minhas penas adormecidas. Quero seu cheiro em todos os lugares.

Suas palavras me fazem tremer e ele geme contra mim novamente.

Sua língua já está descendo pela minha clavícula e, conforme minha cabeça se inclina mais para trás, sinto quando ele levanta a camiseta e sua língua roça meus seios.

A excitação se infiltra entre minhas pernas como mel quente.

— Seu cheiro é divino — ele rosna, e quando a entrada de seus aposentos se fecha atrás de nós, a escuridão nos cobre.

Não consigo ver. Eu só posso sentir.

E me deixei levar com abandono.

Fi'rox me abaixa em sua cama enquanto ele rasteja sobre mim de quatro.

Respirações pesadas fazem meu peito arfar e mesmo que eu mal possa vê-lo nesta escuridão, sei que ele está focado em mim.

A camiseta se estica contra a minha pele antes de rasgar e cair sobre meus seios. Ele quase rasga meu jeans em pedaços também, mas eu agarro sua mão bem na hora.

— Espere — eu sussurro. — Deixe-me tirá-los.

Fi'rox rosna um pouco, impaciência em seu tom, e isso me faz esconder uma risada.

Rolando para o lado, eu escorrego debaixo dele e deslizo para o chão.

Eu sinto quando ele se vira e olha para mim e há aquela vibração na minha barriga novamente.

Quando coloco meus dedos na cintura da minha calça jeans, aquele ronronar profundo dele faz meu centro apertar.

Eu posso ver melhor no escuro do que antes – algo que estou percebendo agora é por causa do ba'clan – mas enquanto meus olhos se ajustam, nada me prepara para o olhar nos olhos de Fi'rox.

Pura luxúria... necessidade .

Ninguém nunca me olhou assim antes.

Meus dedos param na cintura da minha calça jeans enquanto o observo, minha respiração se tornando superficial.

Ele se levanta para olhar para mim, seu ba'clan deslizando sobre sua pele para revelar sua nudez, e eu aperto novamente, meu centro crescendo.

As narinas de Fi'rox se abrem, suas presas arreganhadas enquanto ele passa sua língua perversa sobre seus lábios.

Ele pode sentir o cheiro de como estou ficando excitada e a maneira como ele está olhando para mim agora só envia mais mel para o meu núcleo.

Eu torço meus quadris de um lado para o outro enquanto puxo o jeans para baixo e Fi'rox observa cada movimento como se eu o estivesse enganando.

— Eu quero ver você nua. — A profundidade de sua voz ressoa pela sala, acariciando minha pele, e meu ba'clan pulsa de excitação contra mim.

— Estou nua — eu sussurro, chutando o jeans para o lado. Mas então eu percebo o que ele quer dizer.

O ba'clân.

Só não tenho certeza de como fazê-los desaparecer como antes. Claro, eu os fiz se mover, mas não sabia que os estava controlando.

As palavras de Fi'rox voltam à minha mente imediatamente.

Pense nisso.

Então eu faço.

Imagino-os fluindo para longe da minha pele como os dele e os sinto se moverem sem sequer olhar para baixo.

Eles se acomodam ao longo da minha coluna vertebral, deixando-me nua e aberta para ele.

O rosnado que sai de seus lábios é tão alto que meu coração deveria bater de medo, não de antecipação.

Mas quando Fi'rox de repente avança, puxando-me contra ele, o medo é a última coisa em minha mente.

Acho que não posso esperar.

Eu o quero agora.

Minha mão se move para baixo entre nós para cobrir a fenda entre suas pernas e ele empurra contra mim, sua mão subindo para agarrar minha cabeça da base do meu pescoço.

As contas no meu cabelo tilintam quando ele inclina minha cabeça para trás, então estou olhando em seus olhos, e quando sinto uma pulsação forte contra a palma da minha mão, colo meus lábios contra os dele.

Um de seus gemidos ressoa em minha boca e meus mamilos endurecem quando minha língua roça na dele.

Com outro gemido, ele me levanta com uma mão e se vira para as penas do ninho mais uma vez.

Estou tão perto, meu corpo está em chamas. Sei que assim que ele me tocar onde mais dói, não durarei muito.

Mas eu quero que esse momento dure para sempre.

— Espere. — Eu pressiono uma mão contra seu peito enquanto ele me coloca contra as penas, e antes que ele possa dizer qualquer coisa, estou deslizando entre nós.

— Dey'jah?

Agora estou inclinada diante dele no chão, com aquela fenda saliente entre as suas coxas ao nível do rosto, e lambo os lábios, a minha respiração vem mais depressa.

— Acenda as luzes — eu sussurro.

Eu quero vê-lo. Quero ver cada centímetro dele para poder imaginar o que vai me preencher mais tarde.

O pensamento me faz gemer de prazer e quando as luzes se acendem, um suspiro escapa da minha garganta.

Ele está tão inchado que parece que sua fenda está prestes a estourar.

Há uma lacuna no meio onde está a maior parte da tensão, e já posso ver a carne vermelha latejando dentro.

— O que você está fazendo?

Não sei como o entendo quando sua voz está tão baixa, mas entendo.

— Expulsa ele.

Não preciso pedir duas vezes.

Assim que a palavra sai de meus lábios, seu pau enorme sai tão rápido que acaba a centímetros do meu nariz.

Meus olhos se arregalam enquanto eu o encaro.

Foda-se.

Veias grossas e escuras torcem e giram da base para a ponta cônica e a pele vermelha por baixo pulsa a cada segundo que passa.

Estendo a mão sem pensar duas vezes, segurando-o com as duas mãos, e ele treme sob meu toque.

O poder que tenho sobre este Vullan...

...O poder que ele tem sobre mim.

Ele já está tão úmido com seu próprio lubrificante que minhas mãos deslizam sobre ele com facilidade.

A textura da rede de veias sob minha mão está me dando imagens de como será quando esse monstro estiver dentro de mim e eu lambo meus lábios enquanto observo meus dedos se moverem.

— Você me tortura — ele rosna.

— Só um pouco — eu sussurro de volta antes de agarrá-lo e trazê-lo aos meus lábios.

Gemidos profundos escapam de nós dois enquanto eu giro minha língua em torno de sua ponta.

— Mãe das estrelas...

Ele está olhando para mim com uma mistura de admiração e necessidade, e enquanto eu tomo mais dele em minha boca, sua cabeça se inclina para trás enquanto ele clica em uma frase completa em Vullan.

Eu uso uma mão para firmá-lo enquanto a outra desliza para baixo até meus lábios.

Seu lubrificante natural tem um leve sabor cítrico e eu inclino minha cabeça para ele, tomando o máximo dele em minha boca que posso. Ele pulsa contra a minha língua enquanto um gemido o percorre, e estou doendo tanto que esfrego minha outra mão sobre meu núcleo.

Meus olhos reviram enquanto os estrondos profundos de Fi'rox fazem o ar eletrizar com a tensão.

Minha boceta parece um pote de mel que está prestes a quebrar e inundar o quarto enquanto deslizo minha boca sobre ele. Ele está pulsando e latejando enquanto meu nome sai de seus lábios.

Eu me sinto chegando ao pico e só tenho um momento para liberá-lo da minha boca enquanto gozo contra meus dedos.

O orgasmo me deixa cego por um segundo enquanto o eixo de Fi'rox balança ao lado da minha bochecha.

Estou atordoado quando volto para a Terra.

Este é o primeiro.

Nunca tive um orgasmo enquanto chupava antes, mas quando olho para cima, sei que estou longe de terminar.

As narinas de Fi'rox dilatam quando ele sente o cheiro do meu orgasmo e seu pau lateja tão forte que roça minha bochecha novamente.

Eu quero que ele me leve.

Eu quero que ele me leve forte e profundamente, e me faça chorar seu nome como ele prometeu antes.

Eu me levanto, minhas mãos deslizando pelos cumes ao longo de seu corpo enquanto me levanto para encará-lo.

Fi'rox me puxa para ele, um estrondo escapando de seu peito quando nossa pele entra em contato e quando eu me viro, ele segue

minha liderança até que suas costas estejam voltadas para as penas adormecidas.

Enquanto agarro seu braço, posso sentir o controle que ele está exercendo para seguir minha liderança.

Seus músculos estão tensos com contenção e sinto um novo nível de apreciação por este ser extraterrestre.

Quando eu o empurro suavemente, sinalizando que quero que ele se deite, ele o faz sem hesitar, seus olhos nos meus o tempo todo.

Entre nós, seu pau roça na minha barriga enquanto ele se abaixa sobre as penas e quando eu subo nele, suas presas aparecem quando ele olha para mim.

Seu olhar sobe pela minha barriga para se demorar em meus seios e eu me pego segurando-os.

Há uma luxúria pura e espessa em seus olhos, tão espessa quanto óleo, e me cobre com seu peso.

Uma nova dor começa entre minhas coxas enquanto eu monto nele.

Eu quero mais.

CAPÍTULO QUARENTA

Fi'Rox

Dey'jah monta em mim e todo o meu corpo estremece com o contato.

Eu posso sentir o calor entre suas coxas. Aquele espaço acolhedor e convidativo que me chama.

Eu não quero nada mais do que puxá-la para cima de mim para colocar seu centro sobre meu rosto para que eu possa festejar, mas quando ela me prende com um braço, sei que ela está assumindo a liderança.

Sua outra mão estende entre nós para agarrar a ponta do meu sazi e seu toque me faz inalar profundamente enquanto eu vibro contra seus dedos, meu lubrificante cobrindo sua mão.

Ela me segura lá e traz meu eixo para sua altura total contra sua barriga, sua mão acariciando ao longo do meu comprimento.

Seu toque é como uma doce tortura.

Ela me segura ali, me apertando contra sua maciez até que minha ponta chegue ao pequeno botão no meio de sua barriga e seu calor me engole.

Ela move os quadris, seu calor suave se espalhando pela base do meu sazi enquanto aqueles lábios macios entre suas coxas se espalham.

Eu posso sentir cada parte escondida de suas dobras e aquele pequeno botão no meio esfregando contra meu comprimento com cada movimento de seus quadris.

— Fi'rox — ela ofega meu nome e eu agarro as penas abaixo de nós.

Doce, doce tortura.

O único tipo que não quero que acabe.

Dey'jah balança seus quadris para frente e para trás, moendo seu suu'ci contra mim, algo que eu nunca pensei que daria tanto prazer.

Posso sentir as pontas das minhas orelhas tremendo enquanto seu calor sobe e desce contra minha base e cada gemido que ela faz multiplica minha necessidade mil vezes.

— Dey'jah... — Há um tom de súplica em meu tom de voz que não consigo esconder.

Eu não me importo em esconder isso.

Eu me abri para essa mulher muitas vezes agora, e ela não fez nada além de provar que é perfeita para mim.

Mas... se ela não me deixar montá-la agora, enlouquecerei.

Eu quero virá-la e mergulhar profundamente dentro de seu calor.

Mas como se também estivesse morrendo de vontade de me sentir dentro dela, ela se abaixa com uma das mãos e levanta os quadris até ficar bem acima da minha ponta.

Sua pequena língua rosa corre sobre seus lábios e a memória dela contra o meu eixo envia outra forte pulsação através de mim.

Dey'jah treme enquanto me alinha com seu calor, e ao primeiro toque de sua suavidade contra mim, leva tudo dentro de mim para não rugir, girá-la e beija-la com força.

Um gemido estrangulado me escapa quando seu aperto me agarra.

— Oh merda. — Ela estremece e seu aperto lateja, apertando-me uma, duas, três vezes enquanto desce, ajustando-se à minha circunferência.

É uma beleza de se ver.

Os vullanos não acasalam assim, e eu me pergunto por quê.

Dey'jah é o espetáculo mais lindo enquanto ela desliza sobre mim.

Fico paralisado ao vê-la levantar os quadris, apenas para abaixá-los novamente.

Eles rolam e giram enquanto sua bainha apertada me envolve com seu calor até que ela não precise mais posicionar meu eixo com as mãos.

Ela me deixa ir, abaixando lentamente em minha espessura até que cada centímetro de mim esteja dentro dela.

Ah simmm...

A doce tortura que torce seu rosto é sublime quando seus olhos ficam completamente brancos e sua cabeça se inclina para trás.

Por um momento, o alarme percorre através de mim, mas então um gemido sai de seu peito quando ela coloca as duas mãos ao meu lado e enterra os joelhos nas penas.

Seus quadris giram e balançam enquanto ela moe seu suu'ci em mim e eu agarro as penas com mais força, desejando não me mover, desejando não derramar.

Ela está me usando para seu prazer e é a coisa mais excitante que eu já vi.

Cada gemido que ela emite me deixa louco até que tudo que eu posso ver é ela.

Como sua testa franze quando os sucos de seu suu'ci se misturam com os meus...

Como ela morde o lábio inferior, seu corpo inteiro estremece enquanto seus quadris giram.

Eu olho para baixo entre nós e vejo a visão mais celestial.

Os lábios de seu suu'ci esticados até o limite pelo meu eixo... e então eu não aguento mais.

Um rugido me atravessa.

Dey'jah é minha.

Enquanto ela grita sua libertação, não posso mais esperar.

Eu a giro e de repente estou em cima dela, meu sazi ainda enterrado profundamente em seu calor.

Ela é como açúcar derretido enquanto se espalha entre as penas, seu corpo ainda tremendo de sua liberação, e quando eu agarro seus quadris e me empurro mais fundo, outro gemido ecoa de sua garganta.

— Fi'rox...

A maneira como ela diz meu nome rekking.

Eu me afasto e empurro profundamente dentro dela e seus gritos me estimulam a recuar e empurrar profundamente novamente.

Seu calor é como um fogo ardente que está me preenchendo por dentro, e meu sazi lateja forte quando eu me afasto e a perfuro mais uma vez.

Dey'jah grita meu nome, sua cabeça empurrada para trás nas penas enquanto eu me afasto e afundo profundamente dentro dela novamente, e enquanto crio um ritmo, rolando meus quadris do jeito que a vi fazer os dela, ela grita meu nome novamente.

Estou naquela nebulosa de novo. Eu só consigo ver estrelas.

Eu só posso ouvir os gritos da minha fêmea enquanto lhe dou prazer.

Meu eixo está coberto com nossos sucos e quando ela grita novamente, agarrando-se à cama enquanto seu corpo convulsiona com outro clímax, eu corro para encontrá-la.

O meu sazi lateja com força à medida que o jato da minha ponta se espalha no seu ventre.

Dey'jah...

Minha doce chama ardente.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Deja

Eu me sinto como massa de vidraceiro enquanto estou esparramada contra as penas.

Fi'rox está na mesma posição ao meu lado, seu olhar fixo na escuridão do telhado.

Eu não sei se posso me mover, mas quando eu olho para ele, o calor me preenche mais uma vez.

Estamos trancados em seu quarto há pelo menos seis horas e ele me levou mais três vezes... Não sei como ainda posso querer mais. Mas eu sim.

Ele ainda está duro também, embora eu tenha certeza de que cobrimos as penas de dormir com baldes de seu sêmen.

Eu me levanto em meus cotovelos e me empurro para o chão.

Eu deslizo para ele como um pedaço de marmelada derretida e quase rastejo até a área de limpeza.

As penas se movem e sei que Fi'rox se ergueu para me observar.

— Deveríamos nos limpar. — Eu olho para ele.

Mas sua mão está na base de seu pênis, aqueles olhos quentes dele focados em minha bunda enquanto eu rastejo de quatro.

Sua apreciação do meu corpo me faz corar e fico de quatro até chegar à área de limpeza e sentar de pernas cruzadas.

Ele me observa enquanto a unidade é ativada e a luz viaja pela minha pele.

— Vamos garotão. Ainda temos que informar os outros. contei a eles tudo o que pude lembrar sobre o que aconteceu lá fora, mas não há mal nenhum em repassar tudo de novo, juntos.

Seu olhar muda dos meus seios para o meu rosto e vejo o momento em que ele faz o equivalente a um suspiro.

Saindo das penas, ele vem em minha direção e fica na área de limpeza comigo, uma mão estendida em minha direção.

Eu o agarro e ele me ajuda a ficar de pé.

— Você não está bem. — Ele me olha e eu corro novamente.

Ele me destruiu, foi o que ele fez, mas estou mais do que bem.

Eu sou fodidamente fantástica.

Eu sorrio para ele e aperto sua mão enquanto a luz se move sobre nós dois.

— Estou me sentindo ótima — eu sussurro, aproximando-me dele. — Estou feliz por estarmos aqui juntos, agora.

Sua mão encontra a minha nuca, e Fi'rox abaixa a cabeça para inalar minha pele.

— Eu também.

Meu olhar percorre o chão para encontrar minhas roupas, apenas para ver minha camiseta rasgada e o jeans não muito longe.

— Oh não... — Eu gemo, e Fi'rox olha na direção que estou olhando.

— Minhas roupas — murmuro.

Quando ele olha para mim, seu olhar é estranho.

— Você não precisa delas. Você tem ba'clan agora.

Minhas sobrancelhas se movem um pouco para cima.

Acho que ele está certo.

Mas...

— Sim, acho que sim, mas, caso você não tenha notado, não sou esbelta, magra ou pequena. Essas coxas podem bater palmas.

Suas orelhas movem-se como se ele estivesse confuso.

— Palmas na coxa?

Não consigo resistir a uma risadinha.

— Quero dizer, eu tenho coxas grossas.

— Mm — ele rosna e me agarra pelos quadris, puxando-me para ele. Uma mão já está descendo pela minha bunda em direção ao meu centro e eu tenho que agarrá-la, um ataque de riso estourando através de mim.

— Não podemos fazer isso de novo ou ficaremos presos aqui a noite toda.

Eu juro que ele faz beicinho.

— Eu uso ba'clan. Eu não sou ágil e magro também. Ou pequeno. Eu explodi com uma risada.

— Mentira. Você é ágil. Não é magro. Você é esguio.

Fi'rox segura meu rosto com uma garra. — Não vejo como isso importa. O ba'clan irá protegê-la muito melhor do que suas roupas da Terra jamais o farão.

Eu concordo. Ele tem razão. Mas...

— O que estou tentando dizer é que vi o ba'clan em Adira e Sam. É como usar pintura corporal. Ele revela tudo. Não é tão ruim para vocês. Tudo o que vemos são músculos. Mas neles... você vê tudo.

Fi'rox para pôr um tempo, então relaxa.

— Você tem medo de meus irmãos tentando se tornar seu companheiro uma vez que eles vejam a forma do seu corpo.

Não. Isso não era onde eu estava indo com isso.

Ele me agarra a ele.

— Você é minha. Você sempre será. Vou cortar meus irmãos em pedaços se alguém ousar se aproximar de você.

Cruel, mas a certeza em sua voz profunda me faz relaxar contra ele, e eu aceno.

— E você está certo. Nós devemos ir. Eles já estão se aproximando.

— Quem?

Mas assim que as palavras saem de sua boca, vejo o contorno da porta se formando.

Visitantes!

Meu ba'clan desliza sobre minha pele tão rapidamente que não me lembro de ter pensado nisso e quando olho para Fi'rox, ele está coberto da cabeça aos pés também.

A entrada se materializa para revelar Adira e um Vullan com um olhar vermelho. Seu companheiro, Fer'ro.

Suas narinas dilatam e eu morro um pouco por dentro quando ele lança um olhar compreensivo na direção de Fi'rox.

— Desculpe-me pela interrupção — ele começa, e Adira fecha os olhos com força, envergonhada. — Meu companheiro tinha certeza que você estaria ocupado. Mas você não parece estar.

Adira me dá um sorriso de desculpas, e eu sorrio para ela.

A voz de Fer'ro fica séria, assim como seu olhar.

— Precisamos falar com você.

Ao sairmos da nave, ambos notamos que a reunião já havia sido convocada.

Todos os vullanos ficam em um amplo semicírculo e os humanos na base ficam do outro lado.

Há uma projeção no meio, um holograma, vindo de um disco que foi colocado no centro do chão de pedra.

— Sabemos o que Deja e Fi'rox descobriram. Nossos drones voltaram e há vários outros desses... ninhos sendo construídos em torno de Scrits que pararam de andar. Sam aponta para o holograma e ele gira, mostrando diferentes imagens da paisagem da Terra com as máquinas em pé com veias vermelhas atravessando a Terra.

Há um suspiro coletivo entre os humanos.

Os vullanos, no entanto, rosnam em uníssono.

— A fêmea que foi resgatada foi... contaminada por essas veias.
— O médico diz. Ele se eleva ao lado de Sam enquanto aponta para o holograma também. — Elas não são contagiosas. Ou seja, apenas em contato com as veias não nenhuma causa reação.

Não quero saber como ele descobriu isso e, conforme nos aproximamos, ele e todos os vullanos olham em nossa direção.

Isso faz com que os humanos olhem em nossa direção também e noto suas sobrancelhas levantadas.

Estou vestindo ba'clan e apenas ba'clan.

Estamos todos nos escondendo e planejando esta guerra juntos, mas me pergunto se isso os faz pensar que estou mais do lado dos vullanos do que deles.

— Como ela está? — Eu pergunto, meu olhar no médico.

Os tentáculos de He'rox se movem quase imperceptivelmente enquanto ele me estuda.

— Ela viverá — diz ele.

— E o bebê?

Não percebo que estou cerrando os punhos até sentir a mão de Fi'rox cobrindo a minha.

— Ela também viverá. — O médico faz uma pausa. — Graças à você.

Uma respiração estremece em meus ombros e percebo que todos estão olhando para mim.

— Você demonstrou grande bravura lá fora, Deja. — É Fer'ro quem fala e pelo canto do olho vejo os humanos se levantarem.

Há muitos de nós na base. Nossos números estão crescendo a cada resgate.

Aqueles com quem estive preso naquele acampamento, e outros que nunca vi antes.

Jillian se aproxima, com um sorriso caloroso no rosto.

Eu a conhecia há pouco tempo antes de Gryken me atacar naquele acampamento, mas o jeito que ela está olhando para mim agora, com amor puro que uma estranha como eu não merece, torce meu coração.

— Em nome de todos aqui — diz ela, — queremos agradecer .

Abro a boca para protestar.

Eles não precisam me agradecer por nada.

Jillian sorri e balança a cabeça como se pudesse ler minha mente.

— Você fez o que todos nós aqui esperamos que um estranho fizesse por nós, se estivéssemos nessa situação. — Ela faz uma pausa. — É preciso muita coragem e força.

Ela me dá outro sorriso caloroso antes de pegar minha mão livre e apertá-la.

Lágrimas borram minha visão, mas eu as impeço de cair.

Não gosto de pensar na merda que passamos lá fora.

Mas saber que mãe e filho vão conseguir é a maior recompensa.

— Agora que vocês dois estão aqui — o médico atende novamente. — Diga-nos... o que você viu?

Eu olho para Fi'rox e aperto sua mão antes de voltar meu olhar para os seres, alienígenas e humanos, ao nosso redor.

Esta é minha nova família... nossa nova família... e vamos lutar até que todos possamos viver felizes e seguros novamente.

Este é o nosso juramento.

É o nosso vínculo.

EPÍLOGO

O bebê sorri para mim do berço que foi feito especificamente para ela.

Suas mãozinhas se estendem para me tocar e não posso deixar de sorrir enquanto pressiono meu dedo contra a palma da mão.

Ela murmura e meu coração se enche de alegria.

O bebê está fora do tanque de regeneração há uma semana, mas sua mãe precisa de mais tempo.

Desde então, assumi o dever de mãe.

Bem, não só eu.

Baby é um sucesso com todas as mulheres na Base Zero. Ela tem um monte de mães que se revezam para cuidar dela, mas gosto de pensar que ela gosta mais de mim.

— Coochi-coo, Baby — eu sussurro para ela.

Decidimos chamá-la de Baby porque ela provavelmente já tem um nome. Quando a mãe dela acordar, finalmente saberemos o que é.

Enquanto isso, Baby ela será.

Ela não parece se importar.

Ela adora a atenção.

Plantando um beijo em sua testa, dou-lhe um último sorriso antes de sair da enfermaria.

Há um esforço de guerra em andamento e, embora a base esteja segura, sei que nossa segurança pode ser ameaçada a qualquer momento.

Enquanto ando pelo corredor, passo por vários vullanos. Eles se curvam para mim, seus olhares piscando para o meu rosto antes de continuarem seu caminho.

As coisas estão ocupadas aqui, ou talvez sempre estivesse ocupada antes de eu chegar.

Os vullanos modificaram as duas naves que eles têm a bordo, adicionando uma nova arma semelhante à que estava na arma que Fi'rox me deu, e também estão ocupados construindo novas.

Essas duas naves voam para destruir qualquer Scrit que encontrarem.

Acontece que o protótipo é altamente eficaz.

Com três explosões poderosas de uma lançadeira, um Scrit pode cair sem que o Vullan tenha que entrar para matar o piloto de Gryken.

Até agora, eles destruíram sete e a ameaça Gryken não chegou perto da base.

Ainda não sabemos por que eles estão aumentando seus números quando suas máquinas podem fazer a matança por eles.

Também não sabemos por que eles estavam construindo esses ninhos humanos.

É um mistério que nos preocupa, mas continuamos a lutar.

Não estou muito longe no corredor quando meu ba'clan sente um movimento perto de minhas costas e um sorriso rasteja em meus lábios.

Fi'rox.

Continuo andando, fingindo não saber que ele está ali.

Ele costuma se aproximar de mim para poder agarrar um punhado da minha bunda ou afundar os dentes nela, literalmente.

Posso sentir quando ele diminui a distância, pairando sobre meu ombro como o diabo que é, quando de repente ouço um arrulho.

Fi'rox rosna.

— Você é terrível em furtividade, Baby.

Eu começo a rir quando me viro para ele para ver Baby enrolada em seu cobertor em seus braços, suas mãozinhas mexendo enquanto ela tenta agarrar as presas de Fi'rox.

— Fi'rox! As outras mulheres ficarão chateadas quando forem para a enfermaria e o bebê não estiver lá.

Ele olha para mim como se não se importasse e eu sei que não.

Baby mostra os braços novamente, alcançando Fi'rox mais uma vez e ele abaixa a cabeça para que ela possa bater em seu rosto.

— Ela está ficando mais forte, Deja. Uma boa lutadora como a mãe.

Eu sei que ele não está se referindo a sua verdadeira mãe e meu coração se aquece, mas reviro os olhos.

— Eu não sou a mãe dela, Fi'rox.

Ele me olha como se não se importasse com o que eu penso sobre isso, e eu rio de novo.

Suas orelhas movem-se com o som, seu olhar aquece, e Baby aproveita a oportunidade para agarrar sua orelha.

Ela puxa com força e Fi'rox rosna.

O bebê murmura.

— É isso. Você ataca onde eles são fracos e não para até que eles caiam — ele diz a ela com tanta seriedade que eu sei que ele não está brincando.

Isso me faz rir de novo, e me aproximo.

— Ah, então suas orelhas são um ponto fraco, não é?

As orelhas de Fi'rox balançam, mas ele não tem chance de levantar a guarda antes que eu agarre sua outra orelha.

Seu corpo inteiro estremece e antes que eu perceba, estou contra a parede.

Ele levanta Baby com uma mão, colocando-a bem acima de nós, enquanto a outra mão agarra meu braço livre enquanto seus lábios se chocam contra os meus.

— Você me tenta, meu fogo.

— Só um pouco — eu sussurro.

Mas nós dois sabemos que estou com calor e excitada.

Mesmo com o ba'clan, eu sei que ele pode sentir minha crescente excitação e quando suas narinas se dilatam e ele vibra, eu sorrio.

— Leve o bebê de volta para a enfermaria.

Eu não preciso dizer a ele duas vezes. Ele sai de cima de mim, embalando o bebê mais uma vez, e então ele se vai.

Eu o observo partir.

Ainda não consigo acreditar que estou acasalada com um alienígena que veio à Terra para destruir os mesmos alienígenas que tomaram meu mundo e quase me mataram.

Mas é verdade

Essa é a minha vida...

E eu não faria nada para mudar isso.

Continua...